3 1761 07046111 6

CARLOS R. ALVARÈS
ENCADERNADOR
Trab. simples e de luxo
Rua do Olival, 262 – LISBOA
Tel. 67 1365

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/poetaseprosadore00bran

JULIO BRANDÃO
· Da Academia de Sciencias de Lisboa ·

Poetas e Prosadores

Á MARGEM DOS LIVROS

· Livraria Cruz · · Editora ·
· Braga · · Porto ·

POETAS E PROSADORES

(À MARGEM DOS LIVROS)

1.ª SÉRIE

Trindade, 11 - 13
2 9951 — LISBOA

De JÚLIO BRANDÃO

VERSO:

O Livro de Aglais (esgotado)	1 vol.
Saüdades	1 »
O Jardim da Morte / *Mistério de Rosa-Branca* (2.ª edição) . . .	1 »
Nuvem de Oiro	1 »
Cantares (2.ª edição)	1 »

PROSA:

Farmácia Pires (2.ª edição)	1 vol.
Maria do Céu (3.ª edição)	1 »
Perfis Suaves (2.ª edição)	1 »
Figuras de Barro	1 »
Garrett e as Cartas de Amor (esgotado)	1 »
Contos Escolhidos	1 »
Memórias dum Amoroso	1 »

A PUBLICAR:

Poetas e Prosadores (2.ª série)	1 vol.
O Pintor Roquemont	1 »

JÚLIO BRANDÃO
(Da Academia das Sciências de Lisboa)

Poetas e Prosadores

(À MARGEM DOS LIVROS)

1.ª SÉRIE

LIVRARIA CRUZ
Editora
BRAGA—PÔRTO

PQ
9001
E51

Oficinas Gráficas da Escola Industrial Infante D. Henrique

A

JORGE DE ABREU

Afectuosamente —
com admiração sincera.

J. B.

O MOVIMENTO LITERÁRIO

O MOMENTO *actual é, em tudo, de velocidade e de vertigem. Dir-se-ia que o planeta gira mais apressado.*

¿A vida está cheia de ambições insofridas e de fumarada asfixiante? Tanto pior para os poetas e artistas, que precisam ainda, como os vélhos astrólogos, de contemplar longamente as estrêlas... «O movimento não é filosófico», exclamava um dos mais nobres, dos mais belos prosadores de França, que se imortalizou com cinco livros apenas, em que esgotou a vida. E, além de lhe não parecer filosófico, Flaubert sentia naturalmente que, para a maioria dos artistas, o movimento excessivo era inestético.

Na realidade, a obra de arte precisa de ser vivida profundamente — e de vagar. Criar beleza, duma maneira genérica, é arrancar de nós mesmos, aos pedaços, a vida interior e misteriosa, que se transfunda em sangue e em génio nas páginas que devam ser duradoiras. E criar é doloroso. De certo modo, um grande artista é um suicida. O mito de Galateia é uma verdade. Os livros imperecíveis saíram da essência mesma do prosador ou do poeta em nuvens de sonho ou em clarões faïscantes, em lágrimas eternas ou em risos esplendentes. E o próprio Flaubert, que tanto prègou o impersonalismo em literatura, respondia sempre: ¿Qui est M.me Bovary? C'est moi!

O valor do verdadeiro esfôrço estético anda mal avaliado. Muito mal. (É evidente que nos não referimos a trivialidades de sua natureza efémeras). Em regra o grande público, ainda culto, não presume o que sejam as horas dum autêntico trabalho literário. Acresce que o movimento social de agora é qualquer coisa desconcertante e ciclónica, e nos horizontes baços mal se descobre ainda a luz redentora que há de guiar os homens. Sôbre ruínas trágicas, regadas por ondas de sangue heróico, parece que irá desabrochar uma flor incomparável e augusta de Justiça, de Bondade, de Beleza, de Idealismo... Entretanto a cerração é densa e as luzes bruxuleiam pálidas. Os poetas

perscrutam como os vélhos áugures — mas perderam, tudo leva a crê-lo, o condão divinatório. A hora do mundo é esfíngica e perturbante.

Mas ao que o escritor se não furta é ao turbilhão estranho da maré montante, e que lhe atira o barco para as vagas revôltas. E emquanto o ambiente social, nas suas tendências múltiplas, vai lentamente actuando, e moldando em formas ainda indecisas as Letras e as Artes — escultor invisível e proteico, esculpindo misteriosamente as criações representativas das várias épocas da História — os nossos poetas e prosadores vão recorrendo à fonte inexaurível e eterna das suas emoções e das suas quimeras... Mas, como dizíamos, ao que êles se não esquivam é ao dinamismo duma sociedade em vertigem, e o movimento bibliográfico de hoje é verdadeiramente estonteante.

Assim, não há tempo nem espaço que não seja para registar o movimento crescente das nossas letras, ou para simples anotações à margem dos volumes.

O «Primeiro de Janeiro» entendeu que, para todos os povos cultos, as Letras e as Artes são a expressão suprema da sua civilização e da sua grandeza. Quis também lembrar nas suas colunas, regularmente e com o desenvolvimento possível, os que nas Letras dedicadamente trabalham, e enaltecer aqueles que distintamente as honram. Cremos que tôdas as pessoas de espírito culto e

de fina sensibilidade lhe hão de agradecer a ideia generosa, educativa e simpática. Pela nossa parte, lisonjeado em extremo com o convite imerecido, temos sincera pena de não poder versar, com vagar carinhoso, todos os livros que nos cheguem, ainda a rever tinta — gorgeios e canções, esperanças e elegias, resplendores matinais, céus de crepúsculo... País de heróis, de mareantes e de poetas, deve de ser longa a falange dos vates. E é curioso: em plena efervescência de mercantilismo e de baixeza, é cada vez maior (e isto consola!) o grupo de visionários da Beleza e do Amor, que vém erguendo no ar, entre as turbas inquietas, os seus frescos molhos de rosas... O movimento da prosa portuguesa é também extraordinário.

Ah! Quem fôra lê-los a todos, um momento esquecidas as agruras terrenas, numa antiga livraria, tranqüila e doce, ouvindo cantar as fontes em dias de beatitude, ao pé da janelinha monástica, por onde espreitassem em flor os galhos dos limoeiros! Outrora o leitor era «pio e benévolo», e o autor usava sempre, no fino dizer de Eça, «genuínos ou fingidos, os punhos de renda de Mr. de Buffon». Agora escreve-se imenso — tudo vai num vortilhão tempestuoso. Já em 1886 afirmava o artista inimitável de «Cidade e as Serras»: — «A ideia de leitura, hoje (que diria êle agora!) lembra apenas uma turba folheando pá-

ginas à pressa, no rumor duma praça. Finda a obra, o escritor, ainda suado e com o jaquetão do trabalho, atira-a para a rua brutalmente. A obra já não é a sábia composição, feita pelos ditames das artes poéticas, para ser agasalhada e encadernada por Mecenas. Ideia ou Imagem deve ser coisa viva, e como tal se arremeça ao redemoínho da vida, para ir rolar com ela, sob o pleno sol».

De acôrdo, Mestre saüdoso e amável — «deve ser coisa viva»... Mas a vida é cada vez mais profunda e mais enigmática, e é preciso vivê-la, senti-la, meditá-la!

10 — 1 — 1920.

«VITÓRIA DE PARSIFAL»

O PRIMEIRO livro que me chegou, gentilmente, nos primeiros dias do ano, e cujas quatrocentas páginas eu li com alvoroçado enlêvo, foi a *Vitória de Parsifal,* de João Grave.

O meu velho camarada tem, como publicista, o arcabouço inquebrantável dos heróis de Homero, e a ventura dum optimismo literário nêste país iletrado, que é talvez o segredo invejável da sua fôrça. João Grave é um trabalhador infatigável. Não se julgue, porém, que esta forma de dizer encubra algum menoscabo para o seu talento. Aplicando-lhe a frase do Nordau ao colorista voluptuoso do *Jardim dos Suplícios,*

«o talento do autor de *Vitória de Parsifal* não está em discussão.» O que está em discussão é se o excessivo trabalho do ilustre escritor é prejudicial ou favorável à sua arte.

Evidentemente, é prejudicial; mas sou o primeiro a convir em que João Grave não pode fàcilmente represar a torrente magnífica da sua inspiração. O seu temperamento estético é asiàticamente exuberante. Êle possui «aquela divina facilidade à Dumas, de criar um romance entre dois cigarros». Mas João Grave tem a justificá-lo, na sua labuta febril e exaustiva, alguns dos maiores nomes da literatura: os de Balzac e de Camilo nos bastam.

O caso de Balzac é mais singular, porque êsse criador prodigioso — êsse grande Estatuário — é um grande torturado. A sua prosa é feita e refeita bastas vezes na revisão das provas incontáveis. Sôbre o texto impresso é que o gigante da *Comédia Humana* refunde de alto a baixo — incomparàvelmente mais do que Eça de Queiroz, cuja primeira redacção, ao contrário do que se pensa, era duma fluidez e dum relêvo de arte inimitáveis. Camilo escreve com facilidade, e emenda pouco.

Ora a obra de Balzac é colossal em bloco — com uma dúzia de obras-primas eternas: a obra de Camilo é portentosa, sob um ponto de vista nacional, também vista em bloco — com algumas

obras-primas inconfrontáveis. E, a-pesar-da sua tortura, o primeiro não consegue ser um grande escritor, ascendendo, de resto, aos altos cimos do génio; e Camilo, que tão pouco refunde, é um escritor admirável.

João Grave é um prosador de invejáveis recursos — luminoso, fácil, poético e rítmico. A sua abundância, se o prejudica, é porque sendo um artista delicioso, não quere cinzelar com mais demora êsse oiro puro, com que está enriquecendo, perdulàriamente, as nossas letras. E como novelista terá de sacrificar por vezes um pouco de equilíbrio, e haverá de acontecer-lhe como aos dois grandes nomes já citados: vai-nos dando primores, de mistura com livros inferiores ao seu talento.

O livro *Vitória de Parsifal,* agora dado a lume, e ao qual apenas ligeiramente nos podemos referir, é um dos seus trabalhos de mais perfeita e comunicativa beleza. Aí se acentuam, mais uma vez, as raras qualidades líricas, que envolvem numa gaze de lilás e oiro a parte mais nobre e mais reflectida da sua obra já vasta. Todos conhecem a lenda de Parsifal, que anda nimbada de astros e de flores místicas nas vélhas crónicas de Cavalaria. Filho do bom senhor Gamuret, morto em torneio, a mãe, receando que o mesmo aconteça ao filho amado, foge com êle para uma floresta distante, para que assim viva em plena

ignorância da vida de aventura, que trouxe ao seu castelo a dôr e a morte. Mas Parsifal encontra na floresta três cavaleiros da Távola — que são afinal o destino a chamá-lo para as façanhas épicas. A-pesar-das exortações da mãe, o adolescente abala. Chega à côrte de Artur, entre carvalheiras druídicas. Logo se bate com o cavaleiro que havia vencido o bravo e bom senhor Gamuret. Seguindo os ditames da Cavalaria, Parsifal avança através de tentações e perigos, por entre sortilégios e ardis demoníacos, esbelto e forte na sua pureza, até que chega a merecer a Lança vitoriosa, e é investido na realeza do Santo Graal.

As lendas de Parsifal variam muito. Provàvelmente foi Chrétien de Troyes (que não chegou a concluír o seu poema, e que teve vários continuadores) quem primeiro entrelaçou a história do cavaleiro à lenda do Santo Graal. Há também um longo romance em prosa, imitado por Wolfram de Eschenbach, e foi do poema dêste que Wagner tirou o admirável drama lírico com que encerrou a série imortal das suas obras.

João Grave também modificou alguns passos da lenda (assim o declara em nota) «interessando-o apenas, sob os duplos pontos de vista estético e moral, os conflitos em que o homem, perseguido pela fatalidade, submetido aos desor-

denados impulsos do sentimento, agitado pela tempestade das paixões e ùnicamente dominado pelo remorso das faltas praticadas, pelo fulgor da crença, pela dor e pela noção permanente do dever, triunfa nobremente de tôdas as tentações, e afirma a sua esplêndida grandeza».

Eis o intuito moral do livro formosíssimo. Parsifal é uma figura radiosamente simbólica, como o autor poderia ter escolhido o nosso S. Frei Gil, por exemplo, ou como Anatole France, com outra orientação de espírito, nos deu Paphnuce.

É uma grande lição de fortaleza de ânimo a que nos dá o moço cavaleiro incorruptível em busca do Santo Graal. Todos nós aprendemos na sua vida excelsa êste ditame augusto: que o verdadeiro triunfo do homem só é alcançado pelo desprêzo do que fôr vil ou efémero, e pela renúncia às paixões que o desviem do seu supremo Ideal. A quem busca alguma coisa redentora e grande, é preciso o coração esplêndido e forte e a candura infinita do Herói. Tudo o que possa poluí-lo, ou desviar-lhe pèrfidamente os passos na direcção traçada pela sua consciência, deve o homem esmagá-lo e vencê-lo — como êsse Parsifal de olhos azuis e virgens. E êle tudo afasta: serpes de amor ardente, acervos de oiro, o imenso poderio da terra, a própria sabedoria mágica, que o conduziria a um nihilismo scéptico.

Como a Fausto, o Diabo espia Parsifal, persegue-o, estende-lhe tôdas as redes, tenta embriagá-lo de ambições e de volúpia. E o moço puro e forte, quási vencido por vezes, luta sempre heróicamente, e caminha glorioso. Se um momento esmorece, logo lhe scintila no céu a estrêla clara que as nuvens iam toldando... Entretanto, esta luta, êste dualismo do Bem e do Mal, é sempre um problema que atormenta os filósofos. Já lho dizia o Diabo. Mas, como lição, o livro é singularmente belo; como arte, o livro é deliciosamente lírico. O autor é sempre fundamentalmente, vascularmente, um nobre poeta. Dissemos-lho quando publicou os *Famintos:* não mudámos de opinião no espaço de vinte anos. ¿Quere isto dizer que lhe faleçam dotes de observação penetrante, raras qualidades de colorista, riqueza formal, uma admirável espontaneidade literária? De modo nenhum. Mas as suas melhores païsagens, os mais perfeitos retratos dos seus romances, as concepções que mais o atraem, até as repetições em que a sua arte se compraz, são sempre dum poeta.

E assim como a vitória de Parsifal lhe vem, afinal, da sua poesia fecunda, e que o redime, o triunfo de João Grave nas letras vem-lhe dêsse condão, que é divino e imortal. ¿O próprio Parsifal, porque o preferiu João Grave? ¿Porque não escolheu, por exemplo, Klingsor, que

foi também cavaleiro da Távola, e que lhe daria a outra face do simbolismo, donde como moralista que é sempre na sua obra, o escritor tiraria a mesma lição profícua? Simplesmente, a nosso juízo, porque Parsifal é mais poético, e o moralista em João Grave anda sempre ligado intimamente ao seu idealismo. O herói quadrava mais ao seu temperamento — e o autor escreveu um belo poema em prosa.

A fantasia irisada de João Grave sacode bem as asas nessa atmosfera de esplendores e de quimeras.

Os quadros são de poema. Fazendo arte dentro da lenda e da ilusão, o escritor pôde doirar as cidades e as florestas de claridades mágicas. Os jardins são de sonho. Os elfos e as fadas esvoaçam. Passam a uma grande lua as plumas dos cavaleiros, como águias brancas. Sob o lampadário amoroso das estrêlas, em noites cálidas e calmas, as tentadoras adormecem em frouxeis de rosas. Os castelos medievais são maravilhas resplendentes, como êsse do rei Artur, batido das ondas gementes do mar de Carnwall; outros são de mármore negro, que se dissipa em fumo, e que o Diabo habita para enganar o herói. E desde a primeira página até à última linha do volume, nós somos empolgados por um pintor mural da estirpe de Burne-Jones, e por um grande poeta lírico.

Poderiamos chamar *Cantos* aos capítulos do volume. Num crescendo de beleza, os três últimos são primores inegualáveis.

O livro deve ter uma larga leitura, porque a poesia e a beleza guardam ainda uma fôrça magnética. Também a música tem uma acção particular sôbre certos aracnídeos. Nas selvas, o fulgor matinal parece extasiar as feras... Quanto ao ensinamento das suas páginas, parece-nos que não será de todo perdido, visto que não há nada inútil na vida, e o moralista cumpre o seu alto dever, moralizando. Mas Parsifal (como mais tarde D. Quixote) cerrou há muito os olhos inspirados e etéreos, tendo junto de si a Lança vitoriosa — e não ressurgirá jámais!

«GENTE NAMORADA»

Quando, há pouco mais dum ano, nos referimos ao *Sangue Português,* que Henrique Lopes de Mendonça vinha de dar a lume, fizemos votos para que o eminente escritor não demorasse a publicação de novas séries de novelas históricas, no género das que constituíam aquele livro admirável. A breve trecho reconhecíamos que o público havia feito connosco os mesmos votos. A primeira edição esgotou-se de-pressa, sintoma excelente e consolador de-veras, numa época dispersiva como esta, e de tam confusa estética; consolador sintoma, porque patenteava que havia quem lesse àvidamente livros como aquele

— tam belo, tam educativo, tam português! Consolador ainda, porque seria grande pena descoroçoar na tarefa magnífica o grande escritor e dramaturgo.

Chega-nos agora, viva Deus! um novo livro — *Gente Namorada.* É também de novelas históricas. Logo o título é um achado precioso. *Gente Namorada* não são apenas as personagens do primeiro plano nos cinco formosíssimos contos do volume. *Gente Namorada* é como que o moto estrelado de tôda esta «gente ilustre portuguesa» — através de tôda a história. Povo de heróis e poetas, é pelo amor que êle se redime de culpas, é pelo amor que é inconfundível e eterno. O seu heroísmo de epopeia tem sempre a envolvê-lo uma claridade de nostalgia amorosa, halo de sonho e graça, aqui e ali sensual, mas onde nunca falta um perfume de piedade e de tristeza...

Gente namorada! É vê-la, desde as brumas longínquas dos primeiros reis cantando e trovando; é vê-la sempre, na figura esbelta dêsse apaixonado da *Flor de Altura* — pérfida como a onda, num dizer de Shakespeare; na *Ala dos Namorados,* cuja flámula verde palpita, sob o imenso velário do céu, como uma estrofe de amor e de esperança! É vê-la em Pedro-o-Cru, cujo azorrague se transforma num látego de estrêlas — e através de tôda a Renascença, e atra-

vés de tôda a epopeia ofuscante, até Alcácer-Kibir, onde os areais ficam floridos de cadáveres de heróis, e com milhares de violas despedaçadas, que são as liras dêsses cavaleiros amorosos...

¿Desde sempre, e sempre, porque foi êste Povo, segundo o historiador, «o mais talhado para o heroísmo»? Porque a heroicidade é ainda filha augusta do amor.

Tínhamos nós dito a propósito do *Sangue Português:* Sente-se-lhe a mão potente que marcou no nosso teatro uma nova época, brilhantíssima, do drama histórico. O movimento da acção não afrouxa; a vibração explica-se pelo poder do dramaturgo. E tudo isso numa prosa colorida e viril, incomparàvelmente evocadora, saborosamente clássica, mas dum classicismo que tem sangue e lágrimas a vitalizar-lhe a linguagem. Costumes, païsagens, indumentária, tudo é rigorosamente estudado, sem que a vasta erudição do autor jàmais esfrie os dons supremos do artista e do poeta. Como acontecia ao grande português de Val-de-Lobos, o coração não lhe arrefece ao perlustrar as crónicas vetustas. Sob o pêso do arnês sente-se bater o coração generoso e forte dos vélhos heróis nacionais... O vigor da raça aí lateja nos feitos de galhardia e de poesia aureolada de heroísmo.

Ao volume *Gente Namorada* quadram as mesmas palavras de justiça. A alma de Portugal

reflecte-se-lhe nas páginas, como a luz do sete--estrêlo nas largas ondas do Oceano... As cinco novelas que formam o volume são cinco obras--primas: comoção viva, ironia, um raro poder de evocação, e nunca a mão do mestre fraqueja criando beleza e drama.

Há ainda um certo imprevisto no desenlace das novelas, que é condão invejável do novelista--dramaturgo. As figuras, menos brônzeas que no *Sangue Português,* mexem-se também com extraordinária vida: amam e sofrem, como essa encantadora Andresa, a lavrandeira enganada; esturdiam com o coração cheio de Portugal, como êsses bravos «Viriatos», na Salamanca inquisitorial e universitária de 1640; são heróicos e humildes como Roque Pinheiro, nessa jóia literária que é a *Sorte do Cambaia*... E as épocas são tratadas com o rigor, com o saber e com aquela penetrante «sensação da história», que valorizam singularmente os trabalhos de escritor tam nosso e tam representativo.

Foi o Romantismo, a que tanto devemos, que nos trouxe também, como se sabe, a novela histórica. «A geração dos fortes, que por suas mãos robustas desbravaram a terra, tornando possível a fundação do govêrno representativo», foi a mesma que proscreveu as fórmulas, em grande parte inertes, do humanismo hirto e do arcadismo artificial do século XVIII. Garrett e

Herculano deixam as suas pègadas de soldados impressas no areal de Arnosa de Pampelido, e entram no Pôrto hasteando no cano das espingardas, com os outros camaradas de guerra, os corimbos de hidrângeas azuis e brancas colhidas no caminho: outra vez a floresta de Dunsinane, convertida agora num jardim flutuante, ao sol de Julho!...

Defendendo com as armas a liberdade espostejada, êles são, ao mesmo tempo, os arautos geniais da nova Estética. Lento e lento, vai-se formando ao seu lado a legião soberba dos que não esmorecem, com talento próprio, em remodelar e arejar uma literatura que cheirava a bafio. Há nuanças, de-certo; mas o sentimento individual tem o vigor e a vida que se diriam fossilizados. A tradição nacional, já desperta e acarinhada pelo exílio, abre as asas iriadas na inspiração da saüdade... «Em todos os países da Europa aparecem espontâneos e solidários os dois movimentos — o do Romantismo, visando a expressão do génio nacional na literatura, e o Liberalismo, ou o princípio da soberania nacional, na política.» Embalde os vélhos desembargadores suspiram; embalde os frades ledores e eruditos aconchegam ao peito Aristóteles e Horácio; embalde o literato Baour-Lormian pede na França, como garantia de segurança pública, a proscrição dos escritores

românticos — e a Santa Aliança quere estorvar a onda potente e criadora: o vento sopra, numa vertigem gloriosa, e espalha as sementes fecundas que florescem. É como nos grandes versos de Hugo, quando a aia murmura à pequenina infanta, a quem o vento esfolha uma rosa na água crespa do lago:

Tout sur terre appartient aux princes, hors le Vent!...

«Explicar a génese dum espírito que se liberta de tôdas as compressões mentais e sociais duma época de decadência profunda, é um trabalho digno de interêsse pela lição que aproveita a todos; mas será maior encanto e assombro seguir essa vivificação maravilhosa duma nacionalidade quási apagada, erguendo-se sentida e imponente na sua obra estética.»

Estas palavras do snr. Teófilo Braga a propósito de Garrett cabem ainda aos que, sem o génio excelso dêste e sem o seu *quid divinatorium* prodigioso, ajudaram a cimentar e a construír o grande edifício romântico. O espírito português ressuscita e incarna-se; e não conseguiram ainda apagá-lo as fórmulas transitórias, nas obras de beleza perdurável e autêntica. Somos um povo de românticos — no sentido profundo e belo da palavra. Todo o resto é epidérmico. ¿Que foi o nosso Naturalismo senão um Romantismo fil-

trado, ou voltado do avesso e visto com outros efeitos de luz?

O insigne escritor de *Gente Namorada* pertence ainda pelos processos, pelo estudo, pela formosura e opulência do idioma, pela amplitude construtiva, à pléiade ilustre dos nossos grandes Românticos. Pertence-lhe ainda pelo amor enraïzado à sua terra, cujas figuras de heroísmo ou de ternura amorosa teem nêle encontrado um raro evocador. Pertence-lhe por tôdas as altas e nobres qualidades de coração e de espírito — que se espelham na sua obra com tam vivo relêvo, e que o põem em foco como uma das figuras mais prestigiosas das letras contemporâneas. E nós pensamos que o autor de *Gente Namorada* continua a prestar um nobre serviço à sua Pátria, com uma orientação larga, que não se subordina a doutrinas mesquinhas. Afigura-se-nos que um neo-romantismo, na essência da sua beleza, é o que há a fazer em letras nesta hora baça e torva. Seja bemdito o amor da terra em que nascemos, linda entre tôdas, abençoada entre tôdas: amor das suas tradições, da sua païsagem, dos homens que nos legaram tamanha herança de glória. Precisamos de nos aquecer a êsse lume benéfico!

BARROS (Primeira Década da «Ásia»)

Já nos referimos em tempos à *Antologia Portuguesa,* e, porque o merece, voltamos hoje gostosamente a fazê-lo. Frisámos já então o valor que, em nosso juízo, teem as publicações desta ordem, o talento e cultura que exigem aos seus organizadores, o trabalho estrénuo que representam, — inestimáveis entre nós, que tam despegados somos de tudo o que marca nas letras, nas artes e nas sciências a mais nobre e mais legítima glória de cada povo. Já então prestámos a nossa homenagem ao dr. Agostinho de Campos, o escritor ilustre, seguramente benemérito, a quem foi cometida a organização da Antologia — publicista cujos

altos dotes de espírito e honestidade de processos valorizam singularmente a tarefa exaustiva e tam belamente patriótica.

Queremos fazer agora referência ao volume ùltimamente publicado, com transcrições da primeira década da «*Ásia*», de João de Barros. O segundo volume — diz-nos Agostinho de Campos — será composto com excerptos da terceira década, «a última que o grande homem reviu e publicou em sua vida, e que alguns críticos consideram escrita com mão mais assente, revelando em tôda a sua maturidade e pujança o escritor e narrador admirável; e o terceiro e último volume com trechos de João de Barros pedagogo, moralista, lingüista e filósofo.»

Êste primeiro volume abre com a *Vida e Obras de João de Barros*, por Manuel Severim de Faria (resumo da edição de 1778), seguindo-se-lhe *Pageniristas e Críticos* — e estudos sôbre *O Homem de Carácter* e *O Prosador*, nos quais Agostinho de Campos tam sagaz e lùcidamente aprecia, sob os dois aspectos, essa nobre e grande figura de Quinhentos.

A antologia referente a João de Barros é dum alto valor cívico, paralelo ao seu raro valor literário. O insigne historiador é uma figura excelsa, a qualquer luz que a vejamos. A estátua não precisa que o tempo lhe vá polindo a pedra; não é necessário que os anos vão carreando

para o esquecimento as fragilidades ou os erros do homem, para ficar apenas o escritor depurado pelo génio. Vêmo-lo «de venerável presença, alvo de côr, olhos espertos e nariz aquilino, barba comprida e tôda branca, magro e não grande de corpo», um grande português que serviu a pátria com tal patriotismo, isenção e talento, que ficará sempre exemplo perfeito e salutar. É de justiça fazer destacar bem, a uma luz nítida, aqueles cujo carácter se manteve intemerato através das vicissitudes duma época em que «floresceram» e se locupletaram criaturas de cobiça insaciável, cujas ambições, mercantilismo e traficância, constituem o reverso da medalha duma enorme epopeia. O historiador da «*Ásia*», pedagogo e moralista sincero, bem merece que o estudem hoje com veneração e afecto. Que o estudem — e que o imitem! «Altruísmo e probidade, nota Agostinho de Campos, são duas molas reais da sua índole. Casa-se cedo; enche-se de filhos; gasta os dias honradamente no ofício que lhe entregam; vela as noites a escrever história; não pensa em enriquecer os seus à sombra do cargo; entrega liberalmente os próprios apontamentos scientíficos a quem lhos pede, e os aproveita depois sem o citar; e quando se mete no negócio da expedição maranhense e esta redunda em catástrofe pessoal e financeira, dá do seu bôlso indemnizações e apanágios às viúvas

ou órfãos dos sócios e vítimas da emprêsa, sem se lembrar que a maior vítima é João de Barros.»

As descobertas e conquistas criaram, como se sabe, a desmarcada sêde de oiro e a chatinagem sórdida de aventureiros do negócio — que nos fazem lembrar êsses que aí vemos hoje, a afundar o país em descrédito e miséria. As épocas assemelham-se de certo modo; mas o século XVI tem os clarões maravilhosos que alumiaram o mundo, e agora temos sòmente, a tornar caótica a vida nacional, uma cabilda de mercantes sem escrúpulos. O Oriente cria-nos também uma chusma de «novos-ricos»: há joias, pedrarias, sêdas, oiro, esplendores. O próprio rei mercadeja infatigàvelmente. «Guarda para si o monopólio de certos géneros da exportação; e, da importação, a pimenta era privilégio seu»... A *Casa da Índia* está abarrotada de especiarias e de coisas esplêndidas. Os mercadores teem de voltar com os sacos cheios de oiro, que não há tempo para lho contar! Pois bem: João de Barros foi provido no cargo de Feitor da Casa da Índia e Mina, de propriedade. «E sendo êstes ofícios ocasião de grande acrescentamento de fazenda aos que o trataram, para João de Barros foram de muito pouco; porque ainda que lhe não faltasse indústria (como quem sabia tanto dos costumes do tempo) sempre se limitou dentro das basílicas da consciência.»

Agostinho de Campos, como educador emérito que é, põe em relêvo, excelentemente, os quilates morais do homem. Honra lhe seja! Bem preciso é sempre acentuar o que valham como carácter os homens nesta feira de doidos, de torpeza e vaidade. E êsse valor moral do historiador da Índia avulta muito mais resplandecente no tempo em que floresceu. Êle contempla os triunfos do *Venturoso*, as festas em que os deslumbramentos do Oriente fazem dessa Lisboa uma cidade teatral, de mágica sumptuosa; e assiste pouco a pouco à decadência, em que a aurora ofuscante se transmuda no negrume das samarras jesuíticas, e nas fumaceiras e suplícios dos autos-de-fé. Nesse teatro imenso, as mutações do scenário são dum fantástico pavoroso. Às águias fulvas da glória, fitando o sol que iluminou façanhas prodigiosas, sucedem-se bandos de corvos a crocitar sinistramente. Sente-se um cheiro a cadáver...

Inabalàvelmente probo, o grande escritor diz também, como Camões mais tarde, que foi amigo da sua terra: «Tempo virá em que serei julgado homem zeloso do bem da Pátria.» Consola os filhos de não serem ricos, mas honrados; e quanto aos que lhe lançam pecha de cortesão — como se naquele tempo pudesse ter deixado mais ou menos de o ser quem «desde a idade do jogo do pião começára a servir no

paço» — nem sempre nos parece excessiva a sua cortesania. Vejam, por exemplo, entre vários passos da sua obra, êste rápido excerpto da *Rópica Pneuma:* — «Qualquer desordem dos reis pagam os povos. ¿E sabes com quê? Com as vidas e fazendas emquanto dura a guerra, e depois com tributos, que a necessidade para sempre ordena. Pois falando em sangue e nobreza dalguns, a quem deram epítetos de magnos, castos, etc. ¿Sabes o Júpiter, o Marte, o Hércules, donde descendem? De Rómulo e Remo, pastores que andavam ao salto: e de Eneias e Antenor, que venderam a pátria, e de outros de tam gloriosos feitos. E se os ouvires contar a ordem de sua prosápia, princípio de seu estado, as divindades e casos que sobrevieram para a confirmação dêle, querem mostrar que são compostos de quinta essência, sem parte dos elementos populares: como se não soubéssemos que o estado real teve princípio em pastores, e o sacerdócio em pescadores, e que a fidalguia comum de agora não é mais que um esquecimento entre os vivos da pequena fortuna que os avós daquela tiveram... Então, se vires as suas águias negras, os seus leões rompentes, a serpe de duas cabeças, os grifos de oiro, os falcões de prata, as estrêlas em campo de sangue, com seus paquifes mais revoltosos que as portas do labirinto, conhece nisso a vanglória dos homens: não há

fera, nem ave, nem cousa acima e abaixo do sol, que seja sem dono. Todos blasonam que houveram seus avós aquelas armas por tam vários casos, que lhes não chegam os de Eneias e Ulisses. E muitos dêstes teem tam pouco parentesco em sangue, vida e costumes com o primeiro que as mereceu, quanta parte tem nos títulos de suas sepulturas.»

Não transcrevemos mais. O trecho é incisivo. Hoje mesmo seria escandaloso entre nobres de linhagem, quanto mais se fôsse recitado nas reüniões elegantes de peralvilhos snóbicos, em cujo anel heráldico não scintilam certamente os vélhos rubis do Pegu, mas umas pedras tam falsas como as genealogias...

Na análise feita ao prosador, parece-me o ilustre antologista duma arguta justeza crítica.

Tive eu um ríspido professor de latim, figura típica, inteligente e pitoresco, de anedotas hilariantes e de estridentes risadas rabelesianas que enchiam a Praça Nova e o vélho «Aguia de Ouro» (e que talvez tenha sido também professor de Agostinho de Campos), o qual, sempre que se traduzia Tito Lívio, falava com ênfase, limpando os óculos de oiro, no *Grande Lívio Português!* O tropo era já um lugar-comum corrente, que vinha dos frades. Eu cuido hoje que o latinista Manuel Emílio Dantas pouco teria lido

do vélho autor da *Rópica* (Deus me perdôe, se é um juízo temerário!) Nós, os rapazes, conhecíamos, quando muito, um ou outro trecho de Selecta. E ficava-nos naturalmente a impressão de que João de Barros, pondo de parte os processos do historiógrafo, era um prosador patriótico, pomposo, um tanto declamatório como o exímio cidadão de Roma, em cujo estilo Niebuhr encontrava o colorido opulento dos pintores venezianos. Mais tarde, ao ler uma parte da *Ásia* e dos *Diálogos,* afigurou-se-me que o *Grande Lívio Português,* se era na realidade um nobre cidadão, como o latino, como escritor era desartificioso e simples. Prosador rítmico, como convinha a quem também poetava (o tratado das *Abusões do Tempo* foi composto em quadras de redondilha), não havia no estilo de Barros arrebiques retóricos de linguagem, decorações faustosas, a eloqüência empolgante do grande orador que fôra o Romano, num povo em que a Oratória era a arte suprema; antes, a-pesar-de latinista e de helenista culto, se lhe sentia a dição natural, harmoniosa e sóbria. Agostinho de Campos, no estudo magistral àcêrca do prosador, exemplifica e demonstra agora, com saber e segurança, aquilo que eu pressentira de leve, e que vejo, autorizadamente, ser uma verdade: «É a metáfora natural, espontânea, popular, filha legítima do génio da língua, quási a única que

se encontra em Barros. Não há lavores, nem pompas, nem preciosismos no seu estilo» — afirma o antologista. E em outra passagem: — «Pode até dizer-se, para fazer compreender o carácter da prosa da *Ásia* a um português de 1920, dotado de mediana cultura, que João de Barros é, pelo seu estilo desataviado, natural e *popular*, um João de Deus do século XVI, um João de Deus em prosa quinhentista!» Em termos que, como escritor, nem lembra Tito Lívio, nem tampouco, como se depreenderia da crítica enfatuada e fradesca, tem parentescos com Salústio, «que mandava reünir pelo gramático Atteius as locuções antigas, e tratava a história como exercício de estilo.» Nada disso. Muito nosso, muito saborosamente popular, rescendendo por vezes a flores silvestres, reflectindo deliciosamente a alma antiga da gleba. Tanto melhor, de certo. «Nenhuma coisa pode ser nacional, se não é popular» — dizia Garrett.

Ora vejam como são úteis as antologias bem feitas, comentadas com a subtil penetração do crítico! O prosador aparece-nos na sua verdade e na sua beleza, deturpadas por tantos que foram levados por opiniões já feitas, ou que talvez o não souberam ler... Saber ler é difícil na verdade! Tam difícil, que importa refazer leituras e leituras, porque os livros são também *um estado de alma*...

Quereríamos, ainda que de leve, falar do historiador. Mas já vai longo o artigo. É-nos grato, sobretudo, chamar a atenção para a personagem egrégia que foi João de Barros. — *«¿ Que obra faz a candeia?* pregunta êle — *Queimar a si mesmo e alumiar a outrem... Os que fizeram obras de merecimento sempre terão louvor; os viciosos sempre vitupério.»*

Nem sempre!...

«A COMÉDIA DE LISBOA»

Desde as *Alvoradas de Abril*, versos ingénuos dos dezóito anos, a que o grande Camilo chamou «a refulgente aurora dum dia que há de ser belo» — até à *Comédia de Lisboa*, que vem de publicar-se, a vida literária de D. João de Castro assinala-se por uma série de magníficos triunfos. E é de justiça esclarecer que o eminente escritor é um publicista sem reclamos, vivendo sempre longe de corrilhos e das palmas das *claques*.

Feitio retraído, e que me lembra um tanto, pela elegância moral, o do grande poeta de *Eloa*, talvez por conhecer demasiado a alma dos homens, D. João de Castro mantém um certo geito

de misantropia. Mas isto, que só lhe fortifica e valoriza os livros, não lhos veste dos loiros com que alguns escritores se glorificam em divertidas apoteoses.

Os seus triunfos, o alto lugar que ocupa nas letras, não são meros efeitos teatrais, com scenografias já gastas de *tournée:* proveem-lhe exclusivamente do seu valor real, das suas qualidades extraordinárias. Que talento não é preciso para criar um público, sem a fanfarra estridente a chamá-lo, sem as luzes de magnésio a alumiar fantàsticamente as bandeirolas rotas e as sanefas vélhas!

Na novela, em que nos tem dado obras-primas *(Redenção, Desonra),* como poeta notabilíssimo *(Alma Póstuma, Jesus, Via-Dolorosa),* e ainda no teatro e na parte da sua obra já vasta de fantasia e análise, D. João de Castro é hoje, sem favores da crítica e por direitos irrecusáveis de conquista, um dos nossos maiores e mais poderosos escritores. Raramente prefere as meias-tintas e as *grisailles.* Muitas vezes é um água-fortista admirável — e a sua *touche* recorda com freqüência a dos grandes coloristas de Espanha.

A *Comédia de Lisboa* é o terceiro volume duma série iniciada pelo autor com os *Malditos,* e de certo modo continuada nas *Jornadas do Minho.* Volumes inteiramente independentes, mas que certas personagens vão sucessivamente atra-

vessando, são todos de análise penetrante da sociedade actual em meios diversos; e como em todos passa uma lufada de ar, que só costuma sentir-se nas páginas de grandes criadores de vida, êstes estudos afiguram-se-me documentos preciosos para a história do nosso tempo, interpretada à maneira de Anatole France nos volumes que subordinou à designação genérica de *História Contemporânea.*

Não se imagine que tais livros sejam falhos de imaginação vivacíssima, de côr, de interesse novelesco e poético. Muito ao contrário. Esta *Comédia de Lisboa* é uma sátira formidável — mas há aí païsagens, notas de arte, costumes, episódios deliciosamente tratados em scenas que se ligam por um fio de acção para retratar a época e os homens. E como tudo isso freme, e se agita, e palpita numa prosa admirável!

As personagens principais dêste livro são puras maravilhas. E ainda nas que passam apenas de perfil, que precisão no traço dominante, que silhuetas inolvidáveis de verdade! D. João de Castro pertence ao número dos que vêem os seus contemporâneos. Muitos escritores e artistas — e podia citar grandes nomes — atravessam o seu tempo sem que os vejam. Viu-os Gil Vicente, Goya viu-os, viu-os Balzac.

O autor da *Comédia de Lisboa* tem os olhos perfurantes como flexas. Possui o condão raro

de desvendar a vida — ou ela se cubra de flores ou de farrapos. Aos homens arranca-lhes a máscara de veludo ou de papelão grotesco, vai-lhes direito à alma, que fica em tôda a sua hediondez ou em tôda a sua beleza. É um raro psicólogo. Tem os olhos em raios X, no dizer de Bouchot.

É certo que o autor, escrevendo um livro de ironia um pouco ácida, desenha muitas vezes caricaturas soberbas. Os seus *portraits-charge* são dignos de André Gill. Mas a vida, em grande parte, é um carnaval tremendo, e o eminente escritor veio dar-nos aspectos da mascarada eterna. Por isso chamou a êste livro *Comédia* — depois de nos ter dado da vida alguns dramas pungentes.

A figura do dr. Pascoal Taveira, ministro «arrivista», deverá ficar na nossa literatura de hoje, como algumas das mais vivas e flagrantes de Eça de Queiroz e de Rafael Bordalo. A de Ninette, sem ser caricatural, é uma delícia perfeita. Essa *lorette* esbelta e ágil é uma criação que não esquece. Dir-se-ia a mais espirituosa *Partageuse* de Gavarni, através do lápis delicioso de Grévin. Mas o número de «figuras e figurilhas» é enorme. O revisteiro Amadeu Castelão, o jornalista Meleças, o elegante Augusto Penteado, são primores.

O ambiente em que os vários actores da *Comédia* se mexem é tratado com um vigor,

com uma mestria, com uma espontaneidade e riqueza de observação admiráveis. Livro, ao mesmo tempo, de grande pitoresco — a pinceladas vigorosas e largas. Tem ar e tem sol, tam indispensáveis à vida dos homens como à vida dos livros. Há scenas de costumes retratadas com uma nitidez e um desassombro de tal maneira mordaz, que nós sentimos que a *charge* é talvez excessiva — para ser mais moralizadora.

Vêmos na *Comédia de Lisboa* a luta, cada vez mais infrene, de ambições insofridas: uma feira de vaidades mais ridícula certamente que a de Thackeray; uma enorme farça mundana, política, literária e artística. ¿É êsse o aspecto dominante, neste vortilhão de manicómio? Certamente que é. Mas também existe ainda, e o autor o anota, o outro aspecto da vida honesta e simples — e que de quando em quando resplandece.

O homem é um animal descontente. Entre as abjecções e as abnegações de que é tecida a existência, sente-se quási sempre afiando as garras o troglodita ancestral. O valor social dos livros como a *Comédia de Lisboa* é de lhe pôr, ligeiramente e sorrindo, uma mordaça doirada. A ironia e a sátira foram sempre terapêutica excelente para as sociedades que desvairam. O grande grego das *Vespas* e de *Plutus* vale por uma legião de panfletários. Os poetas guar-

dam, de tempos imemoriais, o fogo depuratório e os dardos de oiro! Juvenal foi uma torrente de lava esplendorosa; Dante um chuveiro de estrêlas. E que moralista incomparável, cheiroso à terra arada e a flores silvestres, não é o nosso mestre Gil! Não há nada como um espelho claro em que cada um possa ver-se em tôda a sua verdade — em tôda a sua miséria. E é talvez por isso, ao contrário do que se pensa, que os gorilhas o despedaçam...

Mas ao mesmo tempo, para a sensibilidade de D. João de Castro e de todos os nobres poetas, os livros como a *Comédia de Lisboa* — quando escritos com êste poder de vida e com êste relêvo de arte — deixam, através do burlesco e do riso, uma impressão de dolorosa tristeza. ¿Pois não são tristes, afinal, as caricaturas de Hogarth? Não era triste Molière?

«Quando vejo um grande poema ou uma grande tolice, parece que um raio de luz divina desce do céu a alumiar-me» — exclamava Camilo. De acôrdo que há tolices deliciosas. A alegria é tónica como a luz. Mas o riso que nos é provocado pela baixeza humana deixa no ámago das consciências claras, que a fustigam, um ressaibo de melancolia e de amargura...

ÚLTIMOS VERSOS DO ABADE DE JAZENTE

PAULINO CABRAL, o famoso Abade de Jazente, foi um padre elegante, volteiro, jogador e libertino. Também foi gastrónomo, e a isso deveu a dispepsia que o matou, e que hoje lhe haveria arruïnado a fortuna, como o jogo lha arruínou nos fins do século XVIII. As mulheres gostavam dêle — o que tem acontecido a vários abades, que apenas não souberam insculpir em sonetos o pseudónimo das amantes. Também elas contribuíram certamente para o descalabro da sua farta mediania. Camilo, referindo-se à sua vida e aos seus versos, comenta: — «Aqui não há raio de graça celestial nem to-

que de contrição; mas há bastante exemplo para vigários portugueses.»

E havia. Mas grande parte dos abades piscaram velhacamente o ôlho, e não quiseram saber. De resto o Agiológio conta muitos eleitos entre presbíteros frascários, de vida airada. A alguns a renúncia e a contrição vieram tarde — a exemplo do grande maganão do Eclesiastes; mas, como vieram, o céu abriu-se-lhes generosamente num resplendor magnífico.

O Abade de Jazente nasceu em Maio de 1720, na quinta de Reguengo, perto de Amarante. Finou-se em 1789. Nos últimos anos teve, a seu pesar, de renunciar a abadia, e viveu doente e pobre. Lá chegaremos. Mas até aos 60 foi das figuras mais curiosas do Pôrto, onde permanecia a maior parte do tempo. Era assíduo nas reüniões fidalgas da época; concorria aos jantares e aos serões dos bispos, sobretudo aos de D. Frei José Maria da Afonseca, que também poetava; cantava modinhas ao cravo; não falhava nos conventos de freiras, onde glosava; era certo nos lugares públicos freqüentados pela sociedade elegante do tempo, e fazia madrigais às sécias, que se derretiam encantadas. Um felizão, êste abade!

Arnaldo Gama, o eminente escritor, cujo perfil notável ainda não foi estudado a uma luz de justiça, retrata-nos Paulino Cabral num serão dessa época. Figura donairosa, as feições formo-

samente modeladas, testa espaçosa e alta, olhos vivos, dum esplendor scintilante, e, permanentemente, um sorriso de ironia sardónica. Cantou um minuete, letra e música sua — pois também era compositor. Depois do chá, leu parte do *Pomo de Oiro,* obra musical e scénica que o poeta escrevia para um grande abadessado. E o insigne escritor do *Motim há cem anos* descreve-nos, como segue, o Abade de Jazente: — «A batina que usava, à francesa, sem capa e com um pequeno cabeção, que lhe descia apenas até metade do antebraço, era de finíssima lila, e as meias eram de sêda, lustrosas e bordadas. Os sapatos, de salto e primorosamente apurados, eram adornados por umas enormes fivelas *à la Chartre,* feitas de puro oiro. Uma larga e comprida faixa de seda preta, de cujas extremidades pendiam duas grandes borlas, cingia-lhe a batina sôbre a cintura. Usava uma elegante cabeleira empoada, e trazia na mão um chapeu de pêlo de castor, talhado pelo último rigor da moda.» Ah! como as sécias o comiam com os olhos!...

Pelos dois volumes de versos publicados em 1787, apura-se claramente, e sem hipocrisias, a vida de Paulino Cabral. Não temos mais fiéis documentos que os seus versos. Êle caça, fuma, pesca, lê livros franceses — e, sobretudo, joga e ama. A vida, nos anos prósperos, corre-lhe como um barco cheio de flores estonteantes

num rio voluptuário. Ditoso epicurista. O Abade conta-nos como lhe deslisam os dias:

> Ora de Nize no gentil regaço,
> Ora das Musas no sonoro enleio...

São muitas as suas belas inspiradoras: Márcia, Belisa, Filis, Rosa, Anarda... Mas Nize é a mais cantada em tôdas as épocas, e aquela que mais vem a sofrer-lhe a veia epigramática. Um dia, talvez já com a dispepsia a irritá-lo, zanga-se e desmascara-a em público:

> E vejo emfim que aquela a quem eu punha
> Acima das estrêlas, é já agora,
> Em vez de Nize bela, Inês da Cunha.

Aviso salutar às senhoras que gostarem de abade dado a Musas. «Suspeita-se — diz Camilo — que ela, já madura, se fizesse reverdecer em danças com cadetes e peraltas. O padre queixa-se.» Firmino Pereira explica-nos: — «Em 1780, no florido mês de Maio, o Abade já não apareceu na festa que as sécias do burgo organizaram na Fonte da Arca, pela Ascenção. Frei João do Rosário, crúzio erudito e galanteador, que poetava em latim nos serões do bispo D. Frei João Rafael, comunicou que Paulino Cabral, no último jantar em casa do conde D. João de Ataíde, se queixára à condessa D. Constança de «dores que lhe produziam calafrios e vertigens.»

Depois desapareceu, foi para Jazente — não sem deixar saüdades. Era a hora da retirada e das tristezas...

¿Mas a que vem isso? dirá naturalmente o leitor. É que nos dias que passámos na província, afastado de livros, o meu querido amigo Abílio de Magalhães Brandão, que é também publicista muito distinto, teve a bondade de me ceder um volume de versos inéditos (quási todo de sonetos) do Abade de Jazente. São versos dos últimos anos da sua existência. E como é nos seus versos, repetimos, que principalmente temos os documentos da sua vida e da sua psicologia, êste volume inédito ilumina-nos a figura de Paulino Cabral, e completa os dois livros anteriores, em que o Abade floresce em dias irrequietos de amor e mocidade. Como arte, o livro de que tratamos em nada adianta os outros. Temos o mesmo poeta satírico, da veia fácil, em que o verso, em especial o soneto, é freqüentemente esbelto — sem as maçadorias mitológico-gongóricas, sem as lampreias de ovos gratulatórias, sem as farfalhices da época, em que um paganismo de pacotilha anda quási sempre ligado a conceitos dengosos e a um catolicismo hipócrita, que cheira a funcho de sacristia e a esturrinho de frade. Não, o Abade não é um árcade: conta-nos a sua vida sinceramente, em sonetos

às vezes elegantes — não a encobre, nem tenta alindá-la e esconder-lhe os deslises com hábitos de penitente nem com flores de papel. O seu valor vem sobretudo da sua irrecusável franqueza. É um padre já tocado da «peste do século,» como diria o chorudo arcebispo de Tessalónica; saboreia brochuras francesas, êsse grande pecado — um *jouisseur*, emfim, quási *un prêtre de Cythère*, à Voisenon.

Não quere dizer que não haja na sua obra poesias de outra casta: de quando a quando o madrigal desabrocha risonho, e o soneto elegíaco desfolha as suas pétalas roxas... Mas o Abade não está bem no epicédio, posto que os seus carmes sejam bem superiores aos de muitos versejadores do seu tempo. Onde êle está à vontade é na ironia, é cantando os seus prazeres, é na nota licenciosa — é a comer, é a jogar, é no colo de Nize. De sorte que os seus versos são uma curiosa autobiografia — não dum poeta, que êle nunca foi, se dermos à palavra a nobreza e a profundidade que ela exprime, mas dum pecador e dum versificador por vezes delicioso, mordaz, dum espírito vivo — dum homem típico, que representa à maravilha o aspecto predominante da sua época.

O livro inédito de Paulino Cabral dá-nos, como dizíamos, o homem já valetudinário e pobre — a olhar para o passado resplandecente, de

que se afastara com a dor de Boabdil, a ver sumir-se, num crepúsculo de oiro e púrpura, a sua maravilhosa Granada... É por isso um livro edificante e um livro de tristezas — em que o riso nos parece um bando de aves arripiadas a fugir do granizo. Vejam êste soneto!

Ora o jogo, ora a pesca, ora o passeio,
Ora, algum tempo, um livro me entretinha;
Ora na casa alheia, ora na minha,
Dos amigos gozava o doce enleio.

Ora a pintada truta, ora o recheió,
Ora a gorda perdiz na mesa eu tinha.
Sustentava cavalos, cães mantinha,
E via o pátio meu de pobres cheio.

Também versos fazia, e, na verdade,
Mais duma gentil Dama na memória
Conserva alguns, e disso faz vaidade;

Mas tudo emfim lá vai, pois transitória,
Só nos deixa motivos de saüdade,
Depois de ser passada, a melhor glória.

Os males vão-se amontoando, como as nuvens de Inverno. Os crèdores atormentam-no. Surgem-lhe em tôda a parte, espectrais. O padre quere ir habitar os Elíseos — o que é, na verdade, uma ambição desmedida:

Nessa estância dos Bemaventurados
Lograr iria sem nenhuns temores
Êsses campos em tudo afortunados,

Nos quais sem arripios, sem temores,
Sem sustos, sem suspeitas, sem cuidados,
Veria junto a mim os meus crèdores.

A chusma dos crèdores é infernal. O mundo já o não recreia. Nem mesa, nem amor, nem dinheiro. É um exílio talvez tam triste como o de Ovídio. A Nize, já vélha, manda-a procurar um padre rico:

Nize, fica-te em paz; porque eu, já agora,
Inda que dar-te alguma prenda queira,
Se meto a mão na mísera algibeira,
Só tiro dela cinco dedos fora...

Os frades merecem-lhe epigramas mordentes. Às freiras diz adeus, reconhecendo tarde as ilusões por que passára, sorrindo-se dos *pataus*, «vendo do mar de amor o desvario»...

Mas, a-pesar-de tudo, pungem-no saüdades — e deve ter razões para isso...

Emquanto o penitente aprende a dança,
Às assembleias vai, e à senhorita
Ora uma ária canta, ora recita
Um soneto que fez sôbre a esperança,

Emquanto êle isto faz, eu, com piedade,
Também recordo na tenaz memória
Das freiras de algum dia o ralo e a grade...

Emfim, êste livro é elegíaco — ainda quando lhe zumbem as vespas do epigrama. Êsse riso, afinal, tem um travor de lágrimas. Para os gozadores, para os goliardos, para os que fizeram da vida um carnaval e um festim, a derrocada total deve ser uma tragédia sem nome. ¿Teria ao menos o padre os bâlsamos da crença?

O nosso saüdoso Firmino Pereira afirma que, *in extremis,* visitado por um vélho sacerdote que lhe mostrava a imagem dum Cristo horrìvelmente esculpida e horrìvelmente pintada, Paulino Cabral murmurára docemente, olhando o crucifixo:

Quando os meus olhos mortais
Ponho nos vossos divinos...

Fez pausa, e o vélho sacerdote sorria-se, enlevado naquele arroubo místico. Mas Paulino Cabral concluiu:

Lembram-me logo os meninos
Do meu compadre Morais...

que eram ramelosos e oftálmicos.

Nós já ouvimos atribuír a quadra a Faustino Xavier e a outros. É certo, porém, que no livro inédito que folheámos há alguns versos de compunção e de arrependimento. Mas são poucos.

O único soneto fescenino do volume vem publicado, com pequenas variantes, num vélho *Almanaque para rir*, e subscrito por um nome que não é o do autor. Principia assim:

> Meu doutor, que tem esta rapariga,
> Que não é, como dantes, tam andeja?

Paulino Cabral morre, como notámos, em 1789 — quando as labaredas da Revolução Francesa iluminam um mundo novo. Estamos em crer, contudo, que, a-pesar-de padre, se a vida se lhe prolonga, o poeta seria das figuras mais espionadas pelo enxame das «moscas» de Pina Manique.

«ABELHAS DOIRADAS»

Um gentil-homem da côrte da raínha Isabel, referindo-se aos livros que devem fazer parte da sua biblioteca, diz, numa peça de Shakespeare: — «Que sejam bem encadernados, — e falem de amor»...

A obra tam soberanamente bela de Júlio Dantas deveria agradar em extremo, na sua grande parte, àquele bibliófilo amoroso. Ela fala largamente de amor. Não que seja uma obra de comovente lirismo — antes opulenta e variada, quer na sua riqueza verbal ofuscante, quer nos temas diversos que suscitam a côr e o esplendor duma forma impressiva, cantante, de ritmos vivos. Dum cunho inconfundível, que a torna una

e forte, não é freqüente na prosa do eminente escritor o *smorzando* melancólico, a música ondulante e lenta, que Eça de Queiroz levou à perfeição suprema. Não tem as meias-tintas dum Rodenbach, o grande poeta sonâmbulo, nem os esfumados nostálgicos, os tons de poente e névoa, que são tanto das literaturas do Norte, e que haveriam de agradar ao gentil-homem inglês, visto que tôda a sua literatura êles enchem de idealidade e de vago, desde as baladas de Robin Hood até à prosa de Dickens e às elegias de Tennyson. O ritmo de Júlio Dantas é quási sempre um *vivace* — como convém a um grande colorista peninsular, a um fúlgido espírito latino, e a um escritor infatigável numa época vertiginosa como a nossa. Mas na sua obra tam variada de temas e de inspiração sente-se quási sempre um raro psicólogo do amor, evola-se um perturbante *odore di femina* — emfim, aquele filtro indispensável ao gentil-homem de Shakespeare.

O volume *Abelhas Doiradas* vem provar mais uma vez êste asserto. Livro em que o escritor reúne assuntos diversíssimos, — sempre magistralmente tratados, — livro, como todos os seus, dum grande equilíbrio, dum gosto vascularmente artístico, sente-se, contudo, que a Mulher aí domina, na sua psicologia tam coleante como a serpente do Eden. Logo no limiar do

volume o autor nos adverte num luminoso recorte de Teócrito: — « *Zumbem, scintilam como abelhas doiradas, e passam deixando a impressão doce do mel* »... Advertência ainda deliciosa para o gentil-homem de Shakespeare, — que entretanto, como bom ledor da Bíblia, deveria lembrar-se dêsse maganão do Eclesiastes, sôbre quem a Mulher desfolhou tantas rosas, mas que o levou a confessar que « era mais amargosa que a morte, e o seu coração rêde, e as suas mãos cadeias... »

Júlio Dantas é, de certo modo, um La Tour do seu tempo. É apenas sob êste aspecto do seu talento e da sua obra que nos é em extremo grato considerá-lo agora. Que surpreendente galeria de figuras da sua época êle nos não vai fixando! (Não falamos agora de figuras do passado, das quais nos tem dado retratos magistrais). Certamente que uma parte da sua obra é uma espécie de museu de S. Quintino dêste pastelista admirável. Psicólogo e artista incomparável como o grande francês, os seus retratos são maravilhas de verdade — e com a graça, a elegância, o sortilégio irresistível duma arte verdadeiramente aliciante. E é tal o seu poder de realização, que nesta época de beleza tumultuária e extravagante, o grande escritor consegue, sem falsear o modêlo, emoldurá-lo deliciosamente.

La Tour a seu favor tinha o tempo em que viveu. Tinha, a servir-lhe o génio de observador prodigioso, um ambiente de graça encantadora, em que o Amor vai ardilosamente entrançando grinaldas de rosas — que se desfolham como sorrisos, com o aroma dos beijos. O scenário é um jardim maravilhoso de grande ópera. A vida dir-se-ia o barco de Cleópatra, na ebriedade do amor e da volúpia — a caminho da Morte... La Tour retrata o rei e a Pompadour, a própria Maria Lackzinska, dum palor de noviça, o Delfim e a Camargo, bobos e financeiros, filósofos como Rousseau, os *abbés* elegantes, dansarinas e artistas, príncipes e actores, ministros e duquezas, até essa embriagante M.elle Fel, que foi sua amante, por quem morreu doido o poeta Cahusac, por quem o cronista Grimm adoeceu gravemente daquela singular letargia de amor de que Rousseau nos fala. La Tour tinha tudo a dar-lhe sedução e realce à sua arte suprema — desde Versalhes à vida de bastidores, aos jantares de M.me Geoffrin, às reüniões duma gente que fizera da vida um contínuo *embarquement pour Cythère,* onde o espírito esvoaçava com a leveza dos polvilhos, com o desenho fino das rendas, com o inefável encanto das flores. A moda dava-lhe, para certas mulheres, uma indumentária de conto de fadas. Uma retrata-se *habillée dun satin blanc ou courent les*

branchages d'or, les bouquets de roses, les fleurettes, robe d'argent aux grandes manchettes de dentelles s'ouvrant au coude »...

Le magicien, como lhe chama Diderot, tem todos os efeitos decorativos e sugestivos que pretenda — mas possui, sobretudo, além de tôda essa beleza borboleteante e frágil, a vista de lince do psicólogo que deixa ficar a figura eternamente viva! Não há mortos nos quadros dêsse grande Mestre. Da sua galeria de contemporâneos — afirma um grande crítico — ressalta para nós a fisionomia da História. É o condão do génio. Na sua obra há o retrato da França, filha da Regência e mãe de Oitenta e Nove. « O museu de La Tour é o panteon do século de Luís XV — do seu espírito, das suas ideias, da sua graça, de todos os seus talentos e glórias. »

Júlio Dantas, no ponto de vista restrito em que estamos a vê-lo, é, repetimos, um La Tour admirável da sua época. É já vasta a galeria das suas obras-primas. Todos conhecem os *pastels* incomparáveis do mestre encantador. Alguns dos seus retratos femininos são inolvidáveis, a-pesar-da beleza de hoje se mascarar ridìculamente, e da mulher ir perdendo o encanto irresistível nêsse *travesti* deplorável em que a vemos. Reparem, por exemplo, em M.me Z, que é a primeira « abelha doirada » do novo livro de Júlio Dantas. « Pudor, modéstia, feminilidade,

graça delicada, essa melodia de gestos, essa doçura de expressão, que faziam noutro tempo (ainda há cinco ou seis anos!) o encanto da mulher, tinham desaparecido nessa criatura máscula, cuja beleza confusa e contraditória parecia pertencer a um terceiro sexo, descendente, como diria Strindberg, em linha recta do macaco.»

Isto nos diz de M.me Z o seu insigne retratista. Mas no cartão vivo e palpitante, em que o lápis deixa de quando em quando um vinco caricatural, essa mulher positivamente antipática era mais um tipo a fixar — e como o grande artista consegue converter numa obra-prima o modêlo grotesco!

Não assim, felizmente, a *Carriça,* com o chaile preto de tricana, a pele vagamente doirada, os belos olhos húmidos, fatais, cheios de enigma. Não assim Raquel, cuja velhice ainda esbelta nos não deixa iludir sôbre o seu *charme* invencível. Não assim essa encantadora *Musa do Soneto* — e na galeria de figuras antigas D. Feliciana de Milão, que juntou aos seus pecados de amor, para contrapor à paixão e à doçura de Sóror Mariana, o espírito feminino mais scintilantemente sarcástico do século XVII.

As *Abelhas Doiradas* vêm dar ao grande público do eminente escritor — a par de outros estudos admiráveis — alguns retratos a mais, para juntar às maravilhas da galeria esplêndida

— onde mais tarde o contemplador curioso terá de extasiar-se, ao lado do historiador que verdadeiramente o seja, diante do retrato vivo duma sociedade, que não sabe a que pôrto a levará, à falta de estrêlas seguramente guiadoras, o navio-fantasma em que o mundo começou a embarcar para uma Ilha Encantada, que parece cada vez mais distante e cada vez mais quimérica...

«POESIAS DISPERSAS»

Daquele célebre «Grupo dos Cinco», que tenho aqui de fronte, devido a um encontro feliz que fez que se reünissem no mesmo *cliché* fotográfico Antero, Oliveira Martins, Ramalho, Eça e Junqueiro — apenas existe, como era natural, para glória da pátria e para glória da raça, o mais novo de todos, o Mestre divino dos *Simples*.

Não há muito, num estudo notável sôbre Eça de Queiroz, Alberto de Oliveira escrevia: — «Êsses cinco homens revolucionaram, e em seguida dirigiram com a autoridade e a fôrça dum ministério, a Inteligência portuguesa. Uns reformaram a História, outros o Romance, ou-

tros a Crítica e a Poesia. Portugal saíu das suas mãos exprimindo, numa linguagem nova, pensamentos e sentimentos novos. Jàmais antes dêles houve em cabeças portuguesas um tam concorrido e vibrante encontro e tumulto de ideias.»

Assim é, na verdade. Mas se em Arte evolucionaram todos, em formas novas e de rara beleza, no sentido nacionalista, a maior parte dêsses admiráveis iconoclastas, cansados talvez de brandir como grandes fachos a sátira demolidora, ao verem mais tarde as labaredas a crepitar e a esfuziar pelas fendas da cidadela rôta, recolheram-se às tendas, desabrocharam os cinturões das espadas revolucionárias, mudaram de rumo, e quedaram-se confusos aos primeiros arrebóis chamuscantes. A única excepção do Grupo (não falando de Antero de Quental, que já havia partido para a grande voragem) foi Guerra Junqueiro.

A seguir ao canto vergiliano, mas profundamente filosófico, dos *Simples,* o Poeta molda em bronze, onde scintilam lágrimas, a epopeia sinistra, eterna e deslumbrante, do agonizar dum Povo. O seu nacionalismo é lírico, redentorista e épico. É luminoso e é ígneo. Tem o aroma da terra que o Cavador dos *Simples* revolve ao lume de alva, das flores silvestres, do mel e dos fenos rústicos, como as *Geórgicas;* ergue no escudo

diamantino os pobres e os humildes; desabrocha na mais maravilhosa flor de espiritualidade transcendente — mas na ânsia de que a Pátria possa ressurgir dos escombros, numa apoteose de libertação e de justiça. A sua Poesia é feita do luar religioso das serras e do clarão purificador das auroras. Fecunda como a luz e como a relha do arado que rasga tôda a gleba — para a pôr tôda em flor!...

A Arte de Guerra Junqueiro, ao ser nacionalista (e universalista ao mesmo tempo, que é a sua expressão suprema e imperecível) jàmais mudou de rumo. Modificou-se como expressão filosófica; adquiriu novo encanto a forma incomparável, galvanizada pelo génio; mas o cantor resplandecente da Justiça social na *Morte de D. João* é, na *Velhice do Padre Eterno,* o poeta do Idealismo e do Cristianismo puro, — pois não é outra coisa essa tremenda sátira a uma parte do Catolicismo que trapaceia, e sobretudo à do clero descrente e prostituído. De sorte que a obra augusta e formidável dêste enorme poeta é, num dos seus aspectos, de justiça social, de justiça religiosa, e de justiça cívica nos assombros shakespearianos da *Pátria:* — e será ainda, com o *Prometeu Libertado,* se o poeta o escrever, o canto épico e glorificador da universal Justiça. Coerente e conseqüente. «*Point orthodoxe, presque hérésiarque, mais brulé du zèle apos-*

tolique et mystique jusqu'à la vision » — o filósofo e o poeta tinham lògicamente, na sua concepção do Universo, de florir na sublimidade nunca excedida das *Orações,* síntese transcendental da sua obra e do seu sentido da vida, quere dizer, da sua filosofia. « Rezar o universo — diz o poeta — é polarizá-lo no infinito amor. A oração é a canção angelisada, a canção chorada e de mãos postas. »

A sua actividade combativa e religiosa teria feito dêste homem portentoso, no fim do século XIV, um Herói, irmão espiritual de Nun'Alvares: transviado numa época negativista e de baixo utilitarismo, êle é ainda o *Vate,* na acepção antiga de profeta e de poeta, perscrutando divinatóriamente o mistério das cousas, cantando-nos a augusta palavra da Beleza eterna, mas trazendo por baixo das vestes de renúncia e de piedade, como o Grande Monje, o arnês sempre ajustado para os combates magnânimos da Justiça e do Amor.

Os vôos da sua imaginação perturbante, a sua clarividência profunda, aliada a um estudo longo e meditado, consagram ainda o grande poeta como um dos mestres do pensamento contemporâneo. A sua filosofia reduz tudo a fenómenos morais e religiosos: uma *Ética cósmica,* no seu próprio dizer. Empedocles, Plotino, Spinosa, Leibnitz, Schelling, Schopenhauer são

os seus autores preferidos. S. Francisco de Assis e Beethoven os homens que mais admira. Cristo e Buda são para o poeta os símbolos supremos dos super-homens.

A *Unidade do Ser*, quando vier a lume, mais uma vez nos há de patentear, em formas condensadas e límpidas como cristais, tôda a grandeza estranha dêsse espírito. Espírito consolador e amoroso! Divino mergulhador do Infinito monótono e triste, onde as estrêlas mais novas, como Sírius, são as lâmpadas fúnebres de milhões de astros mortos...

*

* *

O volume *Poesias Dispersas*, agora publicado, é, como tinha de ser, o grande acontecimento literário actual. Como o título indica, o livro é composto de poesias escritas em diversas épocas, esparsas em várias publicações mais ou menos efémeras. É, portanto, para quási todo o público, um livro inédito — e que maravilhoso, que incomparável livro!

A lira do poeta é sempre divinamente orfeica. Como a do cantor lendário da Trácia, ela é reveladora e misteriosa; e ao som das suas cordas também a natureza haveria de sentir um frémito de encantamento.

A publicação dêstes versos foi uma ideia excelente. Entre nós os grandes autores costumam ser perdulários. A continuarem esparsas, os leitores perderiam algumas horas do maior arroubo espiritual e artístico que a leitura dessas páginas admiráveis lhes vai proporcionar. Dos verdadeiros grandes homens, nada, absolutamente nada — a não ser o que êles repudiem — se deve deixar perder. Assim acontece nos países em que se mantém o culto das figuras excelsas e representativas — e entre nós não há outra maior e mais genial que a de Guerra Junqueiro. Mas o culto dos Heróis, no sentido de Carlyle, tem por cá, desgraçadamente, poucos fieis. Não surpreende, na penúria espiritual que aí vemos, nesse vortilhão da vida, que se converte dia a dia, hediondamente, numa arena de trogloditas.

A primeira composição das *Poesias Dispersas* — «Manhã» — tem tôda a frescura, tôda a côr e esplendor panteísta das mais soberbas páginas da *Musa em Férias*. Retine e canta como um hino auroreal e nupcial, numa floresta em flor, ao sol de Maio. Outros trechos do volume brotaram da mesma inspiração dionisíaca — que o poeta foi transformando num «helenismo coroado por um budismo», para nos servirmos duma expressão de Antero de Quental. Várias composições pertencem à última fase estética do autor,

como já essa «Lágrima» esplêndida e piedosa, e mais acentuadamente ainda, por exemplo, a «Agonia dum Castanheiro» e «Evolução»... Os versos ao *divino Hugo*, pelo recorte estrófico, pela fluidez do verso, pela essência filosófica e lírica, são bem da sua mais recente maneira. O «Hino de algum dia» poderia ser incluído, pela forma e pela ideia, no *Finis Patriæ* — essa elegia satírica, obra-prima verdadeiramente assombrosa. Mas não podemos deter-nos em minudências críticas neste lugar estreito.

Palpita em todo o volume uma ternura imensa pelos entes que mais ama, em versos em que parece espelhar-se um grande luar religioso, de que se evola um perfume celeste, que vem da alma do poeta como incenso dum turíbulo... Aparece ainda um ou outro trecho do combatente invencível e radioso: a «Canção de Batalha» é um *paean* esplendente. Mas o que passa no livro, sobretudo, são ondas de amor e duma fecunda e infinita piedade... «Antes me estoirem os olhos do que me sequem as lágrimas» — diz-nos algures o poeta.

O poema incompleto que termina o volume — *Confissões* —, é duma grandeza, dum alor, duma harmonia verdadeiramente empolgantes. A Dor, a grande criadora, ao lacerar-lhe o peito, inspirou-lhe êsses alexandrinos inimitáveis, que se espraiam, rítmicos e imensos, como as ondas

do Atlântico... Dir-se-ia que nesses versos, onde as imagens teem um relêvo épico, passa, enchendo todo o poema, um soluço eschyliano — como o vento a carpir enche a abóbada profunda duma noite de melancolia e de preságios, em que os astros teem o esplendor das lágrimas do grande poeta.

«AVES MIGRADORAS»

O volume de Fialho, agora dado a público, não é novo, na sua grande parte. Traz-nos, contudo, dois admiráveis contos inéditos: — *O Sineiro de Santa Ágatha*, e *Eminente Actriz*.

Bastam seguramente essas páginas, que poderiam formar um pequeno volume, para que os admiradores do Mestre folheiem carinhosamente êste livro, cujas fôlhas póstumas nos evocam o escritor em dois dos seus aspectos de mais poderoso relêvo. O *Sineiro de Santa Ágatha* é a evocação em sonho duma vélha abadia de província, abandonada e derruída, sôbre que a superstição e a lenda teceram todo um drama

religioso e demoníaco, de que o evocador portentoso tira efeitos fantásticos, que tanto quadravam à sua imaginação de grande poeta. É um trecho digno das *Noites Florentinas*, e das melhores páginas, no género, de Emílio Gebhart.

Em *Eminente Actriz* temos aqueles aspectos da vida lisboeta, de bastidores e baixo jornalismo, em que uma parte da sociedade nos é dada em manchas e em silhuetas a água-forte, e em que o analista sarcástico faz tanta vez a caricatura blasfemante, vingando assim o sonhador ingénito que êle é, e o nevrópata de sensibilidade em extremo delicada e impressionável. O grande escritor aproveita para vários dos seus contos e impressões figuras dessas, que lhe dão aso a um vocabulário pitoresco e lampejante, em contrastes e efeitos que deleitam o lavrante incomparável. Temos em *Eminente Actriz* o Fialho das scenas de Lisboa — em páginas esplêndidas.

No *Sineiro de Santa Ágatha* está bem ao vivo, como anotámos, outra das facetas da arte e do espírito do escritor — do Fialho do *Violino do Sérgio* e de vários passos inolvidáveis. E estamos em dizer que a sua prosa, dum poder verbal extraordinário, de ritmos vivazes muito seus, de imagens rútilas ou crepitantes — agora nuançadas nas neblinas da visão fantasmática — não perdeu com a idade; antes ia ganhando em

equilíbrio, talvez ainda em cercear aquelas extravagâncias de construção e léxico, que no Fialho moço traziam, como fruto do seu temperamento irrequieto e iconoclasta, os excessos com que a juventude pretende «espantar o filisteu», e marcar audaciosamente individualidade. Afigura-se-me que os últimos trabalhos do grande prosador são mais sóbrios, de composição mais perfeita, como é natural; sem perderem, contudo, em côr e em beleza, e mantendo a sua estrutura pessoal e inconfundível no recorte da expressão.

Essa combinação estranha de ironia e lirismo, vasada numa sintaxe irreverente em desarticular os moldes, com um vocabulário opulento aproveitado do povo e dos clássicos, forrageado na própria Medicina que estudara e nas várias artes e sciências que perlustrava, dava-lhe por vezes aspectos curiosos de *bric-à-brac,* com fulgores hispano-arabes contrastando com as doces coisas portuguesas, em que o grande colorista recordava um joalheiro levantino, comprazendo-se em fazer sangrar os rubis e os carbúnculos, em meio dos aljofres e das pérolas, que lembram tanto o luar... A sua prosa dir-se-ia quási sempre escrita por um boémio de génio, arrapazado e estúrdio, e por um lírico nativo e panteísta, que mergulhando na vida misteriosa e latejante, de lá trouxesse as florescências e a amargura

das suas páginas eternas. Os seus barbarismos, os neologismos híbridos, mas outras vezes deliciosos, as graças de claro-escuro, a sua música, tudo o que constitui isso que é ainda indefinível, o Estilo — fez do autor do *País das Uvas* um grande artista e um prosador cheio de vida, mas perigosíssimo para os plumitivos que lhe foram na peügada. Êle ensopava tanto do seu sangue o que escrevia, preocupava-o tanto a originalidade, ainda à custa de desequilíbrios e exageros, que os sequazes pouco destros ou de temperamento medíocre logo se traíam em decalquistas deploráveis. Êsse «artista único no apercebimento das exterioridades pitorescas, com o simbolismo elíseo dos infinitamente secretos da alma colectiva, amando os simples, buscando a locução com dor parturiente, traduzindo impressões directas e pungitivas como quem só é capaz de criar vocábulo para o que vê, sofre ou medita» — tinha filtros de sedução irresistível para os novos, mas que degeneravam em tóxicos, quando não servidos por um temperamento assimilador, mas com robustez autónoma.

As palavras que transcrevo acima são do próprio Fialho a propósito de Cesário Verde. A sentida devoção literária e a amizade consagrada por Fialho a êsse original e admirável poeta que foi Cesário, tem os laços íntimos duma estética em tantos pontos semelhante, que

as palavras do grande prosador aplicadas a Cesário se adaptam perfeitamente, em grande parte, ao autor dos *Ceifeiros*. E por isso Cesário foi também inimitável. Por isso ficavam logo a descoberto os *pasticheurs* do poeta.

Como vinha dizendo, as páginas póstumas de Fialho afiguram-se-me mais sóbrias e cristalinas. ¿E porque não? ¿Não é êsse o caso natural num artista progressivo? No volume que me sugere estas linhas, há, além dos inéditos, páginas aqui e ali retocadas de leve por Fialho, que não perderam, creio eu, com o retoque. Por exemplo no conto *Pequeno drama na aldeia*, que fôra publicado com o título *Amor de Vélhos*. Mas onde a crítica poderá, com mais segurança, verificar o asserto, é num volume todo de trabalhos póstumos, com mais amor cinzelado e vivido: alguns capítulos sôbre a Galiza, por exemplo, se é que ficaram definitivamente redigidos.

Êstes dias que passam, ardentes e floridos, em que parece ouvir-se em plena vida o hino nupcial das seivas, são bem próprios para evocar o colorista e o poeta que foi Fialho, e relacionadamente um dos homens que êle mais admirou e sentiu — Cesário Verde. Nos dois a natureza lateja e a vida canta dionisìacamente. De Cesário, cuja existência foi tam breve, ficou-

-nos apenas o grupo sem igual de poesias esparsas, reünidas devotamente por Silva Pinto. Mas que revelação a dêsse poeta, que marcou com cem páginas apenas um lugar único nas letras de Portugal! Reparem nisto os prolíficos fazedores de empadas literárias, cujo nome tanta vez vem a ficar soterrado sob o pêso dos calhamaços indigestos. A não ser que a abundância pletórica de certos plumitivos provenha lamentàvelmente dum caso patológico — a obesidade do espírito... Cesário deixou-nos ùnicamente o peristilo duma Arte que sonhara. Por essa maravilha, confrange-nos a mágoa inexprimível de que o poeta desaparecesse em plena aurora, com um talento duma raça, duma agilidade, duma frescura incomparável. Bem sei que há quem responda que é frouxa a emoção dos seus versos — como se o poeta não lançasse apenas o esbôço duma estética que a morte lhe não deixou aperfeiçoar e completar. Pela nossa parte, achamos sempre essa poesia emotiva e viva — e forte, tonificante, pitoresca. Freqüentemente se sentem nesses versos notas profundas e humanas de lirismo, melancolias que esvoaçam como grandes aves tristes, sincero amor dos simples, dos entes que êle adora — e todo um panteísmo enternecido e luminoso, que beija e afaga a gleba, as mais humildes flores, os doces frutos, e em tôrno do qual zumbem constantemente

abelhas vergilianas. Quis fazer versos «naturais» e vivos — que fôssem de encontro às rimas de almanaque, e às fórmulas em voga. E nas estrofes admiráveis há um lirismo novo, há um perfume novo...

O mesmo em Fialho. Um grande poeta que quere fazer naturalismo, às vezes excessivo realismo, a que o arrastam contingências de vida, e a época demolidora em que floresce. Uma ou outra vez é injusto, como não podem deixar de ser os impulsivos que combatem na estacada. Basta citar o ataque a Guilherme de Azevedo. Mas como a sua obra é vasta, milhares de páginas aí estão imperecíveis!

Fialho transigiu com o meio, com a galeria que lhe festejava o «espírito» e lhe provocava os ditos crueis e scintilantes — que até feriam às vezes a sua própria dignidade. Era um *frondeur*, enebriado da apoteose. Como artista excelso, instigavam-no êsses fumos de glória — que afinal o asfixiavam. Como a legião de inimigos engrossava, que de calúnias lhe não assacaram, servindo-se muitas vezes dos seus mesmos paradoxos! Essencialmente, o grande escritor pareceu-nos sempre, e era-o na verdade, uma alma bela e generosa. Lisboa e o «Martinho» perturbavam-no — envenenavam-no. Refugiado no Alentejo, o lírico vascular que era Fialho, expandia-se e alava-se. Mas Lisboa acenava-lhe, como uma mulher

pérfida e fatal — a seduzi-lo. «Imagine, dizia-nos uma vez — não posso estar em Cuba. Ponho uma mesa de pé-de-galo ao ar livre, onde tomo café, e mando um garoteco berrar à minha roda os jornais da noite. Iludo-me. Preciso desta canalha!» Isto era pelo tempo dos *Gatos*. Lisboa ia-o matando, pouco a pouco. Mais tarde fôra-se afastando, já combalido. A lenda comprazia-se em fazê-lo demoníaco e perverso. Pois bastava lê-lo, para se ver que por baixo do dominó satánico que vestira palpitava um nobre coração. Em 1904, dizia-me de Vila de Frades, numa larga carta, a propósito dum livreco que lhe enviára: — «Vejo que lhe mereço alguma simpatia. Bem precisa dela um pobre homem como eu, *tam deturpado e tam desiludido!*» O itálico é meu. Às calúnias e aleivosias dos monárquicos juntaram-se mais tarde as dos republicanos. Já viúvo e só, a sua «organização borboleteante» precisava de repouso. Era tarde. Sonhador transviado, vira que pouco e pouco as quimeras fugiam — como estrêlas cadentes. A sua vida, de que nos conta um largo trecho na Autobiografia, fôra-lhe quási sempre dolorosa. Não a soubera moldar em amor e beleza imperturbáveis, o imaginário incomparável de tantas obras-primas!

Da última vez que o encontrei em Lisboa, conversava com o saüdoso Henrique das Neves, à noite, perto da Avenida. Estava encanecido,

avelhentado, fatigado. Retirava-se no dia seguinte para o Alentejo — onde não viveu um ano. Vi então nìtidamente, mais uma vez, o que sempre notára, através das suas *boutades* e dos seus sarcasmos um pouco teatrais: que aquele grande escritor e grande artista era, para as pessoas que lhe mereciam simpatia e confiança, uma alma encantadora de poeta — que é a que esfuzia, e canta, e sonha na sua Obra, dando-lhe vida eterna.

«D. JOÃO»

A obra literária de João de Barros, acrescentada agora com o poema *D. João,* é duma grande coerência e duma rara honestidade de processos. O autor de *Terra Florida,* de *Anteu,* de *Anciedade* (citando apenas livros em que mais vigorosamente se afirma a sua estética e a sua maneira de sentir a vida) é o poeta da acção, da alegria, do esfôrço entusiástico no sentido de realizar na existência uma obra de triunfo. Essa vitória provém, necessáriamente, da conquista da própria vida, na sua plenitude de prazer e de glória. Não é a vida que nos conquista e domina — quási sempre, ai de nós! hostil e traiçoeira como as cobras. Nós

é que temos de a dominar triunfalmente, manietando as fôrças depressivas, e subjugando a esfinge do destino, como Hércules prostrando o monstro de Erimanto.

Para isso é indispensável uma luta homérica e sem tréguas, em que os homens sejam heróis que se touquem de flores aureolantes, e se envolvam dionisiacamente numa túnica de sol... De resto, já Gœthe dizia, pela bôca de Mefistófeles: — «Teorias são fôlhas sêcas, e a árvore da Vida está cheia de flores!»

Como Nietzsche, João de Barros deve crer nos gregos anteriores a Sócrates. É crer na beleza e na nobreza da raça humana. «É crer que o homem pode realizar um ideal de liberdade, de fôrça livre, de beleza, de graça, de nobreza e de euritmia.»

A obra dêste admirável poeta é todo um *Paean* alvoroçado de vitória; é um grito heróico de reconstrução, e, por isso mesmo, de um grande valor social. Por isso já chamaram «dinámicos» a estes cantores da fôrça, da energia inquebrantável, do amor fecundo e moço. O grande poeta da *Grinalda das Dunas* foi talvez o maior representante, de certo modo, da admirável pléiade. Para nós, lusíadas quási sempre um pouco sonâmbulos e atónicos, a tuba estridente do nosso poeta ressoa como um clarim de batalha, ao subir no horizonte duma al-

vorada esplêndida. Êle Chama-nos à arena do combate, a construír a sua cidade nova — tam quimérica, quem sabe! como a de Campanela... Já nesse magnífico poema de *Anteu,* o herói exclama:

> « A minha fôrça era sòmente a minha fé!...
> Fé na minha ambição de nos tornar felizes
> E de fazer crescer no solo, com raízes
> De amor e de beleza,
> Esta cidade que soubemos pôr de pé
> Numa hora viril de combate e certeza! »

Neste poema *D. João* o autor acentua de novo, com grande intensidade e brilho, a sua maneira inconfundível de interpretar o homem e a vida, isto é, o que êle entende ser o destino heróico dentro dêste mistério insondável e trágico. Para êle, é preciso edificar, desejar ardentemente, numa renovação contínua e vertiginosa de energias criadoras. A figura simbólica de D. João, já tam tratada por grandes poetas, representa, nas próprias palavras de João de Barros « o desejo humano, criador da Vida, fixando-se em beleza e harmonia pelo tempo adiante, sem descontinuar e sem desfalecer. » É o mesmo poeta de *Anteu* haurindo na terra a fôrça vitoriosa, batendo na incude a barra da sua arte ignescente, que ao ritmo largo e belo do martelo faz saltar um turbilhão de lumes auroreais.

D. João aparece-nos primeiramente na cêrca dum convento, trazendo nos braços, raptada, uma linda monja. Está no seu papel lendário, ébrio de paixão e de volúpia. Êsse primeiro canto é logo uma maravilha de lirismo original e magnífico, em que os versos latejam, vibram, cantam esplendorosamente.

No 2.º canto, D. João, que se tem recolhido a um mosteiro, abandona-o, desprezando a vida de contemplação e de renúncia. No 3.º o herói procura realizar na vida aquela «divina Acção, de quem ama e constrói» — e, acompanhado de um noviço que voluntáriamente o acompanha, vai juntar-se aos operários que trabalham na edificação de uma casa, e «mais do que os outros se apressam, como ansiosos de ver a casa edificada, tôda a humana beleza que nela pode desabrochar um dia, todo o sonho que ela deixará alvorecer, tôda a bondade que ela, por ventura, abrigará — e a que êles trazem a coragem de quem não teme o esfôrço sem glória, e o orgulho de quem venceu a dúvida e o receio, vencendo-se a si próprios.»

Carrear pedras — ou erguer desejos
É tudo construír, edificar...
Casas são ninhos: fazem-se com beijos;
Beijos de amor são para agasalhar!...

Eis o sentido do livro. João de Barros não escreveu um poema, cingido aos moldes clássicos. Muito longe disso. Deu-nos um grande tríptico fulgurante de beleza, de côr, de entusiasmo, fazendo do vélho D. João uma figura nova, que não desagradaria certamente ao desventurado filósofo de Rœcken.

O motivo central do admirável tríptico, que se diria de algum dos mestres da Renascença italiana, seria a última encarnação do herói, transfundindo o seu desejo ardente na construção duma cidade nova, para um futuro novo... As abas representariam D. João na sua atitude clássica, — e no homem que, tendo abandonado por um momento a acção, a ela volta, deixando para sempre a imobilidade ascética.

Como vêem, o novo poema de João de Barros, como tôda a sua obra, além duma grande e original beleza, tem o raro condão de ser extremamente *actual*. O momento é de infatigável esfôrço construtivo. É um poeta heróico, que traz numa das mãos a lira de oiro e bronze — e na outra um alvião. Forte e adorável autor, que não peca de scepticismo e ardentemente crê na ressurreição da sua terra surgindo, como uma nova Atlântida, dos escombros da negligência e dêste vélho sebastianismo boémio, que nos afunda. Em grande parte, nós vivemos a cantar o fado. Prestando o ouvido, escutamos

ainda a gemer elegiacamente, as violas e as guitarras de Alcácer...

Em todos os livros do poeta ilustre de *D. João* passa um vento salutar que varre os miasmas e canta nas árvores um epitalámio helénico. João de Barros é o porta-estandarte dos nossos bardos de acção vitoriosa — num ambiente de bondade, de alegria e de beleza. É um optimista esplêndido. Todos devemos cantar seus versos de oiro ardente — e, como o seu D. João, carrear pedras, e fazer cantar o escopro, ao sol levante, no granito e no mármore das grandes edificações do futuro.

«A SOMBRA DE D. MIGUEL»

Vou verificando, cada vez com maior pena, que à nossa história faz uma enorme falta a publicação de Memórias, de Cartas, de Diários. Fica-me a satisfação de ter pugnado, sempre que se me depara ensejo, para que não se dispersem os poucos e preciosos documentos que dêsse género possuímos, e, mais do que isso, de ter sempre apelado para os que possam escrevê-los com honestidade e verdade, lembrando-lhes que se não esqueçam de os deixar aos historiadores futuros.

A História, ainda apoiada sôbre os documentos mais íntimos, mais certos, mais sinceros, é sempre um trabalho de psicólogo e novelista.

Nenhum historiador deixa de reconhecer que os testemunhos históricos são duma grande incerteza, e que a História, em que a imaginação é um elemento essencial, tem muito mais de Arte que de Sciência. A análise dos factos contemporâneos, a cujo desenrolar assistimos, essa mesma está cheia de meandros. A psicologia das figuras escapa-se-nos; há fios invisíveis que mexem os títeres desta imensa tragédia; é sôbre névoas e hipóteses que escrevemos. Renan dizia: «*J'ai souvent essayé, pour ma part, comme expérience de critique historique, de me faire une idée complète d'évênements qui se sont passés presque tous sous mes yeux, tels que les journées de Février, de Juin,* etc.—*Je n'ai jamais réussi á me satisfaire.*»

Para os factos longínquos, que dizer! Tudo é vago, esfumado, precário. Nesse enorme oceano de sombras, tudo é fantástico. As perspectivas alongam-se, misteriosas e quási romanescas, como as áleas dum cemitério imenso à luz dum crescente pálido. O mundo é uma scenografia de mágica. E a História é então feita de retratos, e os maiores historiadores são os grandes pintores e os grandes poetas.

Todos os documentos auxiliam naturalmente o historiógrafo, para que alguma certeza acompanhe a crítica da sua obra. E é sobretudo da parte confidencial da correspondência, dos Diá-

rios e das Memórias, que pode derramar-se alguma claridade no imenso labirinto.

Num opúsculo publicado há anos, a respeito de Garrett, dizíamos nós: — Um facto de ontem — a Abrilada, por exemplo — começa a ser já uma coisa cheia de névoas baças. Os manejos e os conlúios da raínha sórdida, a atitude sinuosa do infante, o monarca enfiado, a segurar a pitada nos dedos trémulos, e a espreitar escondido pelas vidraças mais discretas da Bemposta; depois todo o desenrolar do quadro com campinos e boleeiros; com os diplomatas; com o rebelde carola a rastejar cìnicamente diante do «pai» obeso e sorna, até que no azul delicioso palpitem as asas brancas da *Windsor Castle,* donde o rei, já fungando a pitada e sorrindo, desterra o seu «*libertador*» carinhoso — é um quadro na essência singularmente dramático, um tanto apoucado pelas figuras caricaturais, mas que as *Memórias* e os *Diários* nos alumiariam nos bastidores sinistros e grotescos, como qualquer coisa dos desenhos de Goya, nos *Caprichos.*

A transcrição vem a propósito, porque é exactamente o excelente volume do sr. dr. Carlos Babo — *A Sombra de D. Miguel* — que nos sugere estas linhas. O ilustre escritor deu-nos um livro primoroso de factura e de processo, e valiosíssimo, porque o escreveu sôbre cartas e documentos inéditos. Viva Deus! Desta feita não

se perderam êsses papeis curiosíssimos. São êles a correspondência trocada entre o dr. Cândido Rodrigues de Figueiredo e Lima, nobre e simpática figura do vélho Miguelismo, agente de D. Miguel no norte de Portugal, e António Ribeiro Saraiva, ministro, em Londres, de D. Miguel. Além dêsses, muitos outros documentos importantes enriquecem o livro, e alumiam a História. Entre êles, pelo lado pitoresco, o célebre *Vade-Mécum,* na íntegra, cifra de vários nomes figurados para o movimento restaurador, — «afim de poderem escrever, ainda pelo correio, sem serem pressentidos»...

Quantas coisas haveria a rabiscar à margem do volume do sr. Carlos Babo, se aqui fôsse lugar idóneo! Nêle assistimos à organização do movimento realista, aconselhado de Londres, *sem demora,* em 1844 — movimento de que dependia seguramente a vida ou morte do Miguelismo. Assistimos depois às opiniões desencontradas, às duplicidades, à falta de dinheiro, a tôdas as vicissitudes de tais conspirações e movimentos. Vemos as opiniões de Saraiva e de partidários de Londres e de Roma, opondo-se à vinda a Portugal de D. Miguel — «para que o movimento tenha um carácter fortemente nacional,» emquanto o Dr. Cândido — *Cândido por nome e Cândido pelos sentimentos,* — como dizia o padre Casimiro, pede insistentemente a vinda

do seu rei, que comunicará mais vivo ardor aos revoltosos, e até desaferrolhará cofres teimosamente fechados...

Da fresca Itália,
País distante,
Qual terno amante
A nós virá!

Não vem, descansem! A fragata *Pérola* de 1828 não apagou ao príncipe as lembranças do embarque na *Stag!* A passagem apoteótica para Braga, em 1832, não lhe varreu da memória o regresso, nem a marcha tremenda a caminho de Sines! Não vem!...

Emfim, os documentos são preciosos, variadíssimos, mostrando-nos que a História se repete quási sempre, e que os homens variam pouco nesta furna de lobos. É de grande ensinamento, e de grande pitoresco, essa época em que o Miguelismo tenta uma restauração, com a vinda do Macdonell, o *Ébrio-bife,* com a Maria da Fonte, com o padre Casimiro, com o padre João do Cano,—e até com o Veríssimo, único «D. Miguel» disponível, que inaugurou aquela deliciosa côrte de S. Gens de Calvos, em 1845...

Então como sempre, a mesma intriga a referver e a queimar as raras flores dos princípios e da ingenuidade política! O triunfo dos *ama-*

relos, como hoje se diria; a dissolução dos fieis; as fusões mais inexplicáveis de elementos heterogéneos — estando ao lado dessa fusão o próprio D. Miguel!...

O livro do snr. Carlos Babo elucida-nos muito, e é uma lição proveitosa. O *modus faciendi* é primoroso — combinando os documentos com o diálogo, como que emoldurando as personagens, dramatizando o assunto, entressachando a crítica com lucidez e graça, não fatigando nunca — obra seguramente de historiador e de artista. Entretanto, convém não fixar juízos definitivos sôbre certos homens — Saraiva, por exemplo. Os ventos que sopravam em Londres eram naturalmente muito outros, para um diplomata, daqueles que sopravam em Trás-os-Montes. Precisamos de mais documentos, que haveria decerto no espólio do ministro, para conjugar com estas suas cartas, aliás preciosíssimas. Os *Diários* recentemente publicados não são ainda suficientes.

Com as comoventes exéquias ao dr. Cândido na igrejinha de Santa Eulália de Anelhe, e com a dissolução da Junta de *Marco Aurélio* (pseudónimo do doutor), assistimos aos últimos lampejos dos homens «de antes quebrar que torcer», vencidos pela solércia, pelo oportunismo, pela maleabilidade política dos seus correligionários. Dêsses defensores da Legitimidade, ino-

centes na sua fé, que tudo sacrificaram e sofreram por ela, ficava apenas a saüdade duma grande quimera. Quimera em tudo, é mister confessá-lo!...

Sempre se me antolhou muito paradoxal e sibilina a legitimidade de D. Miguel. Não quero agora discutir se, ainda excluído D. Pedro da sucessão de Portugal como estrangeiro, foi excluída a *linha de primogenitura*—sendo D. Maria da Glória portuguesa, porque assim nasceu, quando o Brasil era parte integrante de Portugal. «Eu, primogénito, posso alhear e perder o direito que esta qualidade me atribui; mas eu não posso, com êsse meu facto, prejudicar direito de terceiro, nem destruír direito adquirido». Assim clamavam eloqüentemente os «malhados». De resto, D. Miguel havia reconhecido a sucessão de seu irmão, jurando a Carta e contraíndo esponsais com a sobrinha, e mais ainda aceitando a regência do reino, como lugar-tenente de D. Pedro, prestando de novo juramento, ordenado pela Carta. Uma verdadeira salsada de troca-tintas. Mas a ilegitimidade de D. Miguel procede do facto insofismável dêle não ser filho de D. João VI — quando todos consideram D. Pedro filho legítimo do rei. E não se compreende como, sabendo-o tôda a gente, os patriotas de Lisboa ergam no escudo, como

legítimo soberano de Portugal, o filho do marquês de Marialva!

Que D. Miguel não é filho de D. João VI afirmam-no todos os memorialistas estrangeiros, que passam em Lisboa — a quem não fica tam mal a indiscrição. Não há «corcunda» graduado que o não saiba. Numa carta do tempo, em que se fala numa reünião elegante a que o Infante assistia, diz-se que também «*estava o pai*». O pai era o marquês. O facto é coisa corrente, e perde até o sabor escandaloso, pela freqüência dessas *partidas* de Carlota Joaquina. Só D. Pedro, D. Isabel Maria e D. Ana eram filhos do rei. Aos outros conhecem-se os progenitores de mau gôsto.

Mas há mais — e muito melhor! «Em 1802 — escreve o ilustre publicista Pinto de Carvalho (Tinop) — o príncipe D. João teve a tontice de dizer, perante vários membros do corpo diplomático, que se não considerava como pai do recem-nascido D. Miguel, porque havia dois anos que não tinha relações conjugais com a mãe.» ¿Que mais quereriam os defensores da legitimidade indefectível? Enigmas da psicologia política, que é cheia de incoerências, como a dos grandes amorosos. Bem sei que podem retorquir que D. João VI não impugnou o filho: *Pater is est, quem justæ nuptiæ demonstrant!* Tinha que fazer o adiposo soberano se se resol-

vesse a essa tarefa infindável. Nem lhe sobrava tempo para rilhar o frango assado, no cantochão de Mafra! Entretanto, afirma o snr. Alberto Pimentel *(Última Côrte do Absolutismo)*, que D. João VI pretendeu sempre protestar contra a pouca vergonha do direito romano e a fecundidade da mulher. A seu cunhado Fernando VII deitou carta, queixando-se dos «*multiplicados indícios de desafeição e traição.*» E o ilustre e fecundo escritor, que considera também o marquês de Marialva, D. Pedro, como pai de D. Miguel (o marquês faleceu em Paris, na qualidade de ministro de Portugal), conta-nos a seguinte deliciosa anedota:

«Muito dado a damarias, a morte do marquês de Marialva causou sensação entre as parisienses de mais fáceis costumes. O famoso conde de Lavradio, que ali era então secretário da legação portuguesa, foi instado para cortar madeixas ao cadáver. As apaixonadas do marquês disputavam-nas. E como o marquês fôsse calvo, o conde de Lavradio ia retalhando a cabeleira do morto, e distribuíndo, como autênticas, as madeixas»...

Os denodados paladinos da «Legitimidade pura», positivamente *blagueavam*—áparte os que andavam em êxtase, convertendo o seu infante no arcanjo, cujo gládio ignescente viria salvar a Pátria da canalha refece. Fr. João de S. Boa-

ventura, num sermão perante a côrte, berrava que havia três meios de dar cabo dos «malhados»: *enforcá-los, deixá-los morrer à fome nas prisões, dar-lhes veneno.* Felizmente ao tempo da planeada restauração de 1845, tudo isso se havia modificado. Então indicava-se de Londres, aos ingénuos e aos puros, a fraternização com aqueles que o fradalhão beneditino queria envenenar e enforcar! Sopravam outros ventos... O exílio fôra conselheiro mais acomodatício e solerte. Aquela «legitimidade de bom quilate», em que Maternich, talvez irònicamente, falara a Ribeiro Saraiva, era um enorme *bluff!* A mentira política é das mais obcecantes e das mais contagiosas!

«O SANTO CONDESTÁVEL»

António Corrêa de Oliveira há tempos que vem a cantar para o Povo (naturalmente em redondilhas, que são o dizer métrico que o Povo melhor entende) as grandes figuras da Pátria, os seus preclaros feitos — e as tradições que ficaram a revestir a História, como as heras afagantes e verdes vão revestindo e enfeitando as ruínas, e o luar as envolve num largo sonho poético...

Não sei quem disse já que êste grande poeta era um vélho aédo, um rapsodo errante. Nunca o foi mais, na realidade, do que com os seus «folhetos de cordel». Os tempos é que mudaram, e o cantor não precisa de saír da sua casa

florida, entre o Mar e a Serra, porque a Imprensa benèficamente lhe leva e lhe espalha, como trigo sagrado, a sua voz e os seus Versos... Nas eras remotas e lendárias vê-lo-iamos peregrinando pelas claras terras da Hélade, a fronte cingida pela tira de lã purpúrea, a túnica solta, a cantar à lira façanhas de heróis e as grandezas do seu berço natal, recebendo em troca os pomos frescos ou os favos odorantes de mel. O que é melhor e certo, é que o poeta guarda ainda o condão augusto daqueles seus raros camaradas míticos, a quem as Musas vinham beijar em pessoa nas vélhas grutas, onde a fonte era ainda a voz doce das náiades — ou nas florestas divinas da Tessália... A sua lira guarda ainda o carme misterioso da vida que enche o mundo: escuta-se-lhe num eco a voz dos deuses no panteísmo religioso que lha inspira.

Nos folhetos agora publicados, Corrêa de Oliveira evoca-nos o Santo Condestável, e fala-nos da língua portuguesa, encarnada em Camões. O primeiro dêstes poemas compõe-se de três quadros admiráveis de concepção e de forma: *No Cêrco de Lisboa, Batalha de Valverde, A Despedida da Terra.* É o Nun'Alvares heróico, cujo ferro resplende numa língua de lume ofuscante, — cujo arroubo místico transfigura nas visões maravilhosas do Agiológio, — e depois

de purificado na expressão suprema da renúncia e da Santidade.

No *Cêrco de Lisboa,* Nun'Alvares ensina ao Mestre, acendendo os fogachos do castelo de Palmela, que a vida do homem, como a vida dos povos, deve ser um hino, ainda nas grandes crises, de Esperança e de Fé redentoras. De feito, em meio dos horrores da peste, «quando lhe viram o pendão hasteado em Almada, e as trombetas a atroar os ares, os supersticiosos cuidaram que vinha um anjo de extermínio, mandado por Deus: tal era o terror que infundia o seu nome.» Em Valverde, depois do êxtase — «largaram, guiados pela bandeira sagrada do Condestável, partida em quatro campos, em que se confundiam aereamente, batidas pelo vento, as imagens da alma mística, os brasões do sangue fidalgo, perfumes de santidade, reptos de heroísmo, concatenados pelos braços vermelhos da cruz floreteada dos Pereiras, fundindo assim, fantasmagòricamente, o céu e a terra, envolvendo tudo numa rajada de milagre e de alucinação.»

É a nossa Joana d'Arc. As visões luminosas descem-lhe do alto, como o arcanjo S. Miguel à divina Lorena. As hostes do mestre de Santiago lá vão levadas num roldão de milagre, como as hostes de Bedford ao maravilhoso fulgor da Heroína.

Na *Despedida da Terra,* o poeta esplendidamente nos fala de Nun'Alvares morto. «Todo Portugal está de joelhos, naquelas santas exéquias, derradeiros ofícios de saüdade e despedida: vem o povo, o rei, os infantes, a raínha, a princesa, aias e pagens, cada qual com suas armas e insígnias sôbre os alvos trajos de dó.» Um soluço imenso, como o dum grande mar nostálgico, enche o espaço... É Portugal que chora.

O Mestre de Avis exclama:

> Ó meu Irmão e meu Conde,
> Porque me deixas ficar?
> Dentre a chama que te esconde,
> Estende a mão, donde a onde:
> Leva-me ao céu, par a par!

Bela morte de Herói transfigurado em Santo — daquele que acabára na virtude mais áurea, na mais rasteira humildade, numa caridade fecunda como o sol e vasta como a dôr. Trôpego, curvando-se, êle beijava o escapulário do seu vélho criado fr. João Gonçalves; levava a esmola aos presos; na cozinha do convento tinha a caldeira de cobre dos ranchos da sua hoste, para nela se fazer também a ração quotidiana dos seus novos companheiros de armas: os pobres de tôda a redondeza. Fr. Nuno, arrastando-se em muletas, o corpo quási acabado, no seu

hábito feito em pedaços, distribuía em pessoa o caldo. Os mendigos cantavam em côro...

Assim nos conta o historiador sôbre a crónica. Nun'Alvares não disse, como a loira pastora de Domrémy, que viera ao mundo para amparo e consolação dos miseráveis: *Dicens quod erat misa pro consolatione pauperum et indigentium.* Mais veio, de facto. E nêsse campo foi talvez maior do que Joana de Arc, que, salvando a França, queria ser o bâlsamo dos que, como ela, nasceram humildes e simples... A renúncia do Condestável é mais patética, não sendo menos amorosa. Dêle podemos dizer como Anatole France da grande Iluminada: — *La loyauté avec laquelle elle servit son roi va droit au cœur de ceux-là, bien rares, qui gardent le deuil de l'ancienne monarchie. Elle vécut, s'arma, mourut pour la France, et c'est ce qui nous la rend chère à tous indistincement.*

Dans la gloire et dans la victoire, elle aima les humbles comme des frères: par là, elle nous est douce e sacrée. Notre démocratie moderne ne peut que vénérer sa mémoire.

Também todos nós temos de adorar o Condestável, cândida e suprema flor da alma da Raça, Herói beijado pelo clarão celeste e acariciador da maior grandeza humana, alma divina e pulcra como um fulgor de luar. São raras as figuras, cuja grandeza abarca as mais opostas

épocas. A séculos de distância, sob as correntes mais diversas que conduzam ou desvairem os homens, ao fragor das doutrinas mais antagónicas, todos podem ver nêle ainda um Santo da sua Crença...

Nos momentos de crise, quando as desventuras atiçam o nosso eterno amor da terra em que nascemos, a figura excelsa enche fantasmáticamente todo o horizonte, mostrando-nos debaixo do hábito roto de carmelita, aquele mesmo arnês que mostrou no convento ao espanhol extático. É a grande alma heróica e mística de Portugal.

Foi por isso que os Filipes mandaram esconder todos os retratos, despedaçar tôdas as esculturas em que o Povo havia canonizado o Herói. Era inútil. Há clarões que não se extinguem — irrompem através de tôdas as caligens, e de tôdas as noites pavorosas. Derrubado dos altares, não se apagava para olhos portugueses a imagem sagrada do Padroeiro, recortando-se no nosso azul como um arcanjo épico. E a juntar-se à sua luz eterna, outra começava a crepitar e a subir lentamente — para não se apagar jàmais. Eram os *Lusíadas*... Tam certo é que nós vivemos de Ideal!

Devemos confessar que, ao contrário de Joana de Arc, o Santo Condestável foi um homem feliz. Realizou na vida o seu enorme sonho na sua

maior amplitude. Morreu cercado de bênçãos e de amor. Até tem sido feliz com os poetas que o cantam! Joana de Arc, talvez pior para ela do que a fogueira, ou é deformada pelos vélhos vates numa truculenta heroína, ou quási coberta de ridículo por êsse deplorável Chapelain, provocando a Voltaire a sátira irreverente, que fazia o gôzo espiritual dos Enciclopedistas e dos salões do tempo, elegantes e incrédulos. Êste nosso divino Condestável, já desde a meninice em Flor de Rosa, traz a asa dum anjo a protegê-lo. É ver, nos poetas. Basta a grandeza única dos tercetos de Junqueiro, maravilha em que a figura se ergue enchendo o céu e a terra, em que passa um largo vento de epopeia religiosa — até êstes grandes versos de Corrêa de Oliveira, ao mesmo tempo simples e profundos, em que há ressonâncias de órgão e de avena encantada!

«MANUAL DE HISTÓRIA DAS ARTES PLÁSTICAS»

O snr. Moreira de Sá, que ainda há um ano nos deu o primeiro volume da *História da Música,* realiza, juntando-lhe êste *Manual,* uma obra que não representa apenas uma vasta erudição e um trabalho largo e exaustivo, mas uma singular benemerência. Faltavam-nos, deploràvelmente, essas duas obras preciosas — e o estudioso via-se sem recursos para o conhecimento, em sínteses claras e perfeitas, das várias épocas que elas tam lùcidamente tratam, — e continuarão a tratar nos volumes subseqüentes. Por agora temos de agradecer ao fecundo e notável escritor o seu pri-

moroso *Manual de História das Artes Plásticas*, que nos fazia grande falta — e connosco lho deverão agradecer todos os que se interessem pelas manifestações de Beleza, com que o homem parece vir através dos tempos, e segundo os seus estádios de civilização e de cultura, a tornar a vida mais doce, e a iludir, enfeitando-a de graça, a sua irreparável miséria. Desde o troglodita, gravando em dentes de mamute ou desenhando a côres nas paredes da caverna, até ao génio proteico e incomparável dum Leonardo de Vinci, o homem esforça-se por embelezar a vida, idealizar a vida... E emquanto a Verdade lhe foge como a sombra duma nuvem, êle, ao passo que a civilização avança, procura cada vez mais rodear-se de ilusão e de beleza, que lhe doire a alma dum arrebol de luz, quando crê, ou que lhe faça um momento esquecer a sua fraqueza e a sua miséria, quando nada mais enxerga do que inanidade e fumo...

A Arte é um refúgio consolador e amigo. Ela é também uma forma de religião benéfica. O seu poder educativo é tal, que Orfeu levava em êxtase, ao som da sua lira, as pedras tôscas e as feras da Trácia. É tal o sortilégio da beleza e da graça, que os juízes do Areópago não puderam condenar Friné, vendo-a desnuda. Ainda aqueles que a Acção empolga, e de quem faz triunfadores e condutores dos homens — é na

Arte que se refugiam, como num banho lustral de sonho, que lhes varra do espírito, à maneira dum vento aromático e leve, os fantasmas da realidade pavorosa. Júlio César vai para as batalhas, como para um festim: coroa-se de heroísmo e de beleza. E ainda na morte, o semi-deus quere caír com a grandeza duma estátua, com a beleza e a serenidade duma estátua. Por isso êle é «o herói dos poetas» nas palavras exactas de Napoleão a Lemercier. E já que falámos do grande Corso, quantos dos homens de armas da sua epopeia se não refugiam e buscam alento na Arte, para entrar em combate ou depois das batalhas. ¿Daquele Gouvion de Saint-Cyr, marechal de França, que é feito dêle, depois de se bater como um leão, terminada a refrega? ¿Onde está? ¿Onde pára Saint-Cyr?! — Ninguem sabe! Vão dar com êle num recanto dum convento abandonado, ou entre grandes árvores, só, extasiadamente, a tocar violino...

Na realidade a Arte é redentora — «*a única flor da vida.*» E é ao calor do seu beijo, ou espargindo piedade, que o adorável pessimista de Danzig nos ensina a cobrir de algumas pétalas imarcescíveis e fragrantes, a infinita e universal amargura... ¿Que nos fica sem ela? Poeira, que o vento arrasta; fumo, que o vento leva!... Assim o pensaram os vélhos gregos — e por isso largamente amaram e criaram beleza, no choque

das escolas contraditórias e das teorias efémeras. O seu scepticismo envolviam-no de alguma coisa consoladora e amável. Tinham razão. Os sistemas filosóficos iam ruíndo aos poucos — para apenas ficar em cada um o génio dum homem, como uma luz de estrêla a sumir-se nas névoas... «Os grandes filósofos da antiguidade coroavam o seu sistema do mundo por uma Poética, e eram judiciosos» — afirma-nos um belo, um preclaro espírito. Tam certo é que nada temos seguro, e que na imensa ilusão bem precisamos de florir de Sonho, de Amor e de Beleza as largas estepes da vida!

No movimento social de hoje em dia, que se alastra no globo, não sabemos ao certo o lugar que a Arte ocupará na Cidade Futura. Afigura-se-nos que a maioria dos novos sociólogos não se demoram demasiado sôbre o problema estético. É provável que a Arte seja coisa frívola para êles — e ainda há pouco vimos a notícia de que haviam sido expulsos da Rússia dois músicos ilustres, cuja actividade se não compadecia com os cánones sovietistas. Mas tudo isso é uma ilusão e um êrro de espíritos obcecados! A Arte vem, como dizíamos, da caverna ancestral. Nas suas modalidades mais bárbaras, nas suas expressões mais subtis ou sublimes, o homem precisa dela intrinsecamente, como que vive dela, e é

no seu colo que descansa um momento a fronte cada vez mais enrugada e cada vez mais pálida... À nova *Terra da Promissão,* os obreiros, depois de fatigados e desiludidos, não tardarão a ver que lhes falta êsse consôlo antigo, que um pouco os compensará de tanto esfôrço e sofrimento dispendido na construção duma Cidade, cuja perfeição é tam quimérica como a de Campanela, ou como as miragens da «Utopia» de Morus. À maneira dos antigos filósofos, os modernos sociólogos devem coroar também o seu sistema por uma Poética...

Os músicos expulsos serão chamados; hão de voltar para tocar a elegia da vida, o eterno descontentamento da vida. Música talvez parecida com vélhos córos orfeónicos dos trabalhadores slavos, onde parece que um vento de humildade e de infortúnio passa, deixando na alma uma lágrima imensa... E de novo as Artes mais belas voltarão a florescer na Cidade, tam indispensáveis ao homem como as flores que dão perfume, e as árvores que dão sombra — perfume que faça sonhar e esquecer, sombra que refresque as longas caminhadas febris. A Arte é essencial ao homem — no canto ou na estátua, na pintura ou no livro, com o seu adorável cortejo de artes menores e subsidiárias. Podem despedaçar-lhe as exteriorizações plásticas; outras virão substitui-las abundantemente. Ela é a raiz misteriosa

e atávica que nos prende ao Ideal e nos conforta. A sua bênção de luz não se apaga. Como a Fénix, ela renasce maravilhosamente das suas cinzas. A República de Platão viria a ser, com certeza, um viveiro de poetas...

O primeiro volume do *Manual de História das Artes Plásticas* dá-nos noções e ensinamentos preciosos, desde os baixos relêvos paleolíticos até à grande pintura quinhentista. Trata de arquitectura, escultura, pintura, artes sumptuárias e decorativas. Como convém ao seu fim didático, o livro é escrito com rara clareza, e ao mesmo tempo naquele português correctíssimo, que tanto caracteriza os trabalhos do insigne publicista. É útil que registemos o facto, quando na maior parte dos volumes de Arte e de Sciência a linguagem é tanta vez desnacionalizada. O snr. Moreira de Sá, sôbre qualquer assunto que escreva, é sempre um prosador de elegante pureza.

O *Manual* é opulento de noções variadíssimas de história geral, ligadas naturalmente com a história da Arte. Assistimos à evolução das formas em todo êsse largo período de séculos, e as notas críticas, de seguro ensinamento, traça-as o autor dando os caracteres fundamentais das épocas e das figuras de maior relêvo. Àcêrca de Portugal, e quanto possível em livros dêste

género, somos esclarecidos com indicações utilíssimas, que nos volumes futuros mais se prestam a ser desenvolvidas. O snr. Moreira de Sá, numa idade em que é natural que se descanse, não repoisa um momento. Honra lhe seja, ao trabalhador infatigável e ao mestre excelente! Êste *Manual,* como a *História da Música,* exigem a nossa gratidão sem reservas. Bem se lhes poderia gravar na capa a legenda do vélho príncipe — « Pola Grey. »

«PRIMEIROS VERSOS»

É o segundo livro póstumo dado ao público, da série a que em tempos fizemos referência. Traz-nos os *Primeiros Versos* de António Nobre, desde 1882 a 1889 — três anos antes do aparecimento do *Só*. Por êsses versos acompanhamos a evolução estética e literária do autor, e, como quási sempre acontece, aí vemos o gérmen que devia florir mais tarde nas composições definitivas do poeta. Para o estudo crítico tais livros são documentos preciosos, ainda que não encerrem, como êste encerra, tantas páginas da mais pura beleza.

As poesias que compõem o volume, na sua grande parte datadas, não vêem, contudo, por

ordem cronológica. Melhor seria que viessem. Há repetições desnecessárias, e deparam-se-nos lacunas tipográficas que prejudicam a edição. Mas não é isso estôrvo para a análise das tendências líricas do poeta admirável e desventurado, cujo perfil se recorta nítido na minha saüdade, pálido e romanesco, a capa sôlta como se batesse ao vento asas negras de preságio...

Percorrendo os seus *Primeiros Versos*, encontram-se as formas preferidas pelo poeta, certas influências literárias de todos os que começam, modificações por que algumas poesias foram passando pouco a pouco, incluíndo até as repetições de temas, de estrofes e imagens predilectas, que afloram na inspiração dos artistas em composições de épocas diferentes. Assiste-se, por assim dizer, à *maquette* em barro da sua obra futura, ainda irregular e incompleta, mas onde já tomam vulto, na modelação incipiente, as tendências essenciais do escultor. Grande parte do António Nobre do *Só* está nos *Primeiros Versos* — fragmentàriamente, em linhas já bem claras ou em esfumados tons. Está aí o seu lirismo ingénuo e meigo, ansioso duma nota inconfundível, que procura certo geito extravagante, como o poeta o procurava no vestuário, duma aparente negligência e duma simplicidade característica, que era uma forma elegante de dandismo. Está aí o seu amor ao Mar, onde eu

o vi algumas vezes, em tardes elegíacas, mergulhar as mãos pálidas — como quem afaga um ente que se adora. Está aí um ou outro perfil daquelas raparigas inglesas, esbeltas como certas figuras de Lawrence, que lhe atraíam o olhar enamorado. Já aí perpassa a Morte, a ceifeira implacável e eterna, não como ao depois tenebrosa e fantástica, mas ainda como uma visão de balada, cuja foice tivesse um brilho vago de lua-nova... Está aí aquela nota de enternecimento por doentes e humildes, e certas excentricidades, às vezes dum macabro pueril, com que Baudelaire encantava, e que eram então ainda — ai de nós! — de distinção e de elegância. Está aí o seu Orgulho (espinhos com que êle defendia a delicada flor da sua sensibilidade) e o seu feitio de solitário romanesco — que em Coímbra vai viver numa vélha tôrre, e que em Paris usa um hábito de burel, e vive quási sósinho a interrogar-se e a remexer no brasido das suas dores. Mas o que há ainda em muitos dêstes *Primeiros Versos* é alegria e confiança. O caír das ilusões é ainda literário. A melancolia é cortada de canções e de clarões aurorais. Há poesias cantantes, rompentes como hinos. Asas brancas no azul. No claustro do seu futuro convento de renúncia, há craveiros em flor.

Mas pouco a pouco, acompanhando as datas, vemos que a luz se torna crepuscular. Diversas

composições das mais recentes épocas, pela essência e pela forma, poderiam ter já sido incluídas na 1.ª edição do *Só;* e algumas foram, na verdade, aproveitadas em parte pelo poeta.

E visto que a forma é o vestido de sentimentos e ideias, é curioso ver como esta se foi modificando em António Nobre, que, como o seu malogrado companheiro Eduardo Coímbra — que aos 17 anos publica êsse encanto dos *Dispersos* — é, desde a sua iniciação literária, um lírico que prefere as formas regulares e simétricas da poesia do tempo. Os seus alexandrinos, por exemplo, são plenos, fluentes, com a cesura dos alexandrinos românticos. Mais tarde o poeta modifica-os, para lhes dar um recorte fora do usual, quebrando-lhes o andamento isócrono do ritmo — quando começam a aparecer as alterações formais do Simbolismo.

Todos nós, que a êsse tempo poetávamos, fizemos o mesmo, e já não há hoje discutir que o Simbolismo enriqueceu largamente os ritmos. António Nobre, contudo, foi mais longe: não é raro que o poeta use certas discordâncias propositadas, que eram uma prova de elegância e de procurado desleixo. Também Verlaine «*est de ces musiciens qui jouent faux par refinement*», diz um crítico eminente; mas logo confessa que muitas vezes «*l'accent était nouveau, singulier, profond*». Com Nobre acontece o mesmo. E a

1.ª edição do *Só*, impressa em Paris sob os auspícios de Léon Vanier — o editor de tôda a juventude simbolista de 1890 — prova-nos exuberantemente as simpatias do poeta.

Vem a ponto relembrar um facto. Num vélho número da *Revista Ilustrada*, o escritor insigne de *Os meus amores* acompanha dum artigo entusiástico os iniciadores do Simbolismo entre nós — dêsse Simbolismo que, em quási todos, não passou dum nacionalismo com ritmos novos, ansioso do Ideal e do Vago que o Naturalismo afastára... E vê-se que Faguet afirma com razão que a única lei em Literatura de que não duvida, é que a um período de sensibilidade e de imaginação se sucede um período de observação, e que a um período de observação se sucede outro de imaginação e de sentimento.

A êsse pequeno grupo, a que tenho a honra de pertencer, chamaram desdenhosamente *Nefelibatas*. Já os Parnasianos debutaram em França com o desdém de vária gente grave — para passarem em breve a serem citados na Sorbonne. Os nossos simbolistas entraram também depressa na Academia.

As influências e simpatias literárias, quaisquer que elas fôssem, não desnacionalizaram António Nobre. Vive em Paris, mas os seus versos estão

sempre cheios de Portugal... Para o Bairro Latino leva as saüdades e as tintas da sua pátria:

Moínhos ao vento! Eiras! Solares!
Antepassados! Rios! Luares!
Tudo isso eu guardo, *aqui* ficou:
Ó païsagem etérea e doce,
Depois do Ventre que me trouxe
A ti devo tudo o que sou!

«Lusíada» angustiado, *não ama os poentes de França,* e grita aos pintores de Portugal que pintem a sua terra. Canta as capelinhas brancas, romarias, procissões, os pòveiros e as lanchas, e evoca costumes, païsagens, figuras doces e amigas. Doente, não concebe Beleza que não seja misteriosa e triste — como Baudelaire. «*Il a des sens de malade, mais une âme d'enfant; il a un charme naïf dans la langueur maladive; c'est un décadent qui est surtout un primitif.*»

¿Estas palavras de Lemaitre a propósito de Verlaine não se ajustam perfeitamente a António Nobre?

Depois, pouco a pouco, vão-se acumulando nostalgias dolorosas. As nuvens oirejantes dum crepúsculo outoniço, que ainda se esfarrapavam no mar como águias quiméricas dum grande sonho, adensam-se cada vez mais presagas. A doença vai-o cansando e minando. À sua delicadeza tam

impressionável tudo parece hostil. À sua bondade ingénita, aos castelos fantásticos que edificára, chegam pavorosos os uivos da alcateia. Viaja, e só encontra enfado; procura a solidão, só encontra amargura.

Vi a Ilha loira, o Mar! Pisei terras de Espanha,
Países raros, Neves, Areais;
Cantando, ao luar, errei nas ruas da Alemanha,
Armei na França minha tenda de campanha...
E tédio, tédio, tédio e nada mais!

Cada vez mais tristezas, cada vez mais saüdades! Como Shakespeare, afirma que a felicidade era não ter nascido. O desalento invade-o, como se vogasse em cerração imensa, por um imenso mar... O corvo de Edgar Poë ouve-o o poeta crocitar constantemente, abrindo as largas asas sôbre a Vida... A antiga e promissora Ilusão parece-lhe um escárnio. ¿Para onde foi a Esperança? ¿Onde é que fica êsse palácio da Ventura?

E o *Só* apareceu, «o livro mais triste que há em Portugal», no seu próprio dizer. Êsse livro é realmente uma autobiografia e uma elegia enorme. Dir-se-ia Soares de Passos através do Eclesiastes — a que António Nobre desse a poderosa individualidade do seu talento, todo perfumado do encanto rústico, meigo, saüdoso da sua terra.

O volume, duma beleza estranha e perturbante, foi um breviário de almas nevrosadas e desfalecidas, da legião melancólica dos que perderam a fé, e nem tinham vontade, segundo um verso do poeta, de subir aos alcantis para ver ainda o sol... Aos que sinceramente sofriam, juntou-se, recitando êsses versos, uma mocidade neurasténica, ociosa, sem energia nem coragem. O que em António Nobre provinha de ser um grande poeta, vencido em plena vida e em pleno sonho de glória pelo enigma inexorável dos destinos, parecia também à rapaziada snóbica ou incapaz dum esfôrço de virtude ou de heroísmo, o livro apregoável e único.

Contrapuzeram-no aos versos de Cesário Verde — o poeta admirável da Acção, da vida laboriosa e criadora. Como se pudesse haver confronto entre os dois poetas! Cesário é o fruto dum Naturalismo que o seu lirismo tornou incomparável, — lirismo em que há orvalho matinal e abelhas fulvas, e que, através duma melancolia que só não sente quem o não souber ler, protesta a alegria triunfante da Vida, a altivez do lutador aureoiado de sol, para quem o esfôrço, o trabalho fortificante, a saúde, e um vasto amor panteísta são temas preferidos, em contraste com a languidez ultra-romântica. Cesário arvora o balsão rútilo dos combatentes por um ideal de Fôrça, de luz fecunda e tónica. Em

data, foi o nosso primeiro poeta «dinâmico», como modernamente chamaram aos cantores da Energia, discípulos de Verhaeren.

Como um grande francês, Cesário poderia ter escrito:

«Un frisson venu de l'abîme,
Ardent et splendide à la fois,
Avant d'y se tourner anime
Les blés, le sang, les fleurs, les bois.

Soleil! gloire à toi, le vrai père,
Source de joie et de beauté,
D'énergie et de nouveauté,
Par qui tout s'engendre et prospère!»

António Nobre, como está dito, foi o Poeta do desalento e da renúncia...

Êstes *Primeiros Versos* fazem-me reviver tempos duma já longínqua mocidade. A doce e adorável figura do poeta ergue-se aos meus olhos nostálgicos, pelas tardes de Leça, quando a lua já deixava nas águas a «Estrada de S. Tiago» — por onde as ilusões caminhavam numa branca procissão de noviças, que iam depois naufragar nas voragens. Estou a ouvi-lo dizer os *Males de Anto,* reclinado num barco, que a chaga rubra dum poente como que fazia boiar num rio de sangue...

Quantos males, Senhor! Que Hospital! Quantas doenças!

O que eu scismava ao ver passar os carpinteiros,
Cantando alegres e fumando, galhofeiros,
A tiracolo a serra, o martelo e o formão...
Vinham, quem sabe! de acabar o meu caixão!

No fundo da água vi uma fotografia...
Jesus! Um vélho! O seu cabelo, assim ao lado,
O mesmo era que o meu, todo encaracolado!
O rosto ebúrneo! o olhar era tal qual o meu!
E o lábio... Horror! Fugi! Êsse vélhinho era eu!...

Oiço-lhe ainda mais tarde palavras cansadas e resignadas — fôlhas de oiro que o Outono já desprende de grandes árvores tristes — e que ainda me falam da inanidade de tanto esfôrço e da eterna vaidade da vida. E ao eco lugente dessas palavras do poeta, eu digo com um belo espírito latino: — «*Ah! le sentiment de la vanité de toutes choses, quel opium pour l'orgueil, l'ambition, l'amour, la jalousie, pour toutes les vipères qui grouillent dans notre cœur, quand nous n'y prenons pas garde! Quelle joie de passer, puisque les autres êtres ne sont rien et passent!... Oh! comme cela fait accepter la vie, ce court voyage à travers les apparences! et comme cela fait accepter la mort!...*»

«TRANCOSO — HISTÓRIAS DE PROVEITO E EXEMPLO»

As histórias que formam o sétimo volume da *Antologia Portuguesa,* com que o talento e a benemerência de Agostinho de Campos vem enriquecendo, para o grande público, a nossa bibliografia clássica, são como que as avós saüdosas e encanecidas, mas ainda revendo graça de mocidade florente, dos contos e novelas de Portugal. Em grande parte inspiradas pela tradição popular, trazem aromas silvestres deliciosos. A sua voz antiga é ainda viçosa e harmoniosa. E tenham tido ou não precedentes na Espanha, entre nós são as primícias do génio nacional, desabrochando ingénua e lin-

damente na candura das nossas primeiras novelas.

Dando-lhes forma literária, Trancoso que não era, como êle próprio declara, um «douto varão», não lhes deturpa nunca o carácter nativo; e, se faz adaptações, passa-as pelo filtro do seu temperamento de folklorista, veste-as da sua prosa, que mais tem do povo que de cultos, e pouco se diferençam no trajar e nas falas das que do povo ouviu — que é o filão de oiro sempre precioso da sua mina.

Da Itália é incontestável que várias dessas histórias trazem reminiscências. A snr.ª D. Carolina Michaëlis cita-nos as colecções de Sacchetti, Straparola e Bocácio. Trancoso não o encobre tampouco, nem tinha razões para o encobrir. A sua alma é invariàvelmente lisa e clara. E, como seja um moralista sincero e honesto, está sempre longe, se aproveita algum tema de fóra, das escabrosidades decamerónicas, que certas edições francesas estão vulgarizando largamente — para gáudio de frascários e aperitivo afrodisíaco.

Basta folhear os contos da Antologia, para toparmos em certas narrativas a influência italiana. A história encantadora de *Grisélia* passa-se «nos confins da Itália, mais à parte do Poente, região alegre e deleitosa.» São palavras elucidativas do excelente Trancoso, que lealmente nos deixa transparecer a origem da no-

vela. *O Duque Justiceiro* é Alexandre de Médicis, e as scenas sucedem-se nos arredores de Florença. Em Florença se passa igualmente a história do *Avarento castigado*. Em Veneza e em Ferrara decorre o conto do *Fiel Sidónio*. A historieta que fecha o volume da Antologia fala-nos dum português, ourives de prata, que mostrou a um duque de Florença ser um artista sabedor e arguto, desbancando os seus camaradas florentinos por bem executar suas tarefas, e a tempo — coisa que ainda hoje para nós é «de proveito e exemplo», que por cá fazemos tudo tarde e a más horas...

Todos nós temos de saüdar carinhosamente, enternecidamente, estas histórias. São elas, como diziamos, as avósinhas amoráveis e piedosas da nossa Novelística, donde procedem tam variadas e complicadas maravilhas. Vêm com os seus trajos simples e discretos, sem garridices que destoem da compostura do seu porte, sem atavios que pudessem desconceituá-las ou levassem a desconfiar dos seus ditames, obrigando os nossos avoengos a resmungar, pitadeando-se, o aforismo que se refere às prédicas daquele vélho e solerte Frei Tomás — *persona grata* em extremo a tantos moralistas... Longe disso. As histórias de Gonçalo Fernandes são conselheiras virtuosas, avisadas e amigas.

Dá vontade de lhes beijar os cabelos brancos. Seus dizeres, sempre honestos e claros como água, andam tam perto da tradição oral, que é dêsse parentesco que resultou principalmente a sua vasta leitura durante mais de dois séculos, e a razão intrínseca de nos chegarem ainda agora com a graça de pétalas frescas, condão que só o povo, ou os que aprendem com êle, conseguem transmitir às narrativas.

Ao insigne antologista devemos mais o serviço de nos dar o melhor oiro de Gonçalo Fernandes, depurado e arrancado a edições raras e erróneas. Não é de pouca monta o favor, convém repetí-lo — poderem todos ler por baixo preço, e sem glossários, os nossos belos clássicos, cujas edições antigas custam os olhos da cara, quando as há, fechadas como estão a sete chaves pelos nossos adoráveis bibliófilos — que nunca as leram.

*

* *

Sendo os contos de Trancoso essencialmente educativos, entremeados de sentenças judiciosas e cánones morais, cumpre-nos atentar não só na lição dessas histórias, mas em outra lição não menos proveitosa — o motivo que deu nascença às narrativas. Nós não sabemos se Gonçalo Fer-

nandes é efectivamente de Trancoso, o que daria à ilustre vila dois Gonçalos que a honram — êste e o Bandarra. O que está apurado é que o nosso moralista habitava Lisboa por ocasião da «peste grande» de 1569, e que «para desanuviar o espírito assombreado pela morte da espôsa, de dois filhos e dum neto, se meteu a escrever o livro, que o tornou célebre».

Foi, pois, no refúgio das letras que Trancoso procurou e encontrou alguma consolação para as suas dores cruciantes. As letras e as artes foram, em todos os tempos, um lenitivo a grandes infortúnios. Emquanto uns se inutilizam, nos desvairos da dor, e resvalam na perdição de vícios; emquanto outros alucinadamente se suicidam, ou procuram numa ascese imobilizante o esquecimento de amarguras profundas — Gonçalo Fernandes entrega-se a escrever os seus contos, que talvez por nascerem duma tragédia lancinante são tam ungidos de bálsamos morais e piedosos. Mais uma vez, entre tantas, as letras se mostram redentoras e amigas. E talvez mais uma vez não seja defeso ao psicólogo avaliar os quilates morais dum homem de quem tam pouco sabemos, nascido no primeiro quartel do século XVI.

O autor das *Histórias proveitosas* devia ser de bôa alma, que mal aninhasse sentimentos malévolos ou ruins. O seu cristianismo era verda-

deiro e cândido. A vida há de ter-lhe corrido lìmpidamente, à maneira da veia mansa dum rio que espelha a verdura das margens. Não por nos dar narrativas ingénuas, em que a bondade, a justiça e a virtude florescem: estamos fartos de pedagogos, cuja vida moral é uma caverna fétida, e cheios de amorais exibicionistas, que no fundo são uns pobres diabos à cata de reclamo. É freqüente toparmos humoristas, que intimamente passaram a vida a carpir-se, como Swift, autores cómicos que foram quási elegíacos, como Molière, elegíacos que abundantemente riram, beberam e gozaram a vida... Mas em Trancoso o caso é muito outro. Homem simples, evidentemente, quer tenha sido mestre de latim, como lembra o snr. Teófilo Braga, quer professasse a arte caligráfica, como conjectura Sousa Viterbo, quer tenha exercido qualquer profissão secundária na organização judicial do seu tempo — como, sempre no campo das conjecturas, opina sagazmente Agostinho de Campos. E o ilustre escritor, depois de fixar que o criador da nossa novela não deixa transpirar em tôda a sua obra a menor preocupação de latinista, não faz citações em latim, nem tem reminiscências clássicas, argumenta com mais probabilidades, a nosso ver, que os outros comentadores: — « Trancoso mostra, na escolha dos assuntos, acentuada predilecção pelos casos de justiça, e de tribunal,

como se vê dos contos: *Alma Tabelioa, O Filho Deserdado, A Letra do Testamento, Os Dois Amigos, O Avarento Castigado, O Fiel Sidónio.* Trata dêsses assuntos com uma minúcia, precisão, propriedade nos termos, e até, visìvelmente, com amor de verdadeiro profissional, comprazendo-se em citar os dizeres textuais das sentenças e dos testamentos, o que torna o seu livro de precioso ensinamento para os jurisconsultos que pretendam conhecer a tecnologia jurídica vernácula do século XVI, tanto mais que as obras magistrais de Direito eram nessa época geralmente escritas em latim».

Homem de cultura mediana, portanto, que busca na elaboração dos seus contos uma distração espiritual, que lhe minore os sofrimentos; e homem de alma bela e generosa, que, arpoado pela dor, alanceado pela saüdade dos entes mais queridos, arrebatados dos seus braços amorosos, não deixa no transcurso das suas páginas acidez nem blasfêmias!

A dor é mãe de santos e mãe de scelerados — a pedra-de-toque do nosso ser moral. Leva ao céu ou ao inferno. A prosa de Trancoso brota-lhe duma crise tremenda, e reflecte-nos o homem moral como num espelho puro. Brotar-lhe-ia crispada e revôlta, se fôsse mau e amargo. Não se trata dum artista, aproveitando emoções num certo intuito estético, nem dum douto ca-

nalizando o seu sofrimento em dizeres filosóficos. Uns e outros bastas vezes nos iludem... Gonçalo Fernandes é verdadeiro e simples. Fala com o coração nas mãos — e o seu coração é de oiro. A dor leva-o ao bem, instintivamente, como um pássaro preso ainda canta, dando alegria e suavidade aos que o ouvem. As mágoas trazem-lhe à tona da alma flores cristianíssimas. E nós, que tão pouco sabemos da Vida — sombra leve e perdida entre milhões de sombras — talvez possamos afirmar ao lê-lo, conhecendo a razão por que escreveu os seus contos, que a sua alma era amável, resignada e bôa, e que a sua vida presumìvelmente foi, como as suas histórias — « de proveito e exemplo »...

«CAMILO HOMENAGEADO — O ESCRITOR DA GRAÇA E DA BELEZA»

A CASA de S. Miguel de Seide está reedificada. O Museu Camiliano instalado. A Comissão ilustre e benemérita, que levou a cabo essa obra, entregou em Novembro passado à Camara de Famalicão o prédio reconstruído. O snr. José de Azevedo e Menezes, a rara e inquebrantável energia dessa homenagem póstuma, organizou ali então uma festa enternecedora. Nos baixos começava a funcionar a escola oficial — uma escola higiénica, moderna, primorosa. É preciso que os pequenitos vão aprendendo a língua sob o influxo tutelar do prodigioso escritor. Em breve ficará concluída

a construção da estrada, que vai da vila encantadora àquele eremitério romântico. Os admiradores de Camilo não tardarão a fazer as suas romagens ao Mestre — e a quedar-se algum tempo nesse ambiente, em que o seu génio criou algumas das suas obras mais belas, e onde o forjador ciclópico bateu na íncude as barras de oiro esplêndido, para o moldar em tôdas as formas vivas duma Elocução incomparável. Falta apenas a inauguração solene, depois de pronta a estrada. Ao gigante da Paixão e do Sarcasmo vai começar em breve a romaria dos fieis, que poderão contemplar a sua grande Sombra no meio dos seus livros, como dantes, entre os objectos do seu lar, no scenário das suas dores, sentado à mesma banca, onde o vélho candieiro de metal ia derramando uma luz branda, que não ferisse os seus olhos fatigados — que se foram morrendo pouco a pouco no puro amor das Letras...

É uma ressurreição maravilhosa — sôbre uns escombros fumegantes. E deve-se, como tôdas as ressurreições, à devoção e ao amor.

Bem precisamos de evocar os homens que elevaram à sua língua o monumento em que ela esplende na sua riqueza, em todos os cambiantes da sua expressão e da sua beleza eterna. E se Eça de Queiroz, já em 1896, era de opinião que nos seriam úteis um ou dois Castilhos, hoje, em

bôa verdade, quantos não reclamaria êle, quando sentimos que de todos os lados jogam desapiedadamente a catapulta às paredes do templo!

O volume *Camilo Homenageado: O Escritor da Graça e da Beleza* é o remate magnífico dessa obra de devoção e de civismo enternecido, que o snr. José de Azevedo e Menezes levou a efeito, auxiliado por colaboradores dedicados, e que constitui quási um milagre neste país tam pouco atreito a homenagens póstumas, que tenham a fecundá-los os ditames da justiça indeclinável e da gratidão afectuosa. Parece que de tudo o que é banhado de luz espiritual se desinteressa a nossa terra, em que tanto viceja, contudo, a flor divina da Poesia. O desleixo é de sempre — e não é do povo a culpa. Sôbre as grandes figuras que se sumiram na Morte, e que são tôda a razão da nossa glória, os anos passam, rolam os lustros e os séculos, sem que ninguém muitas vezes lhes leve ao coval um ramo de violetas. Ninguém! Como se a alma da Pátria, nelas encarnada, não fôsse o lume sagrado a que precisamos de nos aquecer, e que nos tem de alumiar! Não se trata apenas de homens de letras e artistas — que o Estado, que deve ser educador, parece apostado quási sempre em desprestigiar ou esquecer. ¿Quantos heróis, estadistas e fecundos criadores de progresso tem o Estado trazido ao concurso patrió-

tico das glorificações urgentes? Meia dúzia de nomes apenas — talvez para que a onda medíocre e avassaladora se não sinta um momento esmagada nas ambições insofridas. Até no campo moral a luta pela vida tem o fragor surdo dum assalto de facínoras!

As homenagens póstumas são um sintoma excelente. Criam a corrente da simpatia humana, moralizam, educam, dignificam. Esta de Seide é um exemplo de dedicação e de esfôrço verdadeiramente excepcionais. Se o exemplo vingasse!

O volume, com cuja publicação a Comissão dá por finda a sua obra preclara, foi organizado pelo seu ilustre presidente, que realizou neste género difícil uma verdadeira obra-prima. Que dispêndio de energia, que mal se compadece com a sua idade, não representa êsse trabalho do snr. José de Azevedo e Menezes! O insigne e lusitaníssimo escritor deu-nos um livro largamente elucidativo, de grande valor documental para todos — e para os camilianistas uma verdadeira *trouvaille*. Oferece-nos notas valiosíssimas e indicações inéditas, que temos de reünir carinhosamente ao que se tem publicado àcêrca de Camilo. Além do Relatório da Comissão, tam minucioso e perfeito, e do artigo *Grata Lembrança de Camilo*, em que a pena do eminente historiador de *Ninharias* conserva o encanto, o brilho e a elegância vernácula, que tanto

valorizam os seus escritos, deparam-se-nos no volume muitas coisas preciosas. Temos aí, por exemplo, o catálogo dos livros do grande escritor, muitos por êle anotados, que hoje figuram em Seide, — bem como o catálogo das obras vendidas por Camilo em 1883. Fica assim reconstituída a livraria completa do Romancista, e é desnecessário encarecer o valor dêsse facto, menos ainda pelo lado bibliográfico, do que pelo que nos possam revelar as predilecções literárias do Mestre, para o estudo da sua psicologia por vezes tam complexa. Encontramos ainda o *retrato grafológico* de Camilo — estudo de M.me R. de Salberg, sôbre uma carta do grande escritor, dada em *fac-simile*. A ilustre grafologista explana as suas opiniões àcêrca do autor do *Amor de Perdição*. A grafologia, cujas bases foram lançadas no século XVII pelo italiano Baldo, é hoje uma sciência em pleno desenvolvimento, depois dos estudos de Michon e de Crépieux-Jamin. A escrita é certamente a fotografia da alma, a manifestação imediata do ser íntimo, intelectual e moral. ¿Há ainda dúvidas? Naturalmente, numa sciência tam delicada e tam subtil; mas assistimos há anos a algumas sessões grafológicas, em que dos manuscritos, sob a análise penetrante do grafólogo, as figuras morais, que eram do nosso conhecimento, se íam erguendo vivas, num retrato palpitante e perfeito...

Afigura-se-nos que há muitos pontos justos na análise de M.me de Salberg, assim como um ou outro discutível ou incompleto. Não poderia deixar de acontecer assim na apreciação dum homem tam irregular e voltívolo, em que o riso e as lágrimas se fundem estranhamente, como em Heine, e em que a vida psíquica é tanta vez contraditória. O génio de Camilo é feito de paixão: não tem a serenidade goëthiana, nem o equilíbrio relativo do grande mestre da *Comédia Humana.*

Por tôda a sua obra e por tôda a sua vida passam ventanias desordenadas que o contorcem, como à árvore majestosa, que umas vezes se diria que topeta nos astros, e que outras vezes o vento desgrenha e recurva até roçar na terra... É um peninsular e um nevropata. Tam desigual, portanto, que o retrato grafológico ganharia em ser feito sôbre autógrafos diferentes de diversas épocas — e até da mesma época — de tal maneira o escritor é variável, sob a influência da sua ancestralidade patológica, e da desventura que o persegue. O documento de M.me de Salberg, é, contudo, interessantíssimo, e foi muito bem incluído no volume.

Emfim, quantas coisas poderíamos escrever à margem dêste livro! O seu contexto sugere-nos mil episódios, relacionados com a novela estranha que foi a vida do Escritor, o qual ar-

rancou de si mesmo, aos pedaços, o coração ardente que enche de sangue a sua Obra. Aí está, por exemplo, nos autógrafos arquivados em Seide, a colecção de correspondência telegráfica, em 135 fôlhas, trocada entre Camilo e D. Ana Plácido (1859-1860). Intitula-se *Via Dolorosa*... A grafia incisiva do telégrafo recorda-nos os rasgões de luz refulgente ou lívida, que os relâmpagos cruzam numa noite de tragédia. O amor toma sempre em Camilo a feição alucinada, angustiosa, dramática. As estrêlas que lhe coroam o idílio parecem luzes aziagas ou mortuárias. As flores teem aromas tóxicos, que causam espasmos dolorosos. O vento não suspira baladas; recorda agouros, em litanias soluçantes. Nunca a beleza esplende ou se enfeita de rosas, — sem que tenha uma caveira a espiá-la. Não a caveira envolta no fumo e nas labaredas católicas da Espanha; mas a esfinge daquele Amor alucinado e doentio, que passa, sob a fatalidade impassível, entre clarões e negrumes, como um fantasma doido. Nos versos do *Anel de ferro* deixou Camilo o estigma do seu amor romântico.

O livro traz numerosas ilustrações, excelentes, algumas relativas à Casa de Seide e ao Museu Camiliano — e muitas informações curiosíssimas, sôbre as quais nos não podemos demorar. Guardamos para o fim a referência à

parte talvez mais importante do volume: o resumo de 950 cartas dirigidas a Camilo, que o snr. José de Menezes fez com um escrúpulo, com um amor e com uma perfeição incomparáveis. E que enorme trabalho tudo isso não revela!

Entre essas 950 cartas, em que figuram todos os grandes nomes do tempo, muitas de relêvo literário excepcional e de interesse variadíssimo, destacaremos pelo seu grande valor documental as do Visconde de Ouguela, que são as mais numerosas e de mais capitoso sabor. Essas cartas constituem a história da sociedade lisboeta durante uma larga época. O Visconde de Ouguela analisa as pessoas e os factos, conta anedoctas picantes, trata de assuntos íntimos.

A política, a literatura, o mundanismo, tudo aí fica desnudo em notas incisivas, em comentários sérios, acres ou pitorescos. O autor deixa-nos retratos, silhuetas e caricaturas à margem dos acontecimentos, que relata deliciosamente. De quando a quando um episódio licencioso ou pícaro. Como em certas Memórias — e ainda com mais franqueza, e, portanto, com mais exactidão — temos nessas páginas uma documentação positivamente preciosa. O resumo destas cartas (como os de tôdas as outras) são um primor de penetração, que revelam no snr. José de Menezes uma invejável agudeza de psicólogo e

um *savoir faire* inegualável. Tudo o que é essencial resalta numa síntese modelar.

As 950 cartas provam, mais uma vez, que a História não pode prescindir de documentos desta ordem, para ser feita com a possível verdade, pondo em plena luz os caracteres das personagens que a animam. Parece, contudo, que continuamos a deixar que se inutilizem milhares dêsses papeis inestimáveis. Êstes salvaram-se, afortunadamente! Mas ocorre preguntar ainda uma vez: — ¿Onde param as cartas de Camilo para o Visconde de Ouguela — que eram talvez quinhentas? Que extraordinária maravilha seria essa correspondência, a ajuizar pelos assuntos de que trata o Visconde, versados por Camilo! Talvez um dia o país tenha a fortuna de as ver também arquivadas no Museu de S. Miguel de Seide! Quem sabe! Mas não: o que é provável é que as deixem esfarrapar e perder...

«A OBRA PÓSTUMA DE EÇA DE QUEIROZ»

EM 1911 escrevíamos num jornal logo extinto, noticiando a próxima publicação das *Últimas Páginas:*

É curioso que ao ter de dar aos leitores uma grande nova literária, o faça com melancolia, quási com amargura. Tam certo é que as consolações da existência, ainda estas da Arte, «a única flor da Vida», são eivadas muita vez dum travor singular... A notícia que desejo dar-lhes é esta: dentro dum mês deveremos ter à venda as *Últimas Páginas,* de Eça de Queiroz, livro admirável, inédito e à parte na sua obra. E se

por um lado se alvoroça a minha curiosidade literária, e vou sentir o encanto incomparável de ler tôdas essas páginas (e de reler as que já me foi dado àvidamente conhecer), por outro passa em mim esta nevoenta tristeza: são os últimos manuscritos de Eça de Queiroz! Parece que o extraordinário artista, deixando-nos para agora êste seu livro inédito, como um tesoiro escondido das *Mil e uma noites,* nos quis dar, com uma satisfação suprema, uma dolorosa saüdade.

Ninguém trabalhou com mais graça a prosa portuguesa. Outros teem possuído mais ritmos, maior opulência verbal, sintaxe mais lusitana e mais válida; nenhum o excedeu em bom gôsto (como outrora a Garrett), em scintilações de humorismo, na harmonia lenta e vaga, na cultura amorosa da imagem, que êle trata como se cuidasse das flores dum jardim encantado. Nas combinações dêsse criador de Beleza, — sem preciosismos, sem parnasianismos, — a palavra ganhou novo viço, como se fôsse uma já gasta moeda que êle cunhasse de novo. Deu a um léxicon às vezes maltrapilho foros de idioma rico; soube-o vitalizar, criar-lhe outra expressão cheia de frescura e leveza. Fez entrar o vocabulário pobre no salão das nossas Letras — expressivo, sugestivo, todo vestido de novo. Porque as palavras parecem feitas de cera, para cada grande

artista as moldar diversamente nas mãos felizes e criadoras...

E cada vez o escritor foi sendo mais perfeito, mais opulento, com mais amplitude, mais ar, mais sonho e ritmo. A língua enriquecêra-se-lhe no cultivo dos clássicos, mas nunca perdeu o carácter pessoal, êsse *quid* indefinível a que chamamos estilo, um relêvo muito seu, elegante, sem maneirismos, e porventura, nas páginas derradeiras, mais soberanamente formosa.

Diante do novo livro de Eça de Queiroz não podemos furtar-nos à impressão que nos daria um incêndio que, poupando uma galeria de Velasquez, devastasse nas rajadas de fogo telas de primitivos, de que apenas nos ficassem alguns *frescos* imortais... Êsse incêndio é o da Morte, a ceifeira negra e misteriosa. Deixou-nos a obra naturalista de Eça, mas roubou-nos, em grande parte, a obra de idealismo, de imaginação e de candura, que o próximo volume iniciava. Deixou-nos as rosas púrpuras, as orquídeas elegantes, as dálias o seu tanto artificiais, (outrora tam queridas do mestre como o perfume forte da lúcia-lima); mas secou-nos as flores modestas da piedade, da humildade, da renúncia. Deixou-nos, emfim, os quadros da vida contingente e efémera, e as figuras da scena quotidiana, que só a Arte tem condão de imortalizar; e levou-nos aquele pedaço de sonho e de vida enigmática,

cuja serenidade é como a das funduras do oceano, onde de-certo estarão os gérmens mais puros da vida.

De Eça ficou-nos a obra revolucionária, a obra demolidora, evidentemente grande; mas quási se perdeu a obra augusta de reconstrução e de amor, cujas páginas alvorecem, como um lindo dia de Maio, na *Cidade e as Serras*.

O novo livro no prelo tem duas partes. Uma delas — *Artigos Diversos* — é, como tudo do autor, uma maravilha. Eça é aí o crítico e o humorista que sabemos, o cronista cujo valor, entre outros volumes, as *Notas Contemporâneas*, gravaram duma forma indelével, e que ninguém excedeu em brilho, em espírito, e naquela maneira de vestir a Erudição e a História das roupagens mais deliciosamente leves e de mais nobres linhas. Mas há outra parte, e vasta, que é a fundamental do volume: *Lendas de Santos* (S. Cristóvão, Santo Onofre, S. Frei Gil). É êsse o livro novo; é aí que o Artista é outro: um grande pintor de frescos à Fra Angélico, sem a candura ingénua e sem a fé escaldante do visionário de Fiésole, naturalmente, mas em que vitoriosamente se sente o poeta, alumiando as almas com outra lanterna mágica, que é a do lume eterno da bondade e do amor. E é sempre consolador anotar isto: que a poesia é a senhora invisível do mundo, e que é a estrêla antiga que mais en-

caminha ainda o olhar triste dos homens. Através de tôdas as convulsões, em meio de todos os egoísmos, é ela a única flor imorredoira. E poesia quere dizer amor, quere dizer justiça — e uma infinita, trasbordante piedade. O resto é fumarada, às vezes resplandecente como as nuvens de oiro. A Arte mais bela será de-certo a que tiver a alumiar-lhe a forma esbelta e pura, lume que nos aqueça no meio dêste frio, música que embale a todos os que vamos na verdadeira onda humana; e essa onda é a dos que teem um grande sonho, de todos os que teem fome, de todos os que escutam amorosamente os gemidos cansados dos que avançam nobremente na vida...

É claro que Eça de Queiroz não nos aparece agora, íntegro e lapidar, como por milagre, sem raízes que o prendam à sua obra anterior. Essa florescência de mistério, de imaginação, de poesia, palpita romanescamente revôlta nas *Prosas Bárbaras;* mas neste regresso aos seus amores primitivos, e ao fundo mesmo da sua consciência estética, houve um largo estádio percorrido, que cristalizou divinamente as emoções e as formas. O apologista de Courbet nas conferências do Casino faria agora o panegírico dum Memling, sem todavia perder o poder evocativo dum prodigioso reconstrutor de épocas extintas, à Flaubert (já visto na *Relíquia),* mas tocando tudo

de outra luz, com um adorável lirismo português, e por vezes, como hão de ver nessas lendas de Santos, da maneira mais amorosa, mais piedosa — mais intrinsecamente poética. Dessas vidas de Santos só está incompleta a de S. Frei Gil — e que imensa pena! Nessa primeira redacção, duma rara facilidade e perfeição admirável, — ao contrário do que muitos pensam do grande escritor —, hão de ver a maravilha da sua arte espontânea e suprema. É certo que Eça de Queiroz emendava muito nas provas; refundia de alto a baixo; ampliava a ponto de transformar um pequeno conto *(Civilização)* num livro de trezentas páginas *(A Cidade e as Serras)*. Mas a primeira forma saía-lhe sempre fluente; e talvez com uma graça e uma frescura de tintas, que mais punha em destaque as suas nativas qualidades líricas, a que o Naturalismo prendera e crestara as asas — mas que afortunadamente batem nas *Últimas Páginas* um vôo largo e rítmico.

*

* *

Vem agora a propósito acrescentar algumas notas àcêrca da Obra póstuma de Eça de Queiroz, tam extraordináriamente bela. Essa obra começou em páginas 417 (1.ª edição) da *Ilustre Casa de Ramires*. Fomos nós quem reviu, a pedido dos

editores, nossos vélhos amigos, o resto do volume, que o grande escritor deixára em manuscrito, na primeira redacção; e nesse volume, melhor que em nenhum outro, se pode verificar a afirmação já feita: que a prosa de Eça de Queiroz era já, na primeira forma, límpida, fluente, luminosamente expressiva. Quem se der à tarefa de cotejar com as anteriores as páginas da *Casa de Ramires* que o autor desventuradamente já não pôde rever, mas que estão intactas, não lhes encontrará desequilíbrios sensíveis, nem desfalecimentos de escritor. São um largo e belo rio, que vai correndo claro, espelhando deliciosamente os céus e a terra. O artista é sempre dum gôsto e duma graça admiráveis. Êsses capítulos finais seriam com certeza acrescentados e refundidos; mas os que da primeira inspiração brotaram ficaram vivos, harmónicos, perfeitos. Só um artista subtil e de estética congénere veria aqui ou ali um adjectivo provàvelmente alterável, algum ritmo a modificar, alguma tinta a esbater.

O segundo volume póstumo, *A Cidade e as Serras,* coube a Ramalho Ortigão revê-lo — ao vélho e ilustre camarada das *Farpas.* E vejam que maravilha essa, na única redacção que tivera, que páginas incomparàvelmente cristalinas!

As *Ultimas Páginas,* derradeiro livro, como ficou dito, impresso sôbre o manuscrito, foi o snr. Luís de Magalhães quem o reviu — como

fôra o mesmo insigne publicista quem tomára dedicadamente a seu cargo a amorosa tarefa de seleccionar e de organizar os diversos volumes de crónicas e trabalhos dispersos, que os editores mandaram trasladar escrupulosamente nas bibliotecas de Portugal e do Brasil: — *Prosas Bárbaras* (estas excelentemente prefaciadas pelo snr. Jaime Batalha Reis, o J. Teixeira de Azevedo da «Correspondência de Fradique Mendes»), *Contos, Cartas de Inglaterra, Ecos de Paris, Cartas Familiares* e *Notas Contemporâneas.*

A Obra póstuma de Eça de Queiroz parecia assim integral, quando, há poucos anos, José Pereira de Sampaio lembrou aos editores a publicação de outro volume, em que se coligissem vários artigos e uma série de dezoito correspondências, dirigidas de Londres, em 1887, ao jornal portuense de então — a *Actualidade.* Opinava Bruno que o livro seria digno da obra do morto ilustre; e foi combinado que se intitularia *Páginas Esquecidas,* escrevendo um longo proémio o crítico eminente da *Geração Nova.*

Não concordaram, porém, com a publicação dessas *Páginas* os herdeiros do grande romancista, certamente por motivos ponderáveis, e a edição não se fez.

¿Mas estará completa, dando-nos todos os seus contrastes e cambiantes, a Obra póstuma

de Eça de Queiroz? Em nosso humilde juízo não está. Falta ainda que se imprimam um ou mais volumes com a sua correspondência particular, cuidadosamente reünida e escolhida. A figura do escritor e do homem ganhará com certeza algum outro relêvo ou novo encanto — como o seu valor excepcional de polemista se perdia, se não teem aparecido há tempos, coligidos em volumes, alguns dos seus artigos formidáveis.

Nós continuamos a ver nesses livros de Cartas documentos literários e psicológicos dum valor incontrastável. E, falando-se de Eça de Queiroz, que de primores inéditos se não perdem, inestimáveis de ironia e de leveza, talvez de notas imprevistas e esplêndidas!

O valor das Cartas excede ainda, a nosso ver, o das Memórias. Falam com mais clareza, com despreocupação, com mais verdade. Rasgadas, deitariam sangue, — como diria Emerson. São confessionários, tanta vez, de palavras profundas e eternas. A alma, torva ou luminosa, fica ali em farrapos, no rescaldo das lágrimas ou na asa crespa do riso. Valem a pêso de oiro. Nas Memórias, como nos Diários, sobretudo de literatos, de artistas e políticos, ainda se descortinam com freqüência os homens a esconder-se, um ou outro autor a espreitar... A história, os costumes, a vida emfim, nas suas mil facetas de entremez e de tragédia, reflecte-se na intimidade

das Cartas como num espelho que ninguém foi embaciar. Mas não queremos insistir no que, sôbre o assunto, escrevemos a propósito de Garrett. *(Garrett e as Cartas de Amor, 1913)*.

Cremos que, em qualquer parte, tratando-se dum homem como Eça de Queiroz, alguns volumes de Cartas estariam publicados. Verdade é que, por cá, raro há tempo de sobra para homenagens àqueles que são a nossa mais legítima glória. As Cartas de Herculano começaram a publicar-se outro dia... Julgamos, contudo, haver prestado um serviço às Letras de Portugal, se estas nossas palavras conseguirem salvar da dispersão e do esquecimento as páginas deliciosas que hão de ser a correspondência particular do grande romancista. Sem elas ficará incompleta a sua Obra póstuma.

«CAMÕES»

A FIGURA excelsa de Luís de Camões vem de inspirar ainda ao snr. Artur Botelho um belo drama heróico, cujos versos pudemos ter a ventura de ler antes de os ouvirmos no teatro. É-nos muito grato registar a estreia do snr. Artur Botelho como poeta dramático, e fazêmo-lo com a espontaneidade que nos merecem as obras honestas, dum talento pujante e com a nobre eloqüência que se nos afigura talhada para os triunfos da scena. Vejamos muito sumàriamente como o autor arquitectou o seu drama.

O primeiro acto passa-se na vasta sala do paço, onde se davam as festas. D. Francisca de

Aragão (que parece ser quem, mais tarde, conseguiu alcançar o privilégio para a publicação dos *Lusíadas)* e Paula Vicente, a *tangedora,* enfeitam a sala para o sarau, que a Infanta D. Maria quere que seja esplendente. Mas, a final, o rei não o permite, porque Pedro Caminha lhe insinua que o *Auto de El-rei Seleuco* visa a pessoa intangível do soberano... O rei ordena a prisão do poeta, e desterra-o da côrte. Camões vem, contudo, ao paço, e é preso ali pelo próprio Caminha. Êste poeta subalterno, que no drama pretende a mão de Natércia, e que odeia e persegue Camões e Damião de Góis, como se sabe, é tratado pelo autor com singular relêvo. Alma de parasita, torvo e empeçonhado de inveja e de ciúme, tem alguma coisa de Iago e de D. Bazílio — até quando se vende mais tarde a Filipe II. O snr. Artur Botelho pinta com a largueza e o brilho de alguns vélhos mestres venezianos. Os seus alexandrinos, aqui como em todo o drama, são amplos, sonoros, teatrais. Algumas scenas, como a leitura do madrigal por Natércia, o diálogo entre Natércia e Camões, ou a entrega da espada pelo grande poeta, parecem-nos romànticamente empolgantes, e de seguro efeito dramático.

O segundo acto intitula-se «Na gruta de Macau». O autor aproveita o ensejo para nos dar os perfis do Jau, e de Fernám Mendes Pinto,

Luís Franco Correia, João Lopes Leitão, Heitor da Silveira, Garcia da Orta — e devemos confessar que todo o acto, que termina com a ida de Camões para Gôa, como tendo prevaricado no cargo de provedor dos defuntos e ausentes, é excelente, sugestivo pelas personagens que evoca de aventura e epopeia, com uma grande maleabilidade do verso nos recortes do diálogo, e com trechos formosíssimos — por exemplo o «Romance do Jau» e a «Carta de Natércia».

O terceiro acto é a «Leitura dos *Lusíadas*». De novo aparece a figura sinistra de Caminha, tentando o roubo do poema, auxiliado por Diogo Bernardes, ou planeando contrapor-lhe outro poema de Pero da Costa Perestrelo — o insulso poetastro, cujo «Descobrimento de Vasco da Gama» e «Batalha de Ausónia» se perderam, a não ser que êle próprio inteligentemente os rasgasse, hipótese que o snr. Artur Botelho aproveita hàbilmente, prostrando-o fulminado ante o esplendor dos *Lusíadas*.

Mas todos os conluios miseráveis fracassam. Camões é coroado pelos loiros entrelaçados por Natércia, que os deixa, ao morrer, para a glorificação do seu Poeta.

¿Não lhes parece uma *trouvaille* deliciosa, e dum profundo significado psicológico? ¿Pois não é êsse grande amor que anima o poeta na realização da Epopeia, como quere o snr. Teófilo Braga?

O quarto acto decorre na «Casa de Camões». O poeta, já perto do sepulcro, atravessa dias de miséria. Amparam-no a mãe e o Jau. As sombras adensam-se, como grandes crepes que flutuam — quando lhe trazem a notícia tremenda da derrota de Alcácer-Kibir... Camões responde com altivez esplêndida às ofertas do emissário de Filipe II — e morre com a Pátria. É nesses paroxismos que êle escreve a D. Francisco de Sousa, um dos poucos que tentavam resistir ao poderio e ao oiro do filho de Carlos V: — «Alfim, acabarei a vida, e verão todos que fui tam afeiçoado à minha Pátria, que não só me contento de morrer nela, mas de morrer com ela.» Ou ainda estas palavras admiráveis: — «Quem ouviu dizer nunca que em tam pequeno teatro como o dum pobre leito, quisesse a fortuna representar tam grandes desventuras!»

*

* *

O snr. Artur Botelho, ao traçar os largos e brilhantes alexandrinos do seu drama heróico, não procurou dar-nos o nosso grande cantor seguindo as mais recentes investigações da crítica scientífica. Tanto melhor que assim fôsse.

O ilustre e ardente dramaturgo conhece perfeitamente a história do grande poeta, e prova-o

irrefràgavelmente no seu drama; mas entendeu que a tradição é também história, e que os grandes homens, que a lenda envolveu no manto flutuante das neblinas fantásticas, é preferível erguê-los a essa luz maravilhosa, nos scenários mais evocadores. O snr. Artur Botelho não falseou a história, que lê apaixonadamente; mas sempre que pode, sem ser jámais ilógico, deu-nos Camões na sua vida de epopeia e infortúnio, pobre duma pobreza ofendida e aureolado dum grande amor sem esperança, desde o exílio da côrte ao albergue miserando, para onde a piedade do Jau mendiga patèticamente o pão do grande poeta.

Pensamos que o snr. Artur Botelho procede assim por várias razões: em primeiro lugar, porque se trata dum drama heróico e não dum esmiüçado e pesado documento histórico; em segundo lugar, porque o autor é fundamentalmente um dramaturgo-poeta, como outro não há mais amoroso da sua terra, e mais enfeitiçado das suas épocas de glória.

Na verdade, se «a história do mundo é a biografia dos seus grandes homens», os que encarnam a Pátria e são altamente representativos duma raça, duma época e dum povo, para que há de o artista arrancá-los à tradição e à lenda, que são afinal aquela porção de poesia com que o tempo costuma dar *patine* às estátuas eternas!

Isso, de resto, não é deturpar a história — quando ela apenas vem corrigindo acessórios e episódios.

Nós não sabemos, por exemplo, entre mil coisas, se D. Sebastião deu audiência ao poeta; se foi efectivamente em Macau que o Camões escreveu grande parte dos *Lusíadas;* mas sabemos que os escreveu nas suas peregrinações, e acreditamos que viveu na gruta, em face dos melhores depoïmentos, a-pesar-da negativa formal e insistente de João Frick. O cargo de provedor é que parece felizmente arredado pela crítica da vida do poeta.

¿Mas que importa para o caso, por exemplo, que tenha sido na prisão de Gôa, e não em Macau, que lhe chegasse a notícia da morte de Natércia? ¿Que sabíamos ao certo da naturalidade do poeta, se só ùltimamente o snr. Teófilo Braga nos pôde afirmar com segurança que nascêra em Lisboa? Tudo parecia até aí outorgar a Coímbra essa glória, que também requestavam Santarém e Alenquer. Até o Pôrto teve um paladino a seu lado nas colunas do *Primeiro de Janeiro!*

Muitos passos da vida do poeta estão ainda cheios de incertezas, quando não são enigmas.

«O critério psicológico, iluminando a biografia, sôbre o fundo também reconstruído e melhor conhecido do meio social ou da sua época, só modernamente foi compreendido, e dêle depende uma nova luz na história» — diz

o snr. Teófilo Braga apoiado em Maudsley. Mas também é certo que êsse critério psicológico, determinando factos e inferências sôbre os versos dos poetas, se presta ainda às hipóteses mais controvertíveis, e por vezes, quem sabe, se não a novas quimeras.

A-pesar-da crítica ter fixado a data do comêço dos seus amores, e tôda a história dessa paixão ardente e esplendorosa, talvez nem todos creiam, com inabalável certeza, na identificação de Natércia — posto que tudo se incline para a filha adorável de D. António de Lima. Como ao Tasso, na côrte de Ferrara, se desenham os perfis encantadores de três Eleonoras, os comentadores encontram três Catarinas para o nosso cantor. ¿Ou seria a Infanta D. Maria a grande paixão do nosso épico, como pretendeu ùltimamente demonstrar um douto publicista?

¿Mas que importam êsses detalhes ao artista e ao poeta? Camões foi, de sempre, um grande apaixonado. «É quási costume morrerem de amor os portugueses», dizia Cervantes. A Renascença é singularmente amorosa e voluptuária. Camões é poeta — e «é êsse o único privilégio dos poetas, que até morrer podem estar namorados; também não lhes conheço outro» — afirma Garrett, que foi por seu lado um namorado incorrigível. O que sabemos é que o cantor de Natércia amou sôbre tôdas uma mulher que lhe encheu

a vida de esplendor e de tristeza, como a lua enche o mar de soluços e anseios, e que foi talvez a causa fundamental do seu infortúnio, e, paralelamente, da sua glória; que lhe inspirou versos líricos incomparáveis, que o animou à realização da sua obra eterna, e cuja recordação, dolente e amiga, vem às vezes, através de todos os seus carmes, ruflar de leve as asas... Êsse amor é que importa ao dramaturgo e ao poeta. Aqui, como em tudo, àparte os factos dominantes e certos, cumpre-lhe apenas respeitar a possibilidade histórica.

O snr. Artur Botelho deu-nos com êste critério um drama cuja rara beleza não é apenas meramente literária ou teatral. O autor sente as personagens que levanta na scena, e que não andam como títeres no tablado. O seu temperamento generoso e entusiástico, amoroso a mais não das figuras gigantescas da nossa história, transfunde em sangue latejante aos seus versos a comoção e a vida que marcam as obras duradoiras. Cremos que o seu *Camões* há de ser lido com o enlêvo de todos os livros fortes e poéticos; e se não necessita das fantasmagorias scénicas para ganhar um relêvo e uma vida fictícia, é justo, contudo, que brevemente o vejamos no teatro, para que um público mais numeroso possa aplaudir sem reservas o poderoso dramaturgo.

«PÁGINAS DE SANGUE»

PARA quem se deleite, como nós, com episódios da nossa História contemporânea, ocorridos na província — as *Páginas de Sangue*, de Sousa Costa, são incomparàvelmente atraentes e edificantes. O autor já enveredára neste caminho como romancista dos mais ilustres da nossa terra, com o livro *Ressurreição dos Mortos*, cuja acção se passa em Trás-os-Montes, pela «Maria da Fonte». Agora optou pela narrativa em curtos quadros magistrais. E como é um artista, e excelente, — sem que êsse dom lhe prejudique o depoïmento da verdade, antes lhe faça dar em relêvo e em vida as scenas que nos conta — as narrativas das *Páginas de Sangue* são car-

vões formidáveis, aqui e ali intervalados por algum episódio de tons mais leves e graciosos. Quantos dêsses quadros não dariam a Sousa Costa novelas pungentíssimas, duma violência empolgante, num claro-escuro de Rembrandt ou do Espanholeto!

As narrativas do volume abrangem o período agudo das lutas entre «Corcundas» e «Malhados» na província da Beira — que foi teatro de acontecimentos pavorosos. Referem-se às guerrilhas miguelistas e constitucionais, que infestaram, aproximadamente de 1828 à Regeneração, êsse pedaço tam pitoresco e alpestre da terra portuguesa. Guerrilhas de facínoras, que em nome da Política praticaram ferocidades monstruosas, cevaram ódios doidos, se locupletaram e trucidaram mùtuamente — e que sempre degeneraram, quando inicialmente já o não eram, em quadrilhas de bandoleiros que deviam ter deixado as alcateias da serra espantadas de tanta malvadez e tanta infâmia.

Os heróis demoníacos dêsse poema bárbaro de atrocidades são inúmeros. Grandes capitães, além dos Marçais em Fozcôa, são principalmente os Brandões — capitaneando primeiramente Manuel Brandão-o-Vélho, pai do célebre João Brandão, o que encerra o ciclo das façanhas cruentas e inomináveis. Êste é investido aos 15 anos na chefia do bando. Uma precocidade tocante!

Já havia dado provas duma destreza de Nemrod, alvejando com a clavina, e deixando-o morto, um pobre rapazito, pegureiro da Estrêla.

Também já ouvimos que experimentára a pontaria, derribando com alguns zagalotes um pequerrucho que andava numa figueira, aos figos. Pouco importa a variante à psicologia do sicário. De resto, esbelto e ágil, o seu tanto letrado e humanista, e parece que às vezes homem de sala — com viagens freqüentes a Citera. Sousa Costa retrata-o numa página brilhante, pelos tempos áureos de capitão de guerrilha:

«Veste teatralmente à paisana e disciplinarmente à militar. À militar, a farda e a banda de capitão. À paisana, a jaqueta de alamares, as botas à Hoche, de altos canos debruados a canhões amarelos, ao ombro a manta andaluza, e na cabeça, sôbre o perfil de ave de rapina, o boné redondo com borla pendente — quási um fez, bordado a oiro.

Meão de corpo, cabelo preto em abundância, nos olhos o brilho do aço ou a tremulina do veludo, pés e mãos afeiçoados à marca patrícia, não acusa no físico nem nas maneiras a rude forja ancestral.

O convívio do latim fornecêra-lhe linhas vigorosas para os seus artigos de jornal. No seu livro *Apontamentos da vida de João Brandão,* escrito no Limoeiro, há páginas másculas, em

que se trai a influência dos clássicos e a fibra do polemista.

Revivescência pimpona e derriceira de d'Artagnan — o trabuco na dextra, e na outra o gesto que solta a asa dos beijos — a lenda torna-o querido das mulheres, avulta-lhe os actos de generosidade, e romantiza-lhe as violências sanguinárias.»

Pois bem: êste *condottiere* elegante, e anteriormente o pai — que não era melhor — com os Marçais, os Crespos e vários outros, encheram aquelas lindas terras de sangue, os lares de luto e lágrimas. Só de Fozcôa, acossadas pelas feras, fugiram talvez cem famílias. Um êxodo! E em tôrno dos «patriotas», a jolda de facínoras tripudiava como selvagens bêbedos, perpetrando os crimes mais atrozes, as torpezas mais cínicas. Revesavam-se na febre da carnagem. Um dia eram miguelistas; depois constitucionais. Mudavam de partido para poderem assaltar, saquear, incendiar. E a um dos Marçais é concedido o hábito de Cristo e a Torre e Espada; João Brandão é louvado em várias portarias!

Com o triunfo de D. Pedro dividem-se mesmo os bandos mindeleiros: há guerrilhas setembristas e cabralistas. E a baixa política, a megera vesga, protege-os e ampara-os como fiéis partidários, alapados nos carcavões da serra a arcabuzar adversários de quem se vingam — ou a quem há ainda que roubar.

É de tais factos tenebrosos e eloqüentes para o estudo do homem de Hobbes e da política desvairada e torpe que nos falam as *Páginas de Sangue*. Sente-se-lhes o pulso destro do novelista, e todo o livro é escrito com singular poder verbal, num estilo sóbrio e forte, que o torna uma das mais belas obras do insigne escritor.

Não é freqüente entre nós a publicação de livros dêste género — e fazem grande falta. Esclarecem a história, quando a não refazem: vincam figuras que se apagavam, erguendo-as ou apoucando-as. Tentam fazer justiça, em suma. São documentos inestimáveis — como os *Diários*, as *Memórias*, as colecções de Cartas. A História precisa dêles, como subsídios preciosos para os seus grandes quadros murais. Ainda de pouco valor literário, ensinam, corrigem, alumiam-nos o passado, que é sempre necessário alumiar. O futuro é feito de passado; as variantes são quási sempre apenas de indumentária. No comum das almas a evolução dos sentimentos generosos faz-se pavorosamente de-vagar. Os exemplos estão aí patentes — entre nós e pelo mundo.

Ora os livros de que tratamos são documentos valiosos de psicologia colectiva, desvendando-nos os caracteres mal estudados, como se lhes batesse, de repente, uma luz nova.

A História é muitas vezes um grande romance, feito de incertezas, de equívocos e de

mentiras. De longe, as brumas adensam-se e não deixam ver claro. ¿Que sabemos nós das razões de certos actos, se afinal nunca podemos sair de nós mesmos, e vêmos a vida e os homens alumiados pelas nossas paixões, segundo a côr diversa da nossa psicologia? Se às vezes nem podemos averiguar a verdade, ao comentar os factos de que somos testemunhas! Há fios condutores invisíveis, que nos escapam — ainda quando os homens não tentam iludir-nos. Em grande parte, a História é aquele «vélho almanaque» de que falava o inglês. Por isso surgem todos os dias documentos imprevistos, que alteram fundamentalmente a crítica dos historiadores. ¿Que apuramos nós, bem verìdicamente, de Cleópatra? Um admirável poema trágico. E não é necessário ir tam longe evocar a estranha *charmeresse*, ou outra figura antiga. Basta olhar para ontem — tudo é confuso e vago. A vida é tôda feita de sombras...

Não sei se conhecem a engenhosa *boutade* de João Baptista Pérès, em resposta à teoria de Dupuis relativa ao Zodíaco na origem dos cultos. Pérès demonstrou com iguais argumentos que Napoleão não tinha existido nunca, e que tôda a sua história era um mito!

Quem sabe lá se algum historiador, daqui a um século, nos não retratará Carlota Joaquina a fiar a casta lã de Lucrécia!...

Com as *Páginas de Sangue* dá-se o caso de serem não só um valioso documento, mas um livro primorosamente escrito. Algumas dessas narrativas são trechos de antologia. E o valor do volume sobe então singularmente — como trabalho honesto de investigação, cheio de côr local, de vibração artística e de brilho literário.

«JESUS»

Ainda não há muito que fizemos aqui referência a essa admirável *Comédia de Lisboa,* o novo livro de D. João de Castro. Hoje traçaremos algumas linhas à margem do seu poema *Jesus,* há tanto esgotado, e cuja nova edição, para quási todos os leitores dos últimos vinte anos, tem os atractivos dum livro inteiramente novo.

É sempre duma grande dificuldade tratar em literatura assuntos largamente versados por inúmeros autores. D. João de Castro, ao esboçar o seu poema, devia ter sentido o receio de todos os escritores que conhecem as suas responsabilidades. Mas, por isso mesmo, a satisfação de

haver realizado uma obra de tal maneira intensa e original, compensa de-veras o esfôrço do artista, e outorga ao seu talento as homenagens que cabem, de justiça, aos fortes criadores de beleza.

O poema *Jesus* ressurge, sem ter perdido um só dos valores que lhe conquistaram nessa época já longínqua do seu aparecimento um extraordinário êxito. Não traz um cabelo branco; não criou uma ruga. Em letras basta êste facto a autenticar-lhe a sua superioridade. Quantos livros, dentro dêsses quatro ou cinco lustros, murcharam ou envelheceram. Mas não envelhece nem se anula nunca a obra que o artista criou e moldou com ânsia, fazendo-a viver da sua ideia ardente e do seu sangue generoso.

A grande e augusta figura do poema de D. João de Castro tem dado assunto, como todos sabem, à iconografia mais vasta, e, simultaneamente, à bibliografia mais divergente e mais longa. Não admira. A figura de Cristo como que enche tôda a abóbada do seu esplendor — e os espinhos da sua coroa transformaram-se num halo de astros ofuscantes... Pouco importa, afinal, que leiamos os autores de psicologia mais diversa — Veuillot, Schuré, Frederico Strauss ou Bruno Bauer — para não citar a numerosa falange dos críticos mais recentes, que entram freqüentemente nos domínios das teorias fantásticas. Já

aqui o dissemos, trazendo à baila a espirituosíssima *blague* de Pérès a respeito de Napoleão. ¿Nós, que mal podemos avaliar muitas vezes, a uma luz clara e certa, os nossos contemporâneos, como havemos de interpretar as grandes sombras da História, que a Lenda poetizou e envolveu numa magia diorámica? Jesus é sempre o divino iniciado do grande sofrimento e da imensa piedade...

D. João de Castro, depois de alguns livros dum lirismo adorável, enveredou pela poesia de ideias, em que se tem mantido com raro desassombro e grandeza, e em que mais se compraz o seu espírito elevado e solitário. É certo que fez um livro de arte — e da mais bela; mas os homens mereceram-lhe o comentário amargo com que os dardeja nos versos admiráveis do poema.

O seu Jesus não é retratado à maneira apolínea da Renascença, dulçoroso e lánguido como o de Guido, ou quási brutal como o de Caravaggio. A sua figura diviniza-se na mais alta expressão da humanidade. E assim no-la retrata êsse mestre incomparável que é António Carneiro nos desenhos com que ilustra alguns passos do poema.

A figura enorme do Galileu combate naturalmente as paixões aviltantes e bárbaras, e ergue-se benéfica, radiosa e casta como a luz.

Convém dizer que o «Sonho de Madalena» e as suas «Canções» são jóias duma beleza de arte perturbante e inimitável, e que as próprias rubricas ressaltam admiráveis de colorido e vigor.

Como dizíamos, o Jesus do poema não acredita na contrição humana:

> O vosso falso e fúnebre carpir,
> Homens, já me não chama!

Nos «Poemas Bárbaros», ao monge moribundo, que deturpou numa existência de vaidade e de violência a verdadeira doutrina do Cristianismo, e que está prestes a expirar como um santo, Jesus exclama:

> Arrière, va hurler dans l'abîme éternel,
> Caïn en te voyant reconnaitra sa race:
> Va! Car tu souillerais l'innocence du ciel,
> Et mes Anges mourraient d'horreur devant ta face!

No poema de D. João de Castro é mais vasto e por isso mais doloroso o sentimento de descrença. As palavras de Jesus não se referem apenas àqueles que corromperam a pureza da doutrina cristã na hipocrisia e na veniaga. A humanidade inteira é abarcada no seu torvo redemoínho de ambições insofridas e de ancestrais

ferocidades. Os versos finais do poema são duma desilusão dolorosa.

¿Que teremos de concluír em face de tanto desalento? ¿Que todo o esfôrço é inútil? Seria um pessimismo extremamente niilista. ¿Ou em vista de tanto mal e tanta dor irremediável, deveremos espalhar cada vez mais, a plenas mãos, o amor e a bondade? Certamente que é esta a conclusão a que temos de chegar. Nada se perde na vida; nada é inútil na vida. As grandes palavras de justiça, de bondade e de beleza vão refulgindo pouco a pouco, em divinos reflexos, no negrume sinistro da caverna... O homem, expulso do Éden, tornou-se numa fera bravia, na ânsia de o reconquistar. Pobre dêle! É por isso que cada sociólogo, ao falar da sua Cidade Nova, expõe sempre às turbas insatisfeitas uma ampliação scenográfica de um novo Paraíso terreal. E os grandes sociólogos são os redentores contemporâneos.

Pois bem: façamos da alma triste, quanto em nós caiba, um Éden de sentimentos generosos!

Jesus é um poema filosófico singularmente melancólico. É um livro que faz meditar profundamente. ¿Não é já isto muito? Como arte, pertence ao reduzido número de obras-primas dos últimos vinte anos. D. João de Castro esculpiu esplêndidamente em bronze a figura do Cristo.

A figura amorosa e mística de Madalena é também uma maravilha de estatuária. Sente-se nesse livro magistral, de linhas sóbrias, sem grandes aparatos decorativos, que uma águia negra passa, abrindo as asas nos derradeiros fulgores dum largo poente...

«OS LUSÍADAS»

A NOVA edição dos *Lusíadas,* anotada e parafraseada pelo snr.º dr. Campos Monteiro, é mais uma homenagem ao nosso maior poeta e mais um subsídio precioso para a interpretação da epopeia incomparável. O ilustre escritor declara num curto preâmbulo que não faz obra de erudição para mestres, mas um trabalho para estudantes dos cursos secundários, e para quem não disponha de grande ilustração. São essas obras, evidentemente, as mais necessárias; e sendo certo que não exigem os conhecimentos humanísticos e a cultura geral dos trabalhos eruditos, são contudo uma tarefa pesada e um árduo empreendimento. E basta percorrer

alguns cantos do Poema para se avaliar o trabalho extenuante que representa para o ilustre publicista o comento e a paráfrase dêsses versos eternos.

Em primeiro lugar é preciso ser simples e claro. Escrever para rapazes não é escrever para sábios — é muito mais difícil. Parece um paradoxo, e não é. E sobretudo é muito mais útil, e dum valor social incomparàvelmente mais vasto. D. Francisco Manuel de Melo dizia: «Sendo Luís de Camões honra e glória de Espanha, tam mal tornamos por êle, que, se são poucos os que o lêem, são menos os que o entendem.» E como nos pareça que não tenhamos transposto neste sentido um longo caminho, é justo que aplaudamos as obras cujo intuito seja facilitar a leitura inteligente do poeta — evitando deturpá-lo e enredá-lo, como tem feito tanta gente!

O snr. Campos Monteiro acompanha as estâncias, uma a uma, duma paráfrase em prosa da maior nitidez, completando as omissões sintáticas, de forma que o sentido ressalte com tôda a exactidão; e indica ainda, em tipo maior, os episódios, as figuras e os factos históricos a que se refere o Poema. Em notas ao alcance das inteligências que cultiva, esclarece os inúmeros nomes próprios e alusões históricas e mitológicas. Devemos dizer que nos parece excelente a disposição gráfica do volume, e que o snr. Cam-

pos Monteiro não gastaria poucas vigílias parafraseando, anotando, e consultando os mais autorizados comentadores nos passos duvidosos, para nos dar, como efectivamente dá, na parte do poema que percorremos, a interpretação quanto possível rigorosa do texto.

Ao próprio Camões já agradavam, por indispensáveis, os comentários. Manuel Correia afirma que o Poeta lhe pediu que fizesse anotações aos *Lusíadas* — e Diogo do Couto confessa ter escrito, por solicitação de Camões, um comentário até ao canto v, cujo manuscrito se perdeu. De longe veem, portanto, os comentadores — não as paráfrases. A tradução castelhana de Tapia, de 1580, já dá no fim de cada um dos cantos notas geográficas, históricas e mitológicas. Temos depois as várias edições, mais ou menos conhecidas de quem se interessa pelo assunto — e Epifánio cita ainda os comentadores D. Marcos de S. Lourenço, crúzio falecido em 1645 (que anota apenas os três primeiros cantos), e Manuel Peres de Almeida, que não passa do canto v.

Muito mais desleixados andaram em escrever biografias do Poeta! Até 1613 não há a mais rápida indicação biográfica. Uma lástima. «Na vida de Camões há poucos factos documentados. Foi com tradições e conjecturas que os estudiosos tentaram preencher as lacunas» — escreve o dr. Storck. E é dessa incúria, até dos

que se diziam seus grandes amigos, que vem o enredado das hipóteses, mil coisas inextricáveis, a alteração de factos de crítico para crítico — falando apenas dos que meteram ombros atléticos a erguer a uma luz de verdade a figura colossal e veneranda do Poeta.

¿Estará hoje tudo definitivamente resolvido? Longe disso. Nem admira que haja ainda divergências e dúvidas em muitos lances da vida de Camões. Os materiais escasseavam. E como nem só as mulheres enredam e coscuvilham, os vélhos biógrafos também falseiam deploràvelmente a verdade. Há que estremar, como trabalho biográfico, o de Severim de Faria, e como obra de exegese a de Faria e Sousa — no resto *um magno fabulista,* como lhe chama Storck.

Depois de Faria e Sousa quási um século decorre sem que apareça biografia camoniana de importância. Segue-se um período de grande actividade, até que o «toque de clarim» de Garrett produziu nova azáfama:

> ¿Onde jaz, portugueses, o moimento
> Que do imortal cantor as cinzas guarda?
> ¿Homenagem tardia lhe pagastes
> Num sepulcro sequer? Raça de ingratos!

Procuraram-se os ossos do poeta (sem resultado, afirma ainda Storck); descobriram-se poe-

sias e documentos; erigiram-lhe em Lisboa uma estátua; apareceram as novas biografias e edições das obras camonianas; tivemos, afinal as festas esplêndidas do tricentenário.

Hoje, depois de tam canceirosas pesquisas e trabalhos de hermenêutica, estamos em crer que os volumes de Epifánio encerram a palavra mais sagaz e mais segura na interpretação do texto dos *Lusíadas*, e que, sob os outros pontos de vista, a edição definitiva do snr. Teófilo Braga (não esquecendo o que devemos ao eminente professor de Mũnster) é um trabalho monumental, definitivo, quando é possivel o estudo duma figura a quem a própria grandeza esmagadora envolveu de invejas, de sombras, de infortúnio sem nome.

O volume do snr. Campos Monteiro não pertence, repetimos, ao número dos trabalhos eruditos. Trata-se dum expositor, dum explicador probo e penetrantíssimo, de que precisam todos os que estudem, e que não disponham do arsenal humanístico e da vária sciência, que é de uso acompanhar certos comentadores farfalhudos. Para as escolas é um livro de valor. E é curial que se elogie todo o talento aplicado á obra de patriotismo e de justiça, que é essa de fazer amar e compreender o grande Poeta.

Numerosos passos dos *Lusíadas* teem atiçado controvérsias, como é sabido. Vejamos um só-

mente, e muito de corrida: a «Ilha dos Amores». Quiseram localizá-la. Manuel Correia diz-nos que muitos pensaram ser a Ilha de Santa Helena; Faria e Sousa vota por Anchediva; Gomes Monteiro tenta convencer-nos de que é Zanzibar; outro assenta-a em Melinde, um outro nas Canárias... Oliveira Martins escreve: «De tôdas as discussões ociosas da erudição, a mais ociosa talvez é a que diz respeito à Ilha dos Amores. ¿É Angediva ou Zanzibar, como aventou Osório, e depois dêle vários outros? Não é ilha nenhuma. É uma ilha de fantasia.» Epifánio é da mesma opinião, atendo-se à demonstração do Conde de Ficalho, na *Flora dos Lusíadas*.

Que é de fantasia foi sempre também o nosso insignificante parecer. As ilhas do Mediterrâneo e do Atlântico não devem ser, ao certo. Mas é irrefutável igualmente que as obras de fantasia literária teem quási sempre um ponto de referência, que as sugestionou — o pequeno embrião que a imaginação fez florir e expandir-se em maravilhas fantasiosas. «A imaginação do poeta era fecundíssima e original, sem dúvida, mas neste delicioso episódio, como em quási todos os do Poema, há um fundo de verdade» — diz Aires de Gouveia. E conclue, argumentando sempre com aliciante agudeza: «Não é uma ilha de fantasia. É histórica, é verdadeira — é Angediva.»

Não nos custa crer que a opinião, tam bem deduzida, do insigne escritor seja a mais aceitável. Aquele «fundo de verdade», o motivo inspirador, é Angediva — onde, segundo êsse encantador Gaspar Correia, «os nossos (da armada de Vasco da Gama) se foram meter, onde muito folgaram, em que nascia muito bôa água, e estava em cima da ilha um tanque de pedra lavrada, com água muito bôa, e muita lenha, onde estiveram até dez dias de Dezembro», etc.

> Claras fontes e límpidas manavam
> Do cume, que a verdura tem viçosa...

¿Sôbre êste descanso e folgança em Angediva, ao regressarem à pátria, não poderia na realidade Camões ter criado os «frescos» maravilhosos da Ilha dos Amores? ¿Não é certo que a génese de mil obras de arte é tantíssimas vezes mais vaga do que o facto de Angediva ter desperto no espírito do Poeta essa ilha, que só um grande amoroso da Renascença poderia pintar? O estudo de D. António Aires de Gouveia é seguramente valioso — e convém recordá-lo.

Falar dos *Lusíadas* deve ser sempre grato a todos nós, que para todos o Poema é motivo de imorredoira glória; mas, abstraíndo do seu significado patriótico e dos seus valores multíplices, os *Lusíadas* são ainda uma obra de verdadeira

poesia humana. Digam o que disserem cavalheiros mais ou menos snóbicos, «que nunca puderam ler, por arcaicos, senão um ou outro episódio» — como se fôsse preciso que êles o lessem, para que o Poema fôsse uma maravilha imortal — os *Lusíadas* serão sempre, em grande parte, uma leitura deleitosa e cheia de alma.

A-pesar-da *boutade* de Castilho, sempre à sombra da olaia, de que raras estrofes se salvavam como técnica; a-pesar-do vergonhoso ensino que em tempos se fazia por êles à pequenada chilreante das primeiras letras, que ficava quási sempre a aborrecê-los em vez de os amar, os *Lusíadas*, se nos não comovem como as Líricas, guardam inalteràvelmente a frescura e a graça das obras vividas, e por isso mesmo eternas. São um monumento enorme — cujas naves estão cheias dum perfume de flores que não fenecem. E como lhes passa nos versos a melopeia dos ventos do mar alto, o cheiro acre das ondas! Dir-se-ia que as cordas daquela lira imensa são por vezes as mesmas cordas dos galeões errantes, onde a procela estruge. O próprio maravilhoso é humano e vivo. As deusas, as ninfas, não são olímpicas como é vulgar na Renascença; são lindas mulheres amantes, de carne e osso, embora de carne admirável e divina. Não obstante a máquina do Poema, as exigências da epopeia, sente-se sempre o grande namorado ardente e

sem ventura, o contemplador nostálgico e comovido da Natureza, para quem o mar fundo e o céu imenso tinham mistério e sonho... Nas falas do Adamastor soluça um homem. Prometeu de outro género, estranho amante aquele e desgraçado! Com êle soluçam a terra e as águas bravas, nessa integração sublime a mais não ser, tam viva e profundamente dramática como o melhor de Shakespeare.

Quantos passos não podíamos citar vivos e humanos!

«SONETOS»

Êste volume encantador de Marques Rosa é mais um documento a garantir que a Poesia portuguesa conta hoje sonetistas admiráveis. São inúmeros os livros de sonetos publicados nos últimos tempos. (Bons, evidentemente, não são inúmeros).

O soneto é hoje uma das formas preferidas — como em certos períodos literários anteriores ao Romantismo. Com os românticos, o soneto começou a escassear. As gerações de poetas que veem de então aos Parnasianos, não teem pelo soneto simpatia especial. É ver os nossos grandes Românticos, é ver os de França, que são os que melhor se conhecem por cá. Aquela forma

restrita do pensamento poético, que levaria à Itália, a pé, o crítico Saint-Beuve para ler Petrarca — segundo êle declara — não quadrava à estética nem à inspiração dêsses revolucionários.

As suas asas necessitavam dum grande espaço cheio de estrêlas. As formas poéticas haveriam de ser flexíveis e amplas, para que nelas coubesse, em liberdade rítmica, as revôltas paixões e as vastas imagens. Os moldes sóbrios e lapidares do soneto ficaram de preferência para as sínteses dos pensadores, como Antero ou Sully Prudhomme, e para os cinzeladores e miniaturistas.

¿Porque será, afinal, esta predilecção de agora pelo soneto — nesta reviviscência romântica, ultra-metafísica e dum tam subtíl idealismo? Presumìvelmente porque tudo hoje é vertiginoso e fugitivo. A vida é feita de sombras que se esfarpam... O espírito, irrequieto, anda um pouco tonto e espavorido — como as aves, quando o céu escurece e soluçam os ventos. A sensibilidade é doentia, como em tôdas as grandes épocas de desorganização.

O artista, ainda o de aparência mais tranqüila, não resiste à acção do seu tempo. Cada época tem a sua arte, dirigida por fios invisíveis e dominadores. Às longas composições, o poeta prefere a forma regular e rápida, em que possa deixar, no torvelinho da sua passagem aturdida, os

reflexos da sua vida passional e mental. Somos todos como certos namorados das éclogas, que ao passar na floresta, entalhavam de fugida, pelo tronco dos álamos, alguns versos de amor... A obra longa e contínua não tem hoje um ambiente que a proteja. Andamos todos solicitados pelas exigências duma época dispersiva e inconsistente. Ainda os que vogam num barco florido se não iludem. A figura de proa pode ser deliciosamente quimérica — mas as ondas não inspiram confiança aos navegantes. A flor divina da espiritualidade e da graça desfolha-se nos redemoínhos. À tona dos lagos é que as ninfeias abrem.

O mundo tem pressa de qualquer coisa que êle próprio ignora, nas fôrças contraditórias que o sacodem. E os poetas precisam de cantar depressa, nesta vertigem dramática, e escolhem por isso o soneto, certamente difícil, mas onde fiquem em pequenos cristais os seus estados-de-alma, já que mal tem tempo de os acalentar agora no remanso quási voluptuoso dos vélhos bardos...

O meu ilustre camarada Marques Rosa não é um rapaz, mas tem pelo soneto a decidida simpatia dos mais novos poetas. Não é um rapaz — mas o seu coração tem vinte anos esplêndidos. A sua vida afectiva é uma maravilha de florescência. Prova-o êste volume delicioso dos

Sonetos, duma arte muito sua, em que há tantas jóias preciosas, e que tam nitidamente o espelham.

Êste livro merece uma referência especial, porque se trata dum poeta que pouco se deixou influenciar pelas mais recentes tendências dos nossos líricos. De 1890 para cá, o movimento poético orientou-se noutras correntes de inspiração, acabando por procurar nas fontes populares e no melhor veio clássico, os moldes em que vasasse anseios e emoções. Marques Rosa, a quem já devíamos os alexandrinos encantadores do *Dueto de Amor* e do *Minuete* (além das belas e vigorosas páginas do seu romance histórico *Dona Mécia)* é um temperamento peninsular, acentuadamente latino, que prefere o esplendor dos eloendros granadinos ao roixo das olaias, e o aroma vivo dos cravos ao macio olor das violetas. Na sua poesia teria de haver scintilações de abelhas sôbre corolas claras, que o seu coração salpicasse de sangue vivo. É um homem que, nascido no século XVIII, seria o enlêvo dos serões elegantes e letrados, e correria aos «outeiros», glosando os motes das freiras mais travêssas — e mais bonitas. Há quadros nos *Sonetos* que lembram a galantaria picante e deliciosa dum Fragonard. Transparece-lhe nos versos um temperamento entre sensual e irónico, e os *Sonetos*

reflectem à maravilha o seu feitio de amoroso. Não se trata dum poeta que, como o grande namorado de Arezzo, viva divinizando uma Mulher, cantando uma Eleita, criando, sôbre uma beleza e uma graça frágeis, a única Beleza e Graça incorruptíveis. Marques Rosa é muito peninsular para fazer girar o mundo em tôrno dum grande amor, que encha a vida, e a alumie, como a lua as florestas e os mares. Nem Laura, nem aquela visão de que nos fala outro poeta, feita de sonho e nuvens:

> Est-elle brune, blonde ou rousse? — Je l'ignore.
> Son nom? Je me souviens qu'il est doux et sonore,
> Comme ceux des aimées que la Vie exila...

Para o meu ilustre amigo, o amor vem coroado de rosas, ridente e belo como Eros. Quando sofre, vai ao carcaz das ironias, e desfere uma flexa doirada e leve, que ao cravar-se na carne palpitante se transforma logo em flor de madrigal, e por sua vez se esfolha em beijos e carícias. Duma voluptuosidade semelhante à dos vélhos deuses, afagaria com o mesmo ardor os cabelos negros de Cleópatra, ou os feixes de sol nascente que eram os de Mimi Pinson...

> Jupiter ex alto perjuria ridet amantum.

É por isso que ao lê-lo nos salta logo ao espírito um poeta romano, parente próximo de Catulo ou Propércio, a quem ficaria bem a túnica de sêda dos banquetes deslumbrantes, em que havia caveiras enfeitadas de rosas — a lembrarem que da vida fugitiva e traiçoeira era preciso aproveitar tôda a efémera beleza, e aspirar sôfregamente tôda a doce fragrância...

Marques Rosa divagaria no verão pelas termas ou pelas deleitosas praias da Campánia, para onde emigravam as mais belas mulheres de Roma — «reclinadas nas almofadas das liteiras, de tafetá de Malta, cobertas de rosas desfolhadas, para dar frescura à atmosfera aromatizada por *sachets* de perfumes...»

Os homens letrados — todos os ricos o eram mais ou menos — levavam consigo as cápsulas com os rôlos de pergaminho das obras estimadas, que tinham sempre à cabeceira!

O nosso poeta, que é também um letrado e um erudito (e que iria certamente, com Cícero, às saborosas palestras de Áttico) não deixaria de levar um rôlo de pergaminho considerável — mas, sobretudo, levaria a sua lira, para cantar a Mulher, a Beleza e o Amor. E é neste ponto que eu o comparo ao Romano magnífico. A Mulher de Guy Charles Cros — «*sphinx entre les sphinx et fleur entre les fleurs!*» — não é para Marques Rosa senão a flor enebriante. Pouco lhe importa

a esfinge. Veste-a menos de mistério, de paixão e de sonho aureolante, do que de sêdas, de flores e de blandícias. Poeta dum paganismo florente e sensual, vêmo-lo nos esplendores da Roma dos jardins de magia e das pedras preciosas, das tapeçarias asiáticas e das baixelas de oiro, dos tecidos transparentes de Cós, em que as formas feminis quási esplendem como de estátuas nuas, quando para os festins vinham as maravilhas mais raras — «os pavões de Samos, os francolins da Frígia, os grous de Melos e os cabritos da Ambrácia, que se derretiam na boca como geleia...»

Os anos correm velozes como gamos, e para lá do horizonte é tudo vago e triste — ia pensando o Romano dos fins da República. Os deuses eram já símbolos mortos. A estrêla dos Magos não se enxergava ainda, doce e luminosa, como uma imensa lágrima...

O luxo e o prazer desvairam como o vinho. As ambições refervem. O dinheiro gasta-se desvairadamente — vai rolando em rios de oiro. César compra a Servília uma pérola por seis milhões de sestércios. O próprio Catão da austeridade e da renúncia estóica — e que Mommsen compara a D. Quixote — «divorcia-se a pedido dum amigo, e, quando o amigo morre, volta a casar com a mulher de quem se separára.» Tudo parece de hoje, mas visto a um clarão épico.

«O desequilíbrio da distribuïção da riqueza era a situação romana do fim da República — e foi a causa da sua morte... ¿Será também a causa da ruína das nossas democracias?»

Assim preguntava, há muito já, Oliveira Martins. As palavras do grande historiador são para meditar. Êle, que já se enjoava com as façanhas dos ricaços, que diria hoje, diante de tanta vileza de açambarcadores e argentários! Os ricos de Roma e os nossos novos ricos! Como classe, explica o historiador, aqueles constituíam a sociedade fina e polida pela elegância, mais ou menos pura, dos costumes helénicos. Crasso sabia os livros de Aristóteles...

Os nossos causam asco. Voltemos de-pressa aos *Sonetos!*...

Marques Rosa lembra-me, não só pela nobreza do carácter, mas pela essência mesma da sua poesia amorosa, um Catulo discreto, que até, como o romano, canta deliciadamente o beijo. Nos *Sonetos* o beijo é um «leit-motiv» que esvoaça como uma abelha doirada nas roseiras de Pæstum. ¿Querem ouvir o apaixonado de Lésbia, naquele celebrado carme em que lhe diz que deixe falar os vélhos, e que o sol morre para ressurgir esplendoroso, emquanto os amantes caïrão, com o seu amor, numa infinita noite — que é afinal a filosofia dominante do gôzo in-

término da vida? Aí a tem, na tradução graciosa de D. António Aires de Gouveia:

Oh! dá-me mil beijos,
mais mil e mais cem;
mil outros, cem outros,
mais mil dar-me vem!

E quando fizermos
Já muito contar,
A conta devemos
Depois transformar...

Catulo não levaria a palma ao nosso adorável poeta, se êste tivesse a cingi-lo os belos braços de Clódia... O que é certo é que no volume de Marques Rosa abundam páginas de antologia, formosíssimas. Também crêmos firmemente que as mulheres hão de gostar de ler êste volume, que é tôda uma oblata à sua formosura e ao seu encanto.

A grande receita para que uma obra não envelheça, é que a alma e o coração do poeta não envelheçam jàmais. Raros autores enchem os seus versos de tanta mocidade e entusiasmo. Marques Rosa é constantemente moço — o que dantes acontecia aos Deuses, e agora só aos verdadeiros Poetas.

«EL PORTUGAL»

O snr. dr. Labra Carvajal vem de dar a público sôbre o nosso país uma obra, onde uma grande parte dos portugueses cultos teem que aprender. Êsse estudo torna-se ainda mais significativo, ao sabermos que o ilustre professor de Direito Constitucional e Político exerce em Lisboa, há apenas cêrca de ano e meio, o cargo de cônsul geral do Chile.

O snr. Carvajal preconiza a necessidade de encurtar as distâncias morais dos dois povos, mediante um estudo recíproco de instituïções, de filosofia, de política, de sciência social. É de opinião que Portugal é um país pletórico de riquezas físicas, éticas e mentais, ignoradas na sua

pátria, ignorância que redunda em desvantagens evidentes para a economia e intercâmbios comerciais das duas nações. « *Por tales razones* — explica — *es que hemos querido dar a conocer en ese libro la formacion histórica le la sociedad portuguesa; las fuentes de su potencia económica; las caracteristicas mas sensibles de la raza; sus fuerzas productivas; la hermosura sugestionadora de su variada floresta; su arte imponderable con estilos próprios; la penetrante filosofia de algunos de sus eminentes penzadores o la sutil magnificencia de su poesia y de su musica, hecha, la primera, con la fuerza del lirismo épico de los descubrimientos, y la segunda con las notas melancólicas peculiares al génio lusitano.* »

Sousa Costa, o admirável novelista, num prólogo encantador, fala assim ao autor de « *El Portugal* »: — « É bem o filho legítimo, por nascimento e por património, dessa terra sempre moça, sempre virgem, que palpita para além dos Andes. É o produto forte duma natureza forte. Porque, deixe-me acentuá-lo, a fôrça, quanto a mim, não está em Sansão. Está em Francisco de Assis. Não é forte o que vence os filisteus. É o que se vence a si mesmo, o que arvora a bandeira do triunfo sôbre a ruína dos instintos, mais amigos do mal do que do bem. O meu caro doutor Carvajal venceu-os, realizando êste livro, esta obra que é um prodígio de trabalho, um mila-

gre de observação, um primor de técnica, sem esquecer a sociedade, antes freqüentando-a assìduamente, dando-lhe o equilíbrio do seu aprumo de *gentleman* e o lustre da sua nobreza de intelectual. »

Com efeito, há no « *El Portugal* » capítulos excelentes pela exactidão, pela agudeza crítica, pelo relêvo literário. Êste livro teria certamente um lugar de destaque na continuação da obra de Bernardes Branco, *Portugal e os Estrangeiros*. ¿Quem se resolverá a continuar um dia êsse trabalho tam meritório e tam patriótico? Que série brilhantíssima de novos publicistas a incluir na obra ilustre — que viria assim de Messire Jehan Froissart (não falando dos espanhóis, está claro) até aos recentes e cativantes primores do snr. Carvajal!

Não tenham dúvida: nós temos bastas vezes de folhear os estrangeiros que se nos referem, para colhêr a palavra verdadeira e justa. Ainda quando uma ou outra vez nos censurem, serão leitura proveitosa e tónica. Ainda quando, em plena época das nossas façanhas e da nossa glória, deixem cair no texto alguma gota corrosiva ou amarga, é preciso que se leiam. Nos belos carros de oiro tirados por corcéis brancos, os triunfadores da vélha Roma, vestidos de púrpura e dominando a terra, não cerravam os ouvidos às sátiras e aos doestos com que a multidão lhes

lembrava os defeitos, os êrros, a sua fragilidade humana. Ao grande Júlio César até lhe troçavam a calva — que êle escondia com uma grande e folhuda coroa de loiros... As letargias da vaidade e da glória precisam de alguém que as desperte!

Nós somos freqüentemente obrigados a aprender, em vários passos, a nossa história verdadeira e clara — contada por estranhos. Com D. João III a história começa a ser feita pelos inquisidores. A fumarada negra asfixia tôdas as consciências. Durante um longo período, temos de recorrer, como se sabe, aos escritores estrangeiros. E a pléiade é magnífica, — espraiando-se também na história literária com Ferdinand Denis, Ruscala, Ortiz, Schæffer, Smith e tantos outros. Portugal atrai, sob vários aspectos, estrangeiros eminentes que lhe consagram obras valiosas. O conde de Hoffmanseg, acompanha-se pelo botánico Link, dispende uns cincoenta contos com a publicação da *Flora Portuguesa,* e põe a vida em risco nos píncaros da Estrêla; Kinsey estuda os nossos monumentos; Rackzinski deixa-nos dois volumes, ainda hoje preciosos para o estudo de numerosos artistas e obras de arte. Quantos não teriamos de citar!

Modernamente o número de lusófilos tem aumentado dum modo verdadeiramente desvanecedor. Sabe-se bem quanto devemos aos gran-

des nomes de Guilherme Stork, de Tomás Cannizzaro, de Marco António Canini, já desaparecidos, e aos vivos Philéas Lebesgue, Prestage, Ribera e Rovira — para lembrar apenas alguns.

O mais novo, e que pertence ao grupo dos mais ilustres, é o snr. Labra Carvajal. A leitura do seu volume faz-se sem interrupção, agradabilìssimamente, de tal maneira o artista comunica à prosa tersa e harmoniosa a viveza do seu espírito. Logo de princípio, o autor nos descreve em traços esplêndidos o aspecto de Lisboa e do Tejo — e fá-lo encantado, como já acontecêra a essa deliciosa Laura Permon, depois duqueza de Abrantes. Lacunas, certamente que também as há — e como as não haveria, se já nos surpreende a variedade de assuntos, que em tam limitado tempo o snr. dr. Carvajal conseguiu tratar com critério tam lúcido! Assim, por exemplo, desde que o autor se refere aos Jerónimos — e em primorosas páginas — pena é que não tenha feito avultar essa maravilha da Batalha, o nosso mais belo monumento, que daria ao ilustre escritor, como já dera a Murphy e a tantos outros, trechos de rara beleza de história e de arte. Também se nos afigura que faz falta no volume uma referência a Coímbra, para que o título não seja amplo de mais relativamente ao texto. É evidente, repetimos, que o snr. Labra Carvajal não

podia escrever em dezóito mêses — que não consagrou exclusivamente ao estudo do país — um trabalho completo, embora em sínteses brilhantes. As páginas que aí vemos representam um decidido esfôrço servido por um talento a que não há regatear encómios e aplausos.

Tudo nos leva a crer que um segundo volume, ou uma nova edição, que virá breve, há de obviar a uma ou outra lacuna, em que devemos incluir a da referência aos nossos artistas plásticos. Nos trechos que se referem à Literatura portuguesa — em que incluímos o óptimo estudo a respeito de Herculano, as opiniões sôbre Oliveira Martins e Sóror Mariana, que constituem capítulos à parte — há por vezes incertezas e deficiências. ¿E como poderá ser de outra sorte? ¿Como haveria o snr. Carvajal de passar em revista tôda uma literatura tam variada e tam rica, ainda que circunscrevesse a sua análise exclusivamente às figuras dominantes das várias épocas?

Ao terminarmos a leitura do magnífico volume não nos ficou apenas a impressão de enlêvo: ficou-nos ainda a de reconhecimento, que não podemos deixar de exprimir nestas linhas fugazes. Êsse trabalho não tem unicamente o brilho e o saber do escritor distintíssimo, cuja vasta cultura ressalta a cada passo nos capítulos tam variados do primoroso estudo. Tem ainda,

para nós, portugueses, uma nota que profundamente nos cativa: a duma simpatia que sentimos constantemente aflorar nessas páginas, como à tona de certos lagos emergem deliciosamente as ninfeias. O autor pertence de ora ávante não só ao grupo dos mais ilustres publicistas a quem Portugal deve uma gratíssima homenagem — mas aos seus amigos devotados, que vibram com as suas emoções de alegria ou tristeza. Por isso nós o felicitamos, como o seu ilustre proemista, felicitando simultaneamente esta linda terra, um pouco desventurada de certo, mas sempre bela e grande. «Mostrou como é possível, com amor, desviar para longe a torrente de ódios ferozes, desvairados de fomes e de sêdes, que perturbam e inferiorizam a nossa era, tornando fácil o entendimento entre os homens.»

« LIRA ROMÂNTICA »

Foi agora publicado um livro do malogrado poeta António Molarinho, escrito há mais de trinta anos, e de que alguns jornais portuenses deram, por então, fragmentos, hoje quási esquecidos. Foi uma obra de justiça esta publicação póstuma — e obra consoladora. É sempre doce recordar os que cantaram e amaram, a cuja luz espiritual nós vamos aquecer-nos, aos ventos frios que sopram e que enregelam a gente.

António Molarinho foi um esbelto rapaz, alto, moreno e forte. Dir-se-ia que desafiava a Morte, olhando um céu cheio de estrêlas... De repente a Morte subjugou-o no abraço pérfido, com que tanta vez se compraz em prostrar na arena os

lutadores atléticos. Natureza complexa de artista, Molarinho pertencia a uma família em que há artistas ilustres. Além de poeta, foi pintor e escultor. Cursou a nossa Escola de Belas Artes com raro brilho, e morreu aureolado de talento e de grandes quimeras, que é como morrem os poetas. Da sua obra, pouco mais que iniciada, ficaram-nos na Escola esboços reveladores—além dessas poesias dadas agora a lume, onde o leitor encontra alguns belos sonetos e outras composições primorosas, como essa elegia deliciosa de simplicidade e ternura que é *Maria Manuela.* Nos versos de António Molarinho há um travor de pessimismo, que a mocidade torna leve e fugitivo, à maneira duma asa triste num céu ainda claro. Reflecte-se-lhes, ao geito romântico, uma luz tamizada, com vagos tons roxos dêste sol de Outono, em que a dor vai deixando o sulco do seu arado augusto — que rasga o peito dos poetas para os fecundar de imortalidade.

Lira Romântica é o primeiro livro póstumo duma série que não tardará a vir a público. Os versos dêsse boémio desgraçado que foi Alfredo Carvalhais tem-nos Álvaro de Castelões carinhosamente reünidos para dar à estampa. O dr. Maximiano de Lemos havia enfeixado para dar ao prelo as poesias do saüdoso Manuel Duarte de Almeida. António Feijó deixou completo um volume, que considerava o seu mais belo livro,

e por cuja publicação todos ansiamos. Não há muito que chegaram à nossa saüdade os *Primeiros Versos* de António Nobre...

Tudo isto, e sobretudo a prodigiosa florescência poética dos últimos tempos, briga singularmente com os dizeres da carta melancólica de Antero de Quental, que julgo até agora inédita, e que serve de prefácio ao volume encantador de António Molarinho. A carta é de 1889 — escrita dois anos antes do suicídio... O pensador excelso dos *Sonetos* diz nessa carta ao moço e malogrado poeta: — «¿Pois o que é poesia — digo poesia, digo sentimento vivo e alado, imaginação caprichosa ou profunda, contemplação intensa do vasto universo e da própria alma, universo mais vasto ainda no seu mistério; digo poesia e não só versos — neste nosso mundo actual? ¿E que será ela no mundo novo que se prepara e cujo vulto ainda indistinto, mas já terrível e estranho, entrevisto a espaços, faz descòrar os pobres poetas, os que ainda restam, como se curvam e estremecem as pobres flores, que tardias desabrocharam no Outono, ao passarem hostis as primeiras rajadas do norte assassino? O rugido do oceano já próximo faz emudecer os rouxinóis... Sentimo-nos tam deslocados! parece-nos êste mundo tam pouco o nosso mundo! É que somos, com efeito, os representantes duma espécie prestes a desaparecer — e

é fôrça que se cumpram os decretos do destino... »

E o grande pensador, depois de vaticinar o irremediável desaparecimento dos poetas, lembra que a sciência e a democracia talvez suprimam, pôsto que não saiba como, as misérias e as profundas dores humanas, como a poesia as tinha embalado e adormentado... E apela para a virtude e para o bem: «O universo só dura pelo bem que nêle se produz. Êsse bem é às vezes poesia e arte. Outras vezes é outra coisa. Mas no fundo é sempre o bem, e tanto basta.» As palavras de Antero, na parte em que auguraram, há 32 anos, o desaparecimento dos poetas, enganaram-se inteiramente. O «rugido do oceano já próximo», a que alude, ouve-o agora o mundo distintamente. E cada vez os poetas cantam mais! É que não há arrancar fàcilmente das almas vibráteis e scismadoras êsse gorgeio de oiro, que é perene como a essência do sonho e da mais transcendente beleza.

Uns trinta anos antes de Antero, Eugénio Pelletan já havia lançado a ideia, tam erròneamente glosada, sôbre um assunto paralelo. E mal interpretada, ou lida de relance, proclamou-se que o autor da *Profissão de fé do século XIX*, profetizára a morte irremediável da poesia.

Puro engano. Pelletan, tam vibrantemente lírico, o amigo de Lamartine — de Lamartine, que «havia descoberto a alma», no dizer dum crítico — não podia proscrever a Poesia. O que êle proclamava era a morte do Verso, «uniforme do pensamento». A forma típica, estreita ou mecânica do Verso, cederia o lugar à Prosa; mas dentro de esta, a poesia haveria de resplandecer, e cada vez mais bela. «*La prose est la parole indépendante, diverse comme la vie, simples comme le progrès. La prose tend donc, de plus en plus, à retirer la Poésie à la langue traditionelle et immobile du vers, pour lui communiquer sa liberté, et sa vivacité d'allure. Le prosateur détrône le poète.*»

Assim disse Pelletan. O último período é que certamente criou o equívoco dos que não leram o resto ou não o souberam ler, e dos que julgam, numa crítica fossilizada e fradesca, que poeta é exclusivamente aquele que faz versos. Pelletan referia-se apenas ao versificador. Os poetas, êsses, seriam cada vez mais livres, e a poesia cada vez mais vasta, envolta nas roupagens mais amplas e flutuantes da prosa... De resto, o mesmo Pelletan exclamava: «*Aimons la poésie, qui est la fleur de la création; aimons la science, qui est la confidence du monde à notre esprit; aimons le travail, qui est notre droit de commandement sur la matiére; admirons la beauté*

sur la face auguste de là création: l'admiration n'est que l'amour porté à sa plus haute puissance, le son même de l'àme au contrecoup de la beauté?»

Entre o pensamento de Pelletan e o de Antero não há pontos de contacto. O primeiro alarga os domínios da Poesia, proscrevendo o Verso; o segundo dá por terminada a época dos poetas: — «digo poesia e não só verso», são as suas palavras.

Ambos se enganaram — e Antero muito mais, certamente. É claro que Pelletan acertou em parte. As formas hirtas e imóveis do Verso foram-se desarticulando e enriquecendo, os ritmos enlaçaram-se pouco a pouco na maior liberdade, até ao *verslibrisme* e a tôdas as combinações estróficas e musicais do movimento simbolista, em termos de prosa e verso se fundirem por vezes na sua expressão poética. Os poetas-prosadores são inúmeros — mas o Verso subsiste. E é vê-lo cada vez mais abundante, mais maleável e mais resplandecente!

¿E porque não? Êle é a forma ancestral e predilecta do homem. Em tôdas as literaturas o verso precedeu a prosa. Vem de muito longe, quási tam antigo como o amor e a fome... Desde a sua infância no globo que o homem preferiu essa forma lapidar ou musical. Durante séculos, só o verso lhe esvoaça e canta nos lábios rudes. As suas impressões, sentimentos e

ditames exprime-os êle em verso. É o verso que fixa, em dizeres rítmicos, os cánones morais, as regras práticas, as tradições de glória. Os instrumentos músicos primitivos acompanham as narrativas ainda bárbaras, que se alargam mais tarde ao canto dos rapsodos. Entre os helenos é êle a forma nacional e por assim dizer sagrada. Legisla-se em verso. Os oráculos exprimem-se em verso. A palavra guiadora ou profunda, amorosa ou heróica, refulge em versos de oiro...

Como expressão estética, sabemos aonde tem chegado a maravilha do verso. Tècnicamente, é ainda um aprendizado excelente: quási todos os bons versejadores escrevem bela prosa. O contrário raras vezes acontece. O exemplo de Chateaubriand é dos mais concludentes. O grande prosador-poeta é um metrificador medíocre e enfático: «versos de academia de província», como dizia Gautier.

Se o grande poeta dos *Sonetos* pudesse hoje assistir ao extraordinário desabrochar de poesia que aí vemos, reconheceria que se iludira; e se as «rajadas do norte assassino» lhe crestam ou desfolham por momentos as florescências divinas, é para que renasçam mais belas, fecundadas por lágrimas. Em meio dos tufões mais hostis à floração dos poemas, o homem procura sempre um momento para exprimir os

seus anseios, as suas amarguras, as suas ilusões e o seu amor. À sua vida interior, cada vez mais intensa, é preciso êsse lume divino... Pouco importa o que digam economistas e sociólogos — contìnuamente em contradições flagrantes. A poesia acabará na terra quando morrer o planeta. Ela é ingénita no homem — como a esperança. Convertida em virtude, ou em «obras do bem, ligadas indissolùvelmente à substância do universo», como Antero vaticina, sempre seria poesia, da mais profunda e viva. Por sua vez a Arte tentaria exprimi-la... E os versos continuariam a guardar, em formas indeléveis como bronze ou límpidas como cristal, a ilusão eterna e a dor eterna do mundo.

«CAMILO E OS MÉDICOS»

Dia a dia se vai enriquecendo a bibliografia àcêrca de Camilo. Desta vez é com um livro excelente — *Camilo e os Médicos,* do snr. dr. Maximiano de Lemos. É um bom sintoma êste interesse suscitado por um grande português desaparecido. Êsses livros, além do valor que possam ter, literário ou crítico, são belas obras cívicas. Todos os que guardem o culto das grandes figuras da sua terra, teem obrigação de os aplaudir e enaltecer. Mais ainda em Portugal, nesta pátria que foi quási sempre a «mãe descaroável» dos seus génios. E na hora que passa, em que os egoísmos se acumulam e as sombras se conden-

sam, mais doce brilho espalham as luzes que alumiam, e põem em relêvo os grandes homens que nos encheram de glória, alumiando-nos...

É certo que entre as publicações que dizem respeito ao extraordinário escritor, algumas se nos afiguram de valor insignificante, outras parecem puro mercantilismo. Mas até estas nos trazem por vezes alguma coisa útil para a perfeita compreensão de psicologia tam irregular e facetada. À vida agitada do romancista, como à sua obra desigual e opulenta, não são nunca de mais os comentadores sagazes nem os cronistas afectuosos. Camilo é um composto de várias individualidades, que por vezes se chocam, e por vezes se fundem — e que aparecem também independentes em vários passos da sua obra singularíssima. Esta obra, proteiforme e admirável, é uma espécie de ducha escocesa. A paixão irrompe fervente como um *geyser* esplêndido, para logo cair sôbre as florações romanescas um longo manto de gêlo... Mestre incomparável do Patético e da Ironia, dir-se-ia que o riso vinha irisar-lhe as lágrimas.

Há homens de uma grande coerência, cuja linha harmoniosa da existência se traça com a regularidade geométrica da órbita de um astro. São as naturezas extremamente simplistas, e aqueles que alcançaram os altos cimos da Vida

— homens raros no turbilhão pavoroso desta imensa Feira de Vaidades.

A vida de Camilo é acidentada, lancinante e dramática — à espanhola. Êle é, de resto, quási sempre o herói das suas novelas — como Werther, como Adolfo. Por isso, como diria Emerson, a maior parte das suas páginas deitariam sangue, se as rasgássemos. A sua existência, sem sair de fronteiras, é agitada e procelosa.

Por Trás-os-Montes, pelo Minho, pelo Pôrto, pelo Sul, por tôda a parte do país o leva errante a sua paixão e a sua nevrose — que era para certos românticos a Fatalidade antiga. E como na sua obra se marcam essas épocas da vida, e como na sua alma se reflectem os clarões divinos e passam os bulcões da tempestade e do infortúnio, nunca é demais a documentação que nos ilumine as longas estepes de desalento e tristeza, por onde passa a sombra gigantesca dêsse grande romântico, e onde o coração lhe vai plantando à beira dos sepulcros, ou junto dos idílios funestos, as rosas e os goivos que um tufão desfolha sempre...

Mas dizíamos nós que era um bom sintoma cívico, e certamente uma acção meritória, êste culto dos grandes homens, que parece desabrochar belamente com respeito a Camilo, e que se afirma de maneiras várias numa corrente de admiração e gratidão para aquele que teve,

como D. Francisco Manuel, «duas celebridades — a do talento e a da desgraça». Além dos volumes que elucidam e comentam o escritor incomparável, nós já temos em S. Miguel de Seide o Museu Camiliano, instalado na casa do Mestre, de todo reconstruída sôbre as cinzas do incêndio que apenas lhe deixou as pedras chamuscadas.

Devemos essa obra a várias dedicações — mas, sobretudo, ao snr. José de Azevedo e Menezes, que mostrou quanto pode nesta época de misérias um grande coração de amigo, e um espírito que ainda tem a ventura e a rara nobreza de admirar. O insigne escritor conseguiu destruír a lenda de que nada se faria. Tudo está pronto. Ainda êste verão lá poderemos ir colhêr uma fôlha da *Acácia do Jorge*, que nos estenderá os ramos, como braços magros, desventurados e amigos...

O snr. dr. Maximiano de Lemos, o eminente historiador da Medicina portuguesa, veio também contribuír, como vimos, com o seu *Camilo e os Médicos* para as homenagens ao grande romancista. Êste volume faz parte, embora de uma forma mais episódica, dos estudos especiais que o ilustre publicista consagra aos seus colegas — estudos em que figuram os trabalhos magistrais sôbre Amato Lusitano e Ribeiro Sanches. Desta feita é Camilo a figura predominante que, como antigo estudante de Medicina, às

vezes se compraz em fazer a sua partida aos mestres... Temos aí muitas notas preciosas, uma investigação sagacíssima, várias páginas inéditas de Camilo, lances pitorescos, aspectos múltiplos dessa fisionomia tam contraditória e por vezes tam enigmática.

A par disso, travamos conhecimento com numerosos médicos, que o dr. Maximiano de Lemos estuda e nos retrata naquela forma despretenciosa, elegante e fluente, que faz dêste notável homem de sciência um prosador delicioso.

Bela homenagem, na verdade, a dêste volume ao mestre incomparável da elocução e da língua. Tudo lhe devemos. Sem entrar agora em linha de conta o romancista, o polemista, o poeta, o historiógrafo, o dramaturgo — Camilo foi um milionário prodigioso, uma espécie de Rokefeler da linguagem. Deu ao léxico uma opulência de nababo — nas combinações mais variadas, com a flexibilidade e a graça do artista. Esgotou as minas clássicas; trouxe de lá todos os filões de oiro; e das falas do povo enriqueceu a sua obra com locuções e termos que latejam de vida e escorrem sangue. Tam certo é que o povo é quem molda principalmente a língua, a desarticula, a afeiçoa, a vivifica e a esculpe.

Um insigne escritor morto dizia-nos que palestrava muito com malteses para dar sal à

linguagem. E não há, na verdade, melhor sal que a tempere e a torne saborosa. É ver, por exemplo, o teatro de Gil Vicente.

Do Minho, que Camilo considera «a província mais clássica de Portugal» e onde viveu o período da sua plena maturação literária, em que a sua arte foi mais sóbria e mais límpida, aproveitou todo um glossário e locuções populares para os livros que opulentam a sua obra inconfrontável, a partir da sua instalação em Seide. Mas em tôdas as partes do país que percorre, Camilo monta no oiro da sua prosa as mãos cheias de pedras preciosas que o povo desperdiça, porque o povo é em tudo um perdulário inconsciente — gemas que o genial escritor vai facetando e engastando na maravilha do seu estilo. Camilo é ao mesmo tempo o neologista mais perfeito, e um cinzelador como teria de ser um homem do seu tempo, sob as influências do seu tempo, e com um temperamento peninsular tanta vez aparentado com o de Quevedo e com o do autor dos *Apólogos Dialogais*.

Ninguém como Camilo enriqueceu o idioma, vitalizando-o. O seu vocabulário é variadíssimo e magnífico. Por entre os nobres loureiros clássicos erguem-se os ciprestes românticos, e vêem-se lindamente floridos os espinheiros bravos. A par das orquídeas — os craveiros, os trevos, as madresilvas do povo...

«O MELHOR CASAMENTO»

O snr. Alberto Pimentel publicou há pouco ainda, em volume, *O Melhor Casamento*. Os leitores conhecem dos folhetins do *Primeiro de Janeiro* o último romance do indefesso escritor. Não é necessário contar-lhes o entrecho do livro, vasado naquele português excelente que tanto valoriza os trabalhos do autor, e que já em 1871 Camilo classificou de «admiràvelmente vernáculo». Não é preciso avivar-lhes as figuras que aí passam, em grande parte fotografadas em flagrante, ou apenas levemente veladas pela discrição do romancista. O volume tem, por isso mesmo, um sabor picante de memorial, sempre grato ao nosso

paladar atreito a leituras em que a vida palpite, sem embargo da fantasia a envolver, de quando em quando, naquele «manto diáfano» de que falava Eça.

A própria factura do romance, de urdidura simples, em que a narrativa se espraia sem carpintarias teatrais nem *pochades* scenográficas, nos adverte de que o insigne escritor vai entrançando capítulos de Memórias, convenientemente dispostos para os efeitos novelísticos.

As qualidades eminentes do historiógrafo pressentem-se no desenrolar das notas arquivadas. As personagens mexem-se, não perdem o interesse da verdade e da vida, e os costumes da época patenteiam-se nos quadros que o autor nos deixa completar ou emoldurar, visto que os processos não são os do *encadreur* ou do pintor de género, mas os do artista que prefere ir narrando e evocando.

Nestas ligeiras anotações à margem dos livros temos vivo prazer em testemunhar ao infatigável escritor as nossas homenagens. O país deve-lhas também.

Desde os versos amoráveis de *Joaninha* ou de *Rosas Brancas,* tam belos e floridos de ingenuidade alvorescente, em que as lágrimas teem sempre a irisá-las refulgências de esperanças, «poesia que enternece a lágrimas; condão de influir aos seios da alma melancolias saudáveis

e confortadoras; magia que surte da alteza da ideia com a suavidade da forma»: — desde a sua iniciação de periodista no vélho *Jornal do Pôrto,* e no *Primeiro de Janeiro,* hoje tam esplêndidamente remoçado, até às páginas do romance de agora — que extraordinário labor o do polígrafo que jàmais esmorece nesta luta augusta de galeriano intelectual, quanto mais exaustiva que a dos cavadores e dos mineiros!

Pode sorrir-se a inépcia de todos os vadios, que se julgam os grandes trabalhadores nas sociedades solertes de traficantes. Esta mina das letras sufoca de cansaço. Êste alvião é mais pesado do que a clava de Hércules. É menos duro fazer noivar a terra em flor e em fruto, ainda a mais sáfara, do que arrancar cada um de si próprio aqueles frutos que são, por maravilha, a flor mais bela e mais vivaz das civilizações. Frutos da intelectualidade e da beleza, pomos de oiro arremessados à Multidão vertiginosa — Atalanta que mal se demora na carreira a apanhá-los, por não lhes ver o brilho... ¿E que conquistam em Portugal os homens de talento, que fizeram das Letras um sacerdócio, olhos postos numa estrêla quimérica, que os levasse, como a dos Magos, junto da suprema Beleza ou do supremo Amor? Pobres peregrinos num deserto enorme! Olhai em volta: aos fúnebres

moimentos nem sequer levam mãos avaras um ramo de violetas!...

¿E quais são afinal os que pelas letras conquistam em vida aquela *aurea mediócritas* do epicurista amável — a sombra doce das árvores de Tíbur, para, em vélhos, escutarem tranqüilos no soluço das fontes a elegia da vida? Como é que em Portugal não pôde enriquecer até hoje um escritor que fôsse?!

Na adolescência de Alberto Pimentel — como já notamos a propósito de outro escritor — escutavam-se ainda, com enlêvo, os carmes ultra-românticos. Havia brisas lânguidas, luares de teatro, véus a acenar adeuses, florestas de scenário, belos amantes de ópera, meias-tintas de Outono voluptuosas — tudo o que houve sempre na vida pôsto então enfàticamente em melodrama. As inspiradoras vestiam de branco, e apareciam como figurações de sonhos nas grades de mosteiros e sepulcros. Elvira (e mais tarde a morena cigarreira de Nápoles) ainda sorriam, pàlidamente, pela boca apetitosa de Elisa... As paixões eram tempestuosas e elegíacas. Ao piano recitava-se o *Noivado do Sepulcro*. Camilo escrevia o *Amor de Perdição*, e depois o *Esqueleto*.

Desde então até hoje Alberto Pimentel é um dos exemplos mais eloqüentes do trabalho

estrénuo e do puro amor das Letras. Certa simpatia estética pelos mestres da sua juventude não fez que a sua obra se não depurasse de exageros de escola. E essa obra é enorme — desde o poemeto à história, desde o romance ao teatro. Ao escritor castiço, que reúne as qualidades da escola em que desabrochou o seu talento às da geração futura, aliança-se o poeta e o artista que não se deteve em acabamentos de *virtuose,* e que ama a beleza sem exotismos nem atavios de mau gôsto, para que assim, na sua singeleza esbelta, seja mais comunicativa e mais docemente portuguesa... Além dos seus notáveis estudos históricos, não há província das Letras em que lhe não devamos alguns livros admiráveis.

*

* *

Mas vejamos qual seja o *Melhor Casamento.* Para Juca Tagilde, o milionário-artista do romance, é, afinal... não casar. Êste é o tema fundamental da novela, tratado com tanta originalidade e primor.

No seu *salon-rose,* discretamente fechado a olhos triviais, guarda êle as telas, que foi amorosamente pintando, das mulheres que na sua mocidade lhe deixaram na alma um vivo sulco

de amor e de saüdade... Reünindo estudos, debuxos que aguarelava para fixar tôda a côr dessas mulheres amadas no momento em que mais vivamente o impressionaram, êsse homem estranho e de tam fina sensibilidade fez reviver na tela as visões que o encantaram e que se lhe engastaram na alma apaixonada, como nas ondas do mar ou no esmalte dos lagos as estrêlas descem do céu a retratar-se...

É *lady* Hertford, que êle, ainda estudante do «Britannia Colege», surpreendeu nos seus domínios senhoriais, incomparàvelmente bela, de fartos cabelos negros e olhos claros de nereida; é Raquel Nazaret, a dulcíssima Raquel que enamorou tôda a mocidade de Coímbra, por volta de 1850, a quem o grande João de Deus — devem lembrar-se — fez versos de oiro e lágrimas; é Natividade, de tôdas a mais irrequieta, a quem êle conheceu no Bussaco, de grandes olhos pretos de Sulamita, e dum palor de monja; é Noémi, brasileirinha morena, «cujas faces faziam lembrar duas rosas em que houvesse algumas radiações de tenuíssimo oiro, e cujo sorriso tinha o que quer que fôsse de vago e subtil, como o da Gioconda...»

Estas são as quatro mulheres que ele amou — e que morreram. ¿Tôdas? Não. Natividade, que êle há tanto não via, é a única que existe. São estas as suas noivas, que tam admiràvel-

mente retratou em plena juventude, sem que ninguém soubesse, e que só raros amigos lograram contemplar, mais tarde, no discreto salão da Bemfeita.

«Cada uma das quatro damas, cujos retratos os meus amigos acabam de ver — diz Juca Tagilde a Alberto Pimentel e a Júlio César Machado — ou tôdas elas ao mesmo tempo, constituem para mim, solteirão irredutível, o melhor casamento, o mais doce, o mais sereno, o mais harmonioso, excepcional casamento que desdenha a idade, que zomba da doença e não admite a saciedade nem o tédio.»

Nas horas melancólicas, o *rêvasseur* entra na sala e deixa-se sonhar. Na frescura inalterável da pele, nas musselinas etéreas, na leveza das rendas, nos olhos virgens e sempre frescos como flores orvalhadas, ou veludosos e scismáticos, as visões tomam vulto e dizem-lhe segredos... Descem das telas. Sorriem ou esvoaçam, à maneira das figurações redivivas que voltam das longas avenidas da Morte, arcangèlicamente, sempre toucadas de astros e de rosas imarcescíveis. Nada as poluiu nem desfeou no horrível descalabro da beleza e dos sonhos. É um noivado quási místico. Dir-se-ia uma poligamia angélica. A flor da Graça não a esfolhou o vento — que tudo esfolha e leva em redemoínhos... O mundano opulento e raro artista retratou o

amor e a beleza auroral, para que pudesse guardar perenemente no peito a sua essência augusta e incorruptível. É que a sua natureza de idealista exige um pouco de êxtasi religioso. Êle foi, de certo modo, como o pintor de Fiésole — mas sem abandonar a vida tumultuária. O mundo das sensações e da voluptuosidade é vasto como o oceano. A vida dos sentidos tem os haréns da terra. As flores que outras mulheres lhe oferecem, um momento o perfumam — e êle lá vai, sem que o amor e o sonho se maculem. Êsse é o «efémero feminino» de Fradique, cuja beleza precária êle afaga, passando. Mas não lhe perturbem, nestas gehenas da terra — ainda que sejam de oiro e púrpura, como as de êsse Romântico — o pedaço de céu azul entressonhado. Não lho perturbem! Não lhe desfaçam as quimeras esplêndidas!... Nos sarcófagos gregos vêem-se esculpidas dansas de sátiros e bacantes. Nos sepulcros onde dormem as suas namoradas, a imaginação dêste fino idealista contempla sempre a ronda da Pureza e da Graça.

Juca Tagilde vem a encontrar mais tarde, ainda formosíssima, a sua terceira retratada — Natividade. Mas como para êle «o amôr é a a mais dôce de tôdas as ilusões, e o casamento uma realidade sem intervalos de ilusão, como tôda a vida em comum, todos os aspectos quo-

tidianos da intimidade doméstica e tôdas as obrigações repetidas pela fôrça dum contrato a longo praso» — a deliciosa Natividade entrega-se-lhe como amante, «porque a entrevista, o encontro amoroso, poderá talvez definir-se um galante diálogo fugitivo...»

Como Júlio César Machado comenta no volume — o natural é amar e querer casar, como fazem dois terços da humanidade, pelo menos. Contudo, diz Alberto Pimentel, os conventos encheram-se de freiras professas, e nunca tem deixado de haver homens que, por qualquer motivo, evitavam casar-se. O que em Juca Tagilde há de singular é sòmente a modalidade romanesca da sua fobia, o que significa apenas que é mais talentoso, mais espiritual, mais artista que os outros solteirões.

Mais artista — e sobretudo mais poeta. Êle não quere que lhe apaguem a luz reveladora, que lhe fez da mulher amada uma visão de beleza e sonho incorruptíveis.

No século XV talvez encontrássemos Juca Tagilde embevecido a miniaturar Madonas, aureoladas no oiro fluido das iluminuras, segurando nos dedos finos a flor divina da espiritualidade e da pureza.

«NAMORADOS»

PORTUGAL é uma doce terra de poetas — que o mesmo é dizer de poetisas. A «espanholada» de Junot prometendo um Camões aos Algarves, não o seria hoje, se alguém distribuísse uma poetisa admirável a cada província portuguesa.

¿Porque é então que dantes se escondiam? O grupo de poetisas que enche de graça lírica a nossa literatura antiga, é bem pequeno. Em volta da Infanta D. Maria, algumas, de vasta erudição humanística; depois, até ao Romantismo, não é numeroso o cortejo adorável de citaristas, em que temos de incluír as místicas, algumas das quais o snr. dr. Mendes dos Remé-

dios carinhosamente reüniu em *Escritoras de outros tempos.*

Parece, à primeira vista, que a mulher portuguesa se contentava em inspirar os poetas, que desde os nossos reis trovadores nos vêem falando de amor e de saüdade. Aos pés das inspiradoras, os mais desventurados arremessam os alaúdes, que se quebram na morte — cantando ainda de amor!... «Em 1200, *morrer de amor* já era costume dos mimosos de alma atormentada» — diz a snr.ª D. Carolina Michaëlis. «Já então, continua a eminente escritora, os grandes olhos de criança das damas portuguesas inspiravam pela sua meiga e dorida expressão, ao mesmo tempo sensual e soberanamente espiritual e casta, amores apaixonados, mais vezes de perdição do que de salvação.» ¿Contentavam-se elas apenas, como deusas, em receber oblatas e cânticos? ¿Não era natural que o coração feminino, tam amoroso, ao bater mais vivo, marcasse êsse ritmo em redondilhas de amor? ¿Não é presumível que em todo êsse drama eterno da paixão, e até nas doçuras perturbantes de *flirt,* se trocassem com os ramos de cravos ou de violetas — quando não fôsse com beijos — algumas trovas ou décimas dos namorados? É evidente que sim. As mulheres portuguesas devem ter suspirado inúmeras endechas, que as crises do amor lhes arrancavam do peito. A prova está

nas freiras, que não fizeram apenas o melhor doce do mundo — também souberam docemente poetar. Nos vélhos «outeiros», os motes eram, em grande parte, de poetisas monásticas. Êles caíam do alto, das reixas iluminadas, como borboletas ao luar... É certo que a paixão profana vinha sempre velada em alegorias discretas. Os vélhos amores adejantes e travessos disfarçavam-se arcangèlicamente. Mas nas grades e nos locutórios, durante muitos anos, sentiu-se um longo frémito amoroso de versos. Foi um divino gorgeio, asa tonta de vento, impregnada de aromas. Nas salas elegantes e nobres houve sempre poetisas. Como nos salões franceses do século XVIII, também corriam as cartas íntimas e as poesias de amor. A mulher portuguesa, sentimental e apaixonável, que enche a nossa história de heroísmo e de sonho — tinha de fazer versos! «Brancan fala-me do seu coração em tôdas as linhas; se eu lhe respondesse no mesmo tom, faria uma *portuguesa*» — diz a Senhora de Sévigné, referindo-se às cartas de Sóror Mariana. Ao que alguém poderia ter respondido: — Marquesa, e não lhe ficava mal...

¿Qual a razão de ser tam reduzido o número de mulheres na nossa antiga bibliografia poética? Em primeiro lugar, porque a cultura feminina era extremamente precária; mas, pior do que isso, há nelas o receio da exibição, que as

deprime aos olhos do grande número. Nos vélhos tempos, é arreigado o preconceito estulto de que as artes liberais não ficavam bem às mulheres. A sua vida tem de ser doméstica, recolhida e triste. Só em certos meios mais cultos ou mundanos é que se permite algum tanto que desabrochem as flores «escandalosas» da beleza e da graça. E as capazes de versejar escondem, naturalmente, fora duma roda muito restrita, os documentos da sua inspiração pecadora — porque dão as leis os desembargadores e os frades, e porque o confessor caturra veria nos «favónios a beijar as rosas» uma imagem a pedir penitência e cilícios. Até ao Romantismo, as poetisas portuguesas escondem-se, pobres anjos! com receio de mil preconceitos ridículos ou estúpidos. Mas o amor nunca deixou de existir no seu peito, e com êle cantaram docemente (embora se dispersassem e perdessem) as redondilhas que esvoaçaram como lindas aves assustadas, e os decassílabos da elegia e da saüdade...

Modernamente, um vento higiénico varreu essas nuvens que intimidavam e afuguentavam as nossas escritoras. A cultura feminina enriqueceu-se. No excelente volume do snr. Catarino Cardoso encontrámos mais de cem poetisas — e quantas não faltam ainda! ¿Querem prova mais concludente do que vínhamos afirmando?

O livro *Namorados,* da snr.ª D. Virgínia Vitorino, é um dos que mais recentemente vieram marcar, e da maneira mais original e mais bela, na nossa bibliografia lírica. Livro delicioso, desde o título ao derradeiro verso. O título exprime à maravilha a série de sonetos do volume.

Não tenho eu a honra de conhecer pessoalmente a admirável poetisa que os escreveu. Senti-me, por isso, um pedaço confuso ao reler aquele soneto encantador a que chama *Velhice:*

> Concorda, meu amor: És desumano.
> Tenho sofrido tanto! Estou cansada.
> Cada ruga é uma lágrima chorada;
> Cada cabelo branco, um desengano.

Ora eu, que vinha a ler embevecido os sonetos do livro, como flores divinas e fragrantes duma juventude esplendente, devo dizer-lhes que fiquei perplexo, com a impressão um tanto dolorosa de que a minha psicologia se enganára completamente — e quási vergonhosamente — para quem na realidade já começou a envelhecer na vida, e na leitura de livros de amor... Pois quê! Que analista és tu do coração humano, pobre cronista melancólico e cansado, que vens até meio do volume, como que vogando num barco em que há festões de rosas dum amor juvenil e refulgente (embora com as tristezas e as agruras de todo o amor), e de repente

a poetisa fala-te em rugas, em velhice, em desenganos, em cabelos brancos... ¿Como é que essas páginas, em que o sol ainda passa, cantando por entre a farta folhagem das árvores em flor, em que sentimos o bater dum coração ansioso de viver, em que o próprio luar das melancolias e dos desalentos tem o que quer que seja do nosso luar de Agosto — luar tépido, como que impregnado de embriagantes redolências — sejam escritos por quem perdeu a mocidade, e viu sumir-se, como os alciões da tarde, o bando das ilusões esplêndidas que a envolviam? ¿De mais, se fôsse vélha, di-lo-ia no seu caso a poetisa? Todos dizem que não... Ouçamos o vélho Ovídio, que era mestre de namorados, na primorosa versão castilhiana:

> Não lhe perguntes nunca a idade!
> E mais se a prima flor é ida, a estação grata
> Quer passar, e já furta às lisas comas prata...

Mas não, não nos enganáramos! As *Abelhas Doiradas,* de Júlio Dantas, e ainda o volume de Catarino Cardoso vieram depois mostrar-nos à evidência que o soneto *Velhice* é mais um lindo paradoxo de amor — a que dantes chamariam talvez «licença poética». A snr.ª D. Virgínia Vitorino tem pouco mais de vinte anos. Exultamos por ela, em plena aurora ofuscante de talento e de vida; exultamos um pouco por

nós, que nos não iludíramos ao ver-lhe na fronte juvenil aquele diadema de loiros e de rosas, de que as Musas são tam avaras, e que tam cedo e amorosamente lhe teceram!

Namorados, como o título indica, não é um livro de paixão ardente, cujas línguas de lume nos escalde, ao lê-lo. O Amor voa ainda de leve e gracioso — mas já deixa, de quando em quando, entreluzir uma lágrima, à maneira do orvalho nos mal-me-queres matinais. Êsses sonetos são confissões deliciosas, inquietações, sobressaltos, conversas íntimas. Falam assim os namorados. Há aí conceitos duma fina e subtil originalidade. São números dum *Intermezzo* peninsular, onde a ironia dolorosa não tenta encobrir ainda os soluços lancinantes. A paixão que os inspira guarda o encanto e a magia de certas nuvens de oiro, que se diriam grandes molhos de crisântemos revoltos, cabelos flutuantes de deusas — que oxalá se não convertam jàmais em chuveiros fatídicos! Os períodos são rápidos, entrecortados, como de quem anota na carteira os seus estados de alma. O vocabulário é familiar, desartificioso. Não se trata, contudo, dum idílio meigo e róseo de pastoral. São páginas inolvidáveis de vida amorosa e quotidiana, que um anjo que já sofresse e já sonhasse tenha vindo escrevendo, como diria o vélho poeta — com uma pena arrancada das asas...

«O HOMEM LÔBO DO HOMEM»
«PORTUGAL EM CAMPANHA»

Com o título geral de *Comentário leve da Grande Guerra,* publicou Agostinho de Campos em 1915 o primeiro volume duma série: *Europa em Guerra.* Manda-nos agora mais dois volumes — *O Homem Lôbo do Homem* e *Portugal em Campanha.* Seguir-se hão mais três, em que o ilustre escritor reünirá o seu lucidíssimo comentário.

Êstes volumes vêm a ser um florilégio de pequenos artigos da colaboração de Agostinho de Campos, durante nove anos, no *Comércio do Pôrto* e no *Jornal do Comércio,* do Rio de Janeiro. Trata-se, como se vê, dum trabalho disper-

sivo e exaustivo de Jornalismo — êste Moloch de tantas actividades e talentos fulgurantes. Nessas páginas, nesses comentários penetrantes e conceituosos, quanto talento desbaratado às mãos cheias! Isso que o leitor percorreu de relance nas gazetas, com vista apressada, fútil ou mal atenta, que de acumulada cultura não encerra, que leitura vastíssima não representa nas sínteses tanta vez lapidares do escritor e do crítico, para quem nem há sequer o prazer voluptuoso de dar às formas do barro fresco e ainda húmido o *coup de pouce*, a delicadeza definitiva dos contornos! Tudo lá vai levado na vertigem da onda — como às florescências que, mal desabrocharam, um vento mau dispersa e leva em redemoínho... Tudo lá vai: a visão clara ou profunda da vida, o rasgão luminoso nas caligens pesadas, o conceito argucioso, a análise perfeita, desvendando as incógnitas, às vezes, de problemas — nesta dolorosa pesquiza da Verdade, quási sempre fugaz e mentirosa... E o escritor precisa de dar a profundeza com leveza aparente, de ter bom-gôsto e equilíbrio, de prender ao estilo os gnomos da ironia, ou aquelas penas com que o poeta faz os períodos alados. Ainda dentro dum tema — como o da Grande Guerra, neste caso — os assuntos entrelaçam-se tam variados e complexos, que a erudição do escritor é imprescindível. Não pode ela vir paramentada ou ostentosa,

senão na sua túnica flutuante e esbelta de rapariga helénica. O Jornal não é o Livro nem a Revista suculenta e pesada. Para o leitor latino, o Jornal é quási sempre uma mortalha de cigarro — quer-se leve, fina, às vezes perfumada. Que arda bem e de-pressa! O Jornalista é o fogueiro desta máquina enorme. Atira-lhe para a fornalha o combustível sagrado do seu coração e da sua inteligência, que lhe dá a fôrça e a vida com que ela conduz ou vai norteando os povos, combustível que é feito com o nosso próprio sangue, e que logo se perde ou se dispersa, tam semelhante ao fumo da locomotiva que passa... O Jornalista que é simultâneamente um escritor ou um artista, bem pode dizer como êsse grande e desgraçado Heine: «*Quand Horace donnait à l'auteur sa fameuse règle de laisser un ouvrage dormir pendant neuf ans dans le sécrétaire, il aurait du lui donner en même temps une recette pour vivre neuf ans sans manger. Quand Horace imagina cette règle, il était peut-être assis à la table de Mecène, et mangeait des chapons truffés, du pudding de faisan à la sauce de venaison, des alouettes persanes aux navets de Teltow, des langues de paon, des nids d'oiseaux indiens, et Dieu sait quoi encore, et tout cela gratis.*»

Agostinho de Campos diz-nos também que escreveu êstes artigos o melhor que pôde, mas

para ganhar a vida — e que os transcreve para o mesmo efeito. «Melhor fôra — continua — ter deixado tudo isso na vala comum do esquecimento em que jazia, mas o público tem recebido com simpatia outros dos meus trabalhos tam fragmentários e improvisados como êstes. O público promete assim, de modo implícito, que comprará os presentes livros, como comprou os anteriores. E o autor edita-os, principalmente, para que o público lhos compre.»

Esta franqueza e esta modéstia exigem uma resposta, e vem a ser que ninguém ganhou a vida mais nobremente nem mais honestamente do que o insigne escritor. E que todo o trabalho verdadeiramente exaustivo como êste, e onde há tanto oiro autêntico, se não deve perder. O público não se ilude, adquirindo os seus livros — e o autor convém de-certo em que, além dos motivos que alega, outro existe que delicadamente nos encobre, mas que o público com simpatia lhe demonstra: que as suas páginas são excelentes de ensinamento e crítica, de originalidade e clareza, e que é útil relê-las em horas mais tranqüilas. Nestes volumes, dum estilo próprio, elegante, de singular pureza, em que a imagem é duma graça desartificiosa e até tam saborosamente popular; em que a ironia tem por vezes o brilho doirado e a picada das vespas, há mil assuntos primorosamente resumidos, pon-

tos de vista subtis, documentos preciosos para o estudo dessa grande tragédia mundial — que dariam chorudos arrazoados a fazedores de calhamaços. Mas o jornalista tem de ser luminoso e sintético, sugestivo e atraente. A sua fadiga é semelhante à do Sisyfo da fábula, rolando constantemente o rochedo fatal. Bem poderá dizer como êsse bom Teófilo Gautier, que tanto o atacou no prefácio de *Mademoiselle de Maupin,* para vir a ser depois um dos jornalistas mais famosos de França: — «*Que de meules j'ai tournées, que de seaux j'ai puisés à ces norias hebdomadaires ou quotidiennes, pour verser de l'eau dans le tonneau sans fond de la publicité!*»

No incisivo e doutrinário *Post-scriptum* ao *Homem Lôbo do Homem,* elucida-nos, nesse sentido, Agostinho de Campos, dizendo-nos que êstes volumes representam para êle nove anos de heroísmo quotidiano e miúdo, gotejante e insistente — e que é por isso que os ama, e só por isso o envaidecem. E mais abaixo: — «*O Homem Lôbo do Homem* — coisa amarga e terrível, certamente! Mas o *homem, rato ou piolho do homem,* como se tem visto entre nós, irrita e enoja como coisa imunda e vil. E não esqueça que o piolho e o rato vão chocando o lôbo, à medida que a Fome toma posse do pobre país onde a Política se sustenta sôbre as muletas pôdres da ociosidade e do parasitismo.»

Sempre a apologia do esfôrço honesto e tónico, em meio de gozadores e de *blagueurs*, de tôda a jolda prevaricante ou inútil desta fita de cinematógrafo pavoroso — em que a figura angulosa de Schylok escuta as falas elegantes de Raffles, que por sua vez aplaude as manhas de Scapin: *Os Piolhos e os Ratos.*

«Cada português que trabalha tem que sustentar com o suor do seu rosto, além da mulher e dos filhos, uma ou mais células do organismo dêste monstro estéril e voraz. E o pão nosso de cada dia vem-nos roubado no pêso, porque já lhe falta a talhada que se destina ao escalracho incapaz de produzir flor ou fruto, couves ou ideias sãs, beleza, riqueza ou utilidade.»

Livros como êstes são dos que melhor espelham os autores, quando os autores tenham, como Agostinho de Campos, uma opinião clara e firme, e que antes queremos um pouco acrimoniosa, do que a esgueirar-se sinuosamente como as cobras — venenosa, covarde, traiçoeira como elas. O Carácter, num sentido que já nos parece arcaico, é um dos aspectos morais do insigne publicista. Êle pertence ainda àqueles portugueses «de antes quebrar que torcer» da quintilha do bom Sá de Miranda — que tiveram depois uma das figuras mais representativas em Herculano, «o D. João de Castro da burguesia do século XIX.»

Agostinho de Campos aborrece também o circunlóquio e a nuança. A mentira irrita-o. Voluntarioso, no corpo pequeno e magro encerra energias inquebrantàveis. O medalhão que nos desse o seu perfil entre os escritores contemporâneos, se entre nós houvesse algum dia um David de Angers, não seria de argila nem de mármore claro, mas de austero bronze, no qual se poderia gravar a divisa do Infante — *Talent de bien faire.*

Não se cuide, no entanto, que êste feitio moral, intransigente por vezes (se está convencido da virtude da sua doutrina) o converta num ser rebarbativo e erriçado, sem ternura e sem aquela bondade que é a maior glória do homem. Agostinho de Campos, sendo um educador prestigioso, tem de ser, naturalmente, comunicativo e afável. O que êle não quere é que as palavras sirvam jàmais, como a Talleyrand, para mentirem à nossa consciência. *Non fallit bonos mendax.* E dessa franqueza, que se vê em todos os seus escritos, nasce para alguns a impressão de rudeza.

Dos homens da geração a que pertenço nem muitos fizeram o elogio do trabalho, a não ser por mera divagação ou aparato sociológico. Mas que se não confunda o trabalho verdadeiro e fecundo de que trato, com a burla de ladravazes que espiam das baiúcas, para o assalto, o cami-

nheiro ingénuo. Fala-se daquele esfôrço que nobilita o homem, esmalta as civilizações, cria riqueza honesta.

Êsses poucos, tiveram de subir a ladeira escarpada, regando com suor o pedregulho revôlto, donde só raras vezes rompia a graça duma flor. As horas não tiveram para êles o som argentino e cantante, que há às vezes nas baladas. Não foram as do *Cortejo* de Guido Reni, em que tôdas, num ritmo voluptuoso, nos falam de beleza e da doçura da vida... Mas avançaram sempre contentes do seu esfôrço, e com o orgulho de haverem cumprido honradamente um dever. Todos êsses — honra lhes seja! — na medida das suas fôrças, avistaram moralmente aquela

> « Glória por trabalhos alcançada,
> Satisfação de bem sofridos danos. »

Dêsse grupo faz parte Agostinho de Campos, cujo grande talento se realça duma coroa cívica belamente conquistada. Tenho sempre, por isso, um grande prazer em o saüdar.

«POESIAS DE ALFREDO CARVALHAIS»

VENHO falar-lhes dêste poeta, que teve no Pôrto, onde faleceu em 1890, uma larga e justificada notoriedade. ¿Quem se lembra hoje dêle? Alfredo Carvalhais nasceu em Barcelos, em 1851; mas é no Pôrto que decorre quási tôda a sua vida acidentada e dolorosa.

Poetou bastante. Os seus versos, contudo, quási se perderam em jornais e publicações efémeras. Apenas nos deixou, em opúsculos, três poemetos camonianos e uma paródia à *Judia,* de Tomás Ribeiro. As restantes composições, que o sagraram poeta ilustre, tiveram a sorte das de muitos outros: dispersou-as o

vento, que tudo esfarrapa e dispersa... Venturosamente, de quando em quando, mão piedosa e amiga vem procurar, na poeira dos arquivos, as jóias que por lá jaziam sem aprêço e sem brilho — à maneira de pedras preciosas, que a sombra do tempo e o egoísmo dos homens deixaram tristemente apagar. Ninguém mais que os artistas sofre da ingratidão ambiente. Os exemplos são deploràvelmente abundantes. O culto póstumo, as homenagens aos que bem mereceram da sua terra, não teem ainda entre nós profundos alicerces morais. Nas letras, nas artes, na política, todos os dias nos surpreende como é tardia, quási sempre, a hora de justiça — quando essa hora chega! Falta lamentável de educação cívica, e, sobretudo, dêsse pedaço de gratidão e de bondade, que dorme encantado ou sepulto em nós mesmos, mas que leva tempo a encontrar, muitas vezes, como o filão de oiro das minas. Para julgar os homens nêste mar embravecido, é preciso descer, como os mergulhadores, às profundidades já tranqüilas do Oceano... Temos de olhar a vida no sentido do amor e da beleza. Na hora esfíngica em que vivemos, mais do que nunca reconhecemos que o valor das acções tem de pesar-se na nossa própria consciência. As obras hão de valer pela suprema luz que derramarem e pelo doce lume de amor que espargirem!

A obra de Alfredo Carvalhais vai ser brevemente publicada pelo snr. Álvaro de Castelões — que é um belo poeta e um grande nome. Honra lhe seja. É sempre grato ver que alguém leva às sepulturas esquecidas dos desventurados um fresco ramo de violetas...

Os versos de Carvalhais não encerram claridades guiadoras e augustas; a sua luz é lívida, como a que precede as tempestades, no mar alto; tem, contudo, relâmpagos admiráveis, que iluminam os precipícios por onde o poeta andava, a agarrar-se, com as mãos crispadas, aos alcantis que lhas rasgavam. Êsse volume será duma alta significação moral, como lição aos que procurem auscultar os marulhos da vida; vem laivado de sangue e de loucura; são na verdade estranhos os fogachos que o alumiam.

Creio que foi Guilherme Braga quem chamou ao Pôrto uma terra *poeticida*. Tinha razão o grande poeta. Êle próprio foi levado em plena florescência e em plena glória. Alfredo Carvalhais pertence também ao número dos que morreram cedo — e que ajudaram a cavar, por suas mãos, a cova em que repoisam. Foi daquele grupo de boémios que fizeram da vida um carnaval de pesadelo, em que os risos, afinal, retinem como lágrimas, caíndo cristalizadas nas taças esvaziadas da orgia. Era um temperamento acentuadamente mórbido, e a época em que

poetou e a vida que viveu serviam-lhe a exacerbar os nervos meio doidos. A sua biografia é, no fundo, um drama doloroso, que ressalta sangrento e fúnebre, como uma flor demoníaca e lutuosa, dos seus versos, das suas *boutades,* dos seus sarcasmos e misérias. A sua musa já não traz as rosas dos românticos; nos cabelos revôltos ennastram-se-lhe cinerárias e goivos. É de qualquer sorte semelhante àquela *Femme au Serpent,* de Clésinger, «marbe où la douleur ressemble au paroxysme du plaisir». Dos seus poemas exala-se um aroma perturbante e doentio. Carvalhais é um romântico transviado, do grupo a que o génio excelso de Junqueiro chamava «Lamartines de *Salpêtrière*».

Quando Carvalhais se lançára como poeta, extinguiam-se os carmes ultra-românticos. Os figurinos literários duram pouco; o que resiste e fica não são os figurinos. Nos cafés aclamava-se Baudelaire e os *Castigos.* O Naturalismo chegava, trazido nos ventos de França, inspiradora sempre de Portugal. Era uma época eivada de scepticismo, escarninha, iconoclasta. Alfredo Carvalhais foi, naturalmente, do seu tempo, por contágio e por índole. O seu romantismo cobriu-se com um dóminó de realismo satânico. Elisa já não vinha de branco aos miradoiros luarentos; desfolhavam-se-lhe as rosas da fronte; ia também, impudentemente, aos festins libertinos.

Alfredo Carvalhais passa então por tôdas as vicissitudes da boémia pobre. Alcooliza-se, increpa a burguesia opípara, criva de sátiras cruas o amor, faz espiritismo a sério, e um dia atravessa as ruas do Pôrto, gloriosamente — numa carroça do lixo. Tem um risinho sêco e cortante; faz jornalismo amargo; é odiado pela maior parte, temido de muitos, querido sòmente dos que tinham olhos para ver os lampejos da sua alma e o negrume fatal da sua desgraça. Êle próprio se chama umas vezes Falstaff e outras Job:

Eu vivo como um verme oculto na penumbra
Dos meus vélhos ideais, abandonado e só;
Se brilha o sol, não sei; o sol não me deslumbra...
Uns chamam-me Falstaff, outros chamam-me Job.

Nesse tempo há no Pôrto um grupo de homens de valor: Amorim Viana, Guilherme Braga, Silva Pinto, José Sampaio, Joaquim de Araújo, Narciso de Lacerda, Manuel Duarte de Almeida, falando apenas de alguns mortos. Carvalhais embirra insistentemente com Amorim Viana. Algumas anedotas completam-lhe o perfil. Certas noites entra nos botequins, e invectiva o autor da *Defesa do Racionalismo*. De bengala erguida, exclama: — Venham ver Falstaff a bater em Diógenes! — O público sorri-se. O filósofo

vai-se mudando, atarantadamente, de mesa para mesa; o poeta avança, espectral; o público ergue-se, borborinha, comenta... Então Amorim Viana sobe a um banco, bastante enfiado, encolhe-se, abre o velho guarda-chuva contra o poeta, e desata a gritar: — «Tirem-me p'ra lá o borrachão! Tirem-mo p'ra lá!»

Freqüentemente Carvalhais cria atritos, havendo pugilatos. Não raro se compraz em que o agridam. Certo negociante, melindrado por alguma partida do poeta, intima-o a que lhe não passe à porta — sob pena de lhe dar diàriamente uma sova.

Várias noites Carvalhais abandona misteriosamente os camaradas, para passar em frente do fero e agastado homem, antes que feche a loja. Lá vai, esbofado, porque a rua é distante. E é esmurrado, resignadamente, durante uma semana... Aqui, como tantas vezes, dir-se há que a dor o desvaira e consola. ¿Não lhes parece um caso de «masochismo» — que consiste, duma maneira geral, no prazer com o próprio sofrimento? A designação scientífica, em oposição a «sadismo», deriva de Sacher-Masoch, o estranho e admiràvel novelista dos *Contos Poleneses*.

Através de tôda a desventura o poeta mantém a sua veia sarcástica. Ela é, com efeito, o apêgo antigo de muitos desgraçados.

Duma vez entra-lhe pela redacção em que trabalha um farmacêutico portuense, homem honesto, a quem Carvalhais zurzíra com violência. Vendo que o poeta está só, o visitante fecha a porta por dentro. — ¿É o snr. Carvalhais? — Sim, senhor. — Sei que foi quem escreveu a local em que sou injustamente ferido. Venho exigir-lhe uma retratação imediata na fôlha, aliás dou-lhe um tiro.

O poeta ouve em silêncio o adversário possante, cujos olhos fuzilam. Êste insiste: — Vamos, resolva! — Em face do dilema, rectifico... responde tranqüilamente Carvalhais. — Bem, volta o farmacêutico, vou então escrever a rectificação, que o snr. publicará na íntegra. — Isso nunca! Isso nunca! exclama o poeta. O snr. dita, e eu escrevo e redijo...

E depois, com o risinho fino como um gume:

— Emfim, vélhos preconceitos de gramática...

De outra feita, o poeta lamentava-se de não exercer um lugar público, diante de um homem de influência, que o estimava. A sua situação era em extremo precária.

— Olhe, Carvalhais, veja se sabe dum lugar em que possa e queira ser provido, e avise-me...

Passaram-se meses. Certo dia entra o poeta, muito açodado, em casa do influente. Ia pedir-

-lhe auxílio: havia um lugar que lhe servia à maravilha, único que lhe convinha extraordinàriamente.

— ¿Em que repartição? — Não sabia: era na Alfândega... E como o influente pedisse mais algum esclarecimento, Carvalhais elucida-o: — Era um lugar delicioso! Bastava ir à Alfândega, e escrever num grande livro esta palavra: *Guedes*. Rendia quinze tostões diários, p'ra mais que não p'ra menos!

Nesse tempo havia na Alfândega vários empregados com aquele apelido, que assinavam o ponto e não voltavam lá...

Contam-se inúmeras anedotas do poeta, e a anedota é hoje inseparável do retrato e começa a fazer parte integrante da história.

A existência de Alfredo Carvalhais vai correndo como um rio túrgido que perdeu o leito, entre abismos pedregosos. Silva Pinto, seu semelhante em tantas arestas de temperamento, mas sempre generoso e com vivos clarões de afecto, ampara-o muitas vezes. Carvalhais continua espiritista, boémio, fatalista, noctâmbulo — encafuado num gabinardo alvadio: o «Homem Pardo», como lhe chamam os garotos ao vê-lo atravessar a Praça Nova, semelhante a uma sombra, alto, magro, lívido de insónias.

De repente, uma aurora de amor ilumina-o; e êle, que só tivera apóstrofes virulentas para a família, para a mulher, para a sociedade, escreve os seus mais belos versos — a Beatrice...

No período dessa paixão obcecante, Carvalhais anda num êxtasi de sonâmbulo. Por noites gélidas, segue de longe a mulher amada, e vai depois beijar o batente da sua porta...

As madrugadas álgidas de Inverno encontram-no ainda sentado no umbral da casa dela, como um cão ou um mendigo.

Oiçam-no:

Desmaia-se da rosa a nívea côr,
Da olaia amarelece a imensa côma,
Mas não se extingue o delicado aroma
Dêste primeiro e tempestuoso amor!

Perde o precito a crença, a paz e a fé,
Desfaz-se no penhasco a enorme vaga,
E a nossa íntima luz jàmais se apaga,
Passa a procela e permanece em pé.

Crê-se mendigo o avaro, e nunca diz
Onde oculta seus cofres cheios de oiro;
E eu, pobre, sou mais rico: o meu tesoiro
É teu seio de santa, alma infeliz!

Amamo-nos! e tanto, que não sei
Quem neste mundo amar já pôde tanto.
Causa-me até receio, e mêdo, e espanto,
O saber que jàmais te esquecerei.

.....

É de fogo êste amor que sinto em mim,
Como o abraço da morte aflige e oprime...
Tem a essência do mal, o odor do crime,
Que nos seduz, endoida e mata emfim!

Nós surgimos nas ondas dêste mar
Entregues aos vaivéns de iníqua sorte;
E embalde temos invocado a morte,
A morte — o prémio de quem sabe amar!

Nos versos a Beatrice, como acontece em Leopardi, não se separa a Morte do Amor. Êste, porém, redime tudo num deslumbramento estranho. Os olhos do poeta extasiam-se na beleza dum mundo novo, nunca vista por êles:

Se eu pudesse dizer-lhe como a amo,
Sem que ninguém me ouvisse a confidência,
Mostrando-lhe um poema em cada ramo,
E em cada ninho um berço de inocência...

.....

Ó redentora luz, celeste claridade,
Teus raios, como o sol, cobrem meus membros vis!

«Ecce Deus!» Tudo se purifica. É uma ressurreição maravilhosa.

Seguem-no através de paisagens de magia, nunca percorridas, visões que lhe segredam palavras eternas, que êle nunca escutára. É o mareante perdido, cuja barca, rôta das tormentas, vai dar a uma ilha encantada.

Na sua lira há apenas essa corda de oiro; na sua vida abre apenas essa divina flor. Só então vive profundamente; os outros passos perderam-se-lhe numa jornada extenuante e inútil.

O volume que o snr. Álvaro de Castelões vai publicar, lembrança adorável a reünir aos altos serviços de que há muito lhe é devedor o país, está dividido nas seguintes partes, com títulos do autor: *Beatrice, Desolações, Poemas do Lupanar, Epopeia da Vizinha.*

Se a primeira parte é, em nosso juízo, a mais bela; se é nesses poemas que Alfredo Carvalhais se revela, sobretudo, soberanamente, àparte uma ou outra nota de que é culpada uma escola que desnorteou muitos poetas, — em tôdas há scintilações que lembram as dos diamantes negros... As composições de Carvalhais são, na maior parte, decassílabas, poucas em alexandrinos, raras em versos menores.

A feição destas crónicas apenas nos permite transcrever um dos seus sonetos — *A Anã* — para dar ideia da «maneira» do poeta:

Era um monstro! Temiam-na as cadelas...
Já com trinta anos... e dir-se-ia infante;
Passava as noites ao sereno, errante,
Depois dormia dos quartéis nas celas.

Tinha aos milhões as sardas amarelas,
As sardas da Miséria no semblante.
Alta noite, êsse abôrto revoltante
Enchia de pavor as sentinelas.

No entanto, as grandes almas superiores,
Os Cristos da penumbra, os pensadores,
Cheios de sangue e lágrimas e brilhos,

Se a encontravam dormindo em qualquer rua,
Cobriam com seu manto a semi-nua...
Ela era vil... mas tinha quatro filhos.

Não teem cinzeladuras nem esmaltes mais ou menos parnasianos. Não faz isso parte da sua poética, nem se harmonizaria nunca com o seu temperamento.

Metrifica com facilidade, não se lhe adivinham torturas, nem tampouco desvelos na procura do termo mais sugestivo e próprio. Não é, de modo nenhum, um grande artista; é nativa e autênticamente um poeta, pobre de ritmos, que nem sequer retocaria os poemas, mas que os salpicou todos com o sangue vivo das suas próprias chagas...

Por isso a brasa dêsses versos não se apaga!

«IMPRESSÕES DE ARTE E DE TRISTEZA»

O PRIMEIRO livro da autora ilustre de *Impressões de Arte e de Tristeza* — a snr.ª D. Maria Madalena de Martel Patrício, que modestamente assina apenas Maria Madalena — foi publicado há uns cinco anos, com o título de *Le Livre du Passé Mort.*

É escrito em francês, e a excelsa poetisa de *Éblouissements* dirige-lhe estas palavras de justiça: — «*Vos poèmes, que je viens de relire, sont empreints de cette grâce mystérieuse, fluide et pénétrante, qui est une émanation de la véritable poésie.*»

O comentário frisa a nota essencial, e que mais valoriza o volume encantador. A snr.ª condessa Mathieu de Noailles poderia, contudo, ter acentuado que os alexandrinos da poetisa portuguesa eram, como factura, um primor delicioso. Não teem o ritmo serpenteante que lhes dá a variedade da cesura, e que torna o alexandrino trímetro, combinado com o clássico, semelhante ao decassílabo sáfico enlaçado musicalmente com o chamado heróico. Os alexandrinos do *Livre du Passé Mort* são clássicos, quanto ao recorte e ao ritmo, — mas dignos de serem firmados por qualquer dos mais finos poetas do «Parnasse». E além do valor pròpriamente formal, os versos do volume — que é na sua maior parte composto de sonetos — teem aquela fluidez e graça misteriosa a que alude a adorável poetisa de França.

Na poesia de abertura, única que difere na forma, confessa-nos a autora, num doce embalo de canção nostálgica:

J'aime les choses
Vagues, m roses,
Peuplant nos coeurs!

Na verdade, todo o volume está impregnado dum perfume inebriante — que é o da nossa Saüdade. Ainda escrito em francês, o

livro não deixa de ser nosso. A alma gentilíssima qne o enche de luar e aroma é divinamente portuguesa. A par disso, a ilustre senhora que o subscreve é um espírito de rara cultura e delicadíssimo, para quem são familiares tôdas as formas de Arte e de Beleza.

O livro evoca-nos épocas longínquas, e, entre outras coisas, fala-nos de vélhas sêdas, de jóias raras, de leques que adejaram nos salões de outrora, como a asa linda e leve da Graça e do Amor. Fala-nos de vélhos templos, dos antigos jardins melancólicos, onde as fontes soluçam de saüdade; e ergue orações ao encanto que se evola das belas coisas frágeis — às rosas, às pérolas, às rendas tam finas e leves como espumas dum doce mar da Itália, que esvoaçam e se desfazem semelhantes aos sonhos. Fala-nos das horas que fogem, com a pressa das ilusões que se esfarrapam — porque nós vivemos de quimeras, e quanta vez morremos de quimeras! Fala-nos de impressões fugitivas — de Génova, à hora em que os mármores são mais brancos; de Veneza, que é sempre nupcial; de Sevilha, matinal e ardente, que os laranjais enchiam de fragrâncias. E o volume termina por evocações incomparàvelmente sugestivas do Passado: da Hélade, da «vila de Adriano» no vale de Tíbur, dum castelo entrevisto no Reno, da Renascença italiana, evocada pelos mármores e açucenas de

Florença; de Versalhes, da Malmaison... E a admirável poetisa exclama, ao encerrar o volume delicioso:

> Faisons de notre coeur la grande cathédrale
> Pour garder les secrets de nos rêves passés.
> Laissons-les s'endormir à l'ombre de la dalle,
> Sous les rayons tombés des vitraux irisés...

*

* *

Ora o livro recentemente aparecido, escrito em português e em prosa, é ainda um formosíssimo volume de evocações. As *Impressões de Arte e de Tristeza* constam de duas séries: *Em Terra Nossa; Em Terra Alheia.* São paisagens e costumes de Portugal, impressões de arte, ressurreições do passado. Vemos cabildas de ciganos; ondula ao vento, em Maio, como um oceano, o trigo das lezírias; as heras de Sintra crescem e afagam as ruínas, ou enrolam-se aos cabelos das moiras encantadas. «Cada fôlha é um coração, cada coração de hera morre onde se prende...» Vem a Páscoa, trazendo braçadas de giestas floridas. Deslisam procissões. Nas salas dos vélhos solares os azulejos revivem os costumes perdidos. Na noite de Santo António, o taumaturgo lá vai, com o Menino ao colo,

colher cravos rajados e ver as raparigas dançar... Depois divagamos com a ilustre escritora pela França, pela Espanha, pela Itália — e em tôdas essas páginas se reflecte o espírito tam doce e tam subtil, que as envolve num *glacis* côr de rosa de todo o ano, em que há uma linda trama de fios de oiro...

Como dizíamos, êste livro está intimamente ligado ao primeiro. Tam certo é que, na maior parte dos casos, o livro de iniciação traz em gérmen tôda a obra futura do escritor.

Sente-se nêle o mesmo enternecimento, o mesmo enlêvo por tudo o que seja tradicional e poético, por tudo que tenha um fino cunho de Arte. De preferência, a autora contempla o que tenha uma asa de tristeza e de saüdade a esvoaçar-lhe em tôrno. Evoca figuras distantes, aureoladas na luz da juventude esplêndida, ou sumidas na História e nas neblinas da Lenda. Aqui é a Infanta Margarida da tela de Valasquez, «cujas mãos pequeninas desfolharam rosas nos jardins do Escurial;» depois, no Forum, Lívia resurge na sua casa em ruínas, escultural e magnífica, embrulhada no peplum de sêda violeta; depois é Santa Úrsula que dorme no vélho quadro de Carpaccio, como que afogada nos cabelos de oiro, a sonhar decerto com as revoadas de anjos, cujas asas de luar lhe vêm fazer o docel do leito pobre...

Como os grandes românticos, que serão sempre grandes poetas, as ruínas prendem à ilustre escritora os olhos ávidos de beleza. E sempre a prosa dessas impressões é clara e bela, sugestiva e rítmica, com irisações que não ofuscam, e dum lirismo esplêndido.

«Impressões de Arte e de Tristesa» que formam um livro encantador! Ramo de lilases pelo aroma, pela côr e pela graça. A alma de artista e de poetisa da snr.ª D. Maria Madalena de Martel Patrício espelha-se em todos êsses pequenos capítulos — nesses poemetos em prosa — à maneira da estrêla de alva e do luar de Agosto nas águas puras e claras. A vida não tem para a ilustre escritora os marulhos dum mar embravecido, nem os mistérios temerosos que tanta vez empalidecem os poetas que a auscultam. Também não é uma festa auroreal e estridente. É quási sempre uma elegia doce — com rouxinóis a cantar, pelas noites de Maio, em belas árvores cheias de aroma.

E se a Arte é a única flor da vida para o grande filósofo, para a insigne escritora a Arte e a Saüdade são as flores que mais inebriantemente lha perfumam.

«HISTÓRIA DA LITERATURA CLÁSSICA»

A História da Literatura Clássica, 2.ª época, (1580-1756), isto é, desde a morte de Camões, a par da perda da independência nacional, até ao estabelecimento da Arcádia Lusitana, que veio reagir contra as correntes dominantes — confirma seguramente as qualidades notáveis do snr. Fidelino de Figueiredo, que ocupa um alto pôsto entre os modernos historiógrafos da nossa Literatura. A sua crítica obedece a um plano scientífico, a que não é lícito negar erudição invejável, originalidade e solidez construtiva, e um método de eclectismo excelente, já apresentado pelo

ilustre publicista no volume — *A crítica literária como sciência.*

O snr. Fidelino de Figueiredo afirma: «Pode-se fazer sciência, quando se obtenham resultados scientíficos, ainda mesmo que as conclusões alcançadas não sejam susceptíveis de organização scientífica em princípios abstractos e gerais.»

Nós pertencemos ao número daqueles que pensam com um grande espírito latino «que o crítico pode ser orador, filósofo, historiador... Se o não é, poderá sê-lo. Tem ocasião de mostrar as mais raras qualidades intelectuais, e as mais variadas. E assim acontece quando se trata dum Sainte-Beuve, dum Taine, dum Weiss, dum Lemaître, dum Brunetière. Sem sair de si próprio, o crítico faz a história intelectual do homem. A crítica é a última em data de tôdas as formas literárias, e acabará talvez por as absorver a tôdas. Convém admiràvelmente a uma sociedade de alta civilização, cujas recordações sejam ricas e as tradições já longas. É particularmente apropriada a uma sociedade ilustrada e polida, e pressupõe mais cultura, para prosperar, do que tôdas as outras formas literárias. Teve como criadores Montaigne, Saint-Évremont, Bayle e Montesquieu. Procede ao mesmo tempo da filosofia e da história. Foi necessária, para que se desenvolvesse, uma época de absoluta liberdade intelectual. ¿A crítica substitui a

teologia, e, se procurarmos o doutor universal, o S. Tomás de Aquino do século XIX, não é verdade que pensamos logo em Sainte-Beuve?»

Afortunadamente, o snr. Fidelino de Figueiredo não é um exclusivista, como Brunetière, cujas famosas sabradas na crítica subjectiva tiveram apenas o fragor de momento e o brilho que lhes dava o poderoso dialéctico. O valente paladino da crítica objectiva, única que considerava bôa, não conseguiu convencer os partidários de Anatole France ou de Jules Lemaître. E o snr. Fidelino de Figueiredo, analisando o sistema crítico de Brunetière e reconhecendo-lhe uma grande segurança de método e uma probidade severa, confessa, contudo, que trunca o objecto de estudo, produzindo sectarismo doutrinário. E termina: «Apesar dum pouco hirto e sêco (um pouco, é gentileza), que obra admirável a dêsse crítico, tam coerente com os seus princípios directores e tam honestamente animado dum vivo desejo de objectividade.» De acôrdo, obra admirável — mas pela sagacidade do crítico e pelo seu talento, que não pelos seus processos. Faguet, que tanto diverge da maneira de Brunetière, considera-o, contudo, de primeira plana, — ao passo que ainda há pouco Léon Daudet o avaliava como «*un pauvre critique, dénué de toute logique et de tout sentiment littéraire.*» Visto já a distância, temos de con-

fessar que êsse evolucionista foi poderoso, honesto, respeitável — mas que esgrimiu no ar, e que na ânsia duma objectividade em grande parte quimérica, foi um grande crítico de Escola Normal. Polemista admirável, dêle afirmava, com o seu fino sorriso malicioso, o autor de *Chat Maigre:*

« C'est un rude assaillant. Il va de l'ongle et des dents, sans compter les feintes et les ruses. J'entends par là qu'en polémique il a diverses méthodes, et qu'il ne dédaigne point l'intuitive, quand la déductive ne suffit pas... »

Desde êsse já longínquo combate, até à hora presente, temos vindo sempre a averiguar que o homem pouco pode sair de si mesmo, e que em artes e em letras temos de contar sobretudo com a « equação pessoal ».

O snr. Fidelino de Figueiredo, que tende evidentemente para a crítica objectiva, admitiu no seu sistema todos os valores incontestáveis, o que torna excelente o seu corpo de doutrina, afirmando « que o exagêro na atitude impessoal levou alguns críticos a perderem a sua emotividade vibrátil e simpática, procurando sòmente evidenciar os caracteres da obra, como se a obra fôsse um produto de fria lógica e não de alada imaginação. O impressionismo — continua — cha-

mou a atenção para a obra, como produto estético, reabilitou a impressão, que, repetimos, é uma das gradações essenciais em crítica.»

Desta maneira, reconhecendo que não pode haver exclusivismos nem férreas intransigências em matéria ainda tam vaga como seja a da Crítica, o snr. Fidelino de Figueiredo vem realizando, com irrecusável proficiência, uma obra que é já vasta, e a que não falta vista de conjunto, subtileza de análise, riqueza de materiais e coerência. É certo que não partilhamos alguns dos seus pontos de vista, algumas das suas análises, aliás argutas e de lúcida exegese. De resto seria a primeira vez que dois espíritos estariam inteiramente de acôrdo em face do mesmo autor, e até do mesmo livro... O que não podemos é regatear ao publicista emérito o nosso rasgado aplauso pela sua obra honesta e forte — das mais autorizadas, das mais notáveis obras de Crítica que se têm feito entre nós.

*

* *

Entre vários pontos que desejaríamos versar à margem desta *História da Literatura Clássica,* um só poderemos aproveitar, de relance, mas dos mais curiosos — o que se refere à *Arte de Furtar.* Ventila-se, é claro, o vélho problema

bibliográfico da autoria da *Arte*. A hipótese do célebre livro apócrifo haver sido escrito pelo padre António Vieira foi posta há muito de parte. (Trata-se da edição de 1744, visto que tudo leva a crer que a de Amsterdam, de 1652, é uma edição simulada).

Arredada definitivamente pela crítica a autoria do grande António Vieira, pouco a pouco foram lembrados como autores encobertos da violenta sátira, «admirável reportagem de factos através das altas esferas da administração e da justiça,» diversos publicistas: o célebre João Pinto Ribeiro, Diogo de Almeida, Duarte Ribeiro de Macedo... Êstes nomes foram, pouco a pouco, categoricamente afastados. Veio depois à balha o de Tomé Pinheiro da Veiga — e o autor da *Fastigímia* teve críticos de relêvo que o aceitaram como autor do libelo. O snr. João Ribeiro e José Sampaio (Bruno) eram desta opinião. É evidente que nos é vedado explanar as razões críticas das opções, que são longas e podem ser estudadas nos trabalhos especiais.

Em 1917, porém, o snr. Solidónio Leite, «seguindo o trilho que, com a sua velada opinião, sugeriu Camilo, rebateu a autoria de Pinheiro da Veiga, e propôs a de D. António de Sousa de Macedo (1606-1682), em quem concorriam tôdas as circunstâncias enunciadas pelo au-

tor do *Amôr de Perdição*. No mesmo ano, o erudito brasileiro repetiu a exposição da sua tese, com maior cópia de argumentos, no livro *A Autoria da Arte de Furtar* «que verdadeiramente condensa o estado actual da questão» — diz o snr. Fidelino de Figueiredo.

O snr. Solidónio Leite compara o estilo da *Fastigímia* e o da *Arte de Furtar*, e os sentimentos dominantes numa e noutra obra, tam distantes pelos seus caracteres. Aponta a identidade de estilo entre a *Arte* e as outras obras de Macedo, em mais dum passo das quais encontra pensamentos e juízos, em embrião, desenvolvidos depois na *Arte*. Para o ilustre crítico, o ministro de Afonso VI reúne as condições necessárias para receber a autoria da sátira, a saber: conhecimento não só das cousas do governo, por uma prática de muitos anos, mas ainda do procedimento dos ministros e demais homens públicos; conhecimento também do govêrno e regimento dos tribunais; ter falecido em data posterior ao ano de 1664; haver exercido o cargo de juiz e conselheiro da Fazenda — e ser escritor de primeira ordem.

O snr. Fidelino de Figueiredo aceita a hipótese do escritor brasileiro, assentando em que seja D. António de Sousa de Macedo o autor do livro memorável, mas tam escandaloso, que se rebuçou cautelosamente, empregando os pro-

cessos mais hábeis para que de todo lhe perdessem vestígios das pégadas ilustres.

Em 1918 aparece, porém, na *Recapitulação da História da Literatura Portuguesa,* o volume *Os Árcades,* do snr. Teófilo Braga — e a crítica sôbre a autoria da *Arte de Furtar* entra numa nova fase. O eminente professor põe de lado todos os nomes apontados, e abertamente conclui que é Alexandre de Gusmão o autor do livro célebre. «É um dos mais lúcidos espíritos do século XVIII — diz o snr. Teófilo Braga — dotado duma visão crítica dos caracteres e da sociedade, que êle sabia desenhar no mais pitoresco estilo epistolar, e nos considerandos com que acompanhava os *Avisos* régios, quando despachava junto de D. João V, como seu escrivão da puridade. Tôdas estas excepcionais qualidades, e a situação particular como secretário, quando o rei avocou a si as questões da política internacional e o encarregava de interpretar as cifras diplomáticas e explicar-lhe as intrigas das côrtes estrangeiras, tudo isso lhe suscitava a imaginação para uma sátira da sua época, como a fizeram Rabelais, Cervantes e Pascal.»

Camilo havia-nos dito: «As *Cartas* de Alexandre de Gusmão caracterizam-lhe a perspicácia, a lucidez, a modalidade, para assim dizer, do pensamento, que já parece aquecido à luz do século XIX. Ri e satiriza com uma agudeza ori-

ginal nos estadistas. Quem o lê, e conhece os homens que o rodeavam na côrte de D. João v, imagina-o sobranceiro a uma chusma de parvoeirões, e acredita que a escola dos políticos do seguinte reinado a fizeram as suas doutrinas. As *Cartas* de Alexandre de Gusmão não se encarecem como obra escrupulosa de linguagem; mas na esperteza da observação, na solércia da crítica, para quem antepõe estudos sociológicos a preluxidades linguísticas, o secretário de D. João v excede António Vieira e D. Francisco Manuel de Melo.»

O snr. dr. Teófilo Braga apoia-se também em dados biográficos para assentar em que Alexandre de Gusmão foi quem escreveu a *Arte de Furtar*, que reflecte a corrente *anti-jesuítica* e faz afirmações de *regalismo*. «Desde 1734 ficou Gusmão encarregado dos despachos da secretaria do Estado para o Brasil; e foi neste complicado serviço que êle descobriu as variadíssimas fraudes e continuados roubos da Fazenda, a que opôs hábeis regulamentos e expedientes sucessivos, que melhoraram as receitas do Estado. Neste serviço se conservou até 1742, em que foi nomeado cavaleiro de capa e espada para o Conselho Ultramarino. É nestes curtos anos do despacho do Brasil que êle experimentalmente foi coligindo os casos e circunstâncias que coordenou nessa ficção artística de enge-

nhoso apocrifismo, que tem o título de *Arte de Furtar*, pelo padre António Vieira.»

Depois de várias considerações, o eminente escritor conclui desta sorte: — «Nos seus *Subsídios para a História Literária de Portugal*, frei Fortunato de São Boaventura considera Alexandre de Gusmão como o melhor prosador da primeira metade do século XVIII, e fundava-se apenas nos Decretos e Avisos régios que oficialmente redigira. Hoje, restituida a *Arte de Furtar* ao seu autor, forma-se uma ideia nítida do seu talento literário.»

Como vêem, é terminante a opinião do Mestre. Mas sendo certo — para os que não aceitem o seu parecer como irrefragável — que o problema fica circunscrito a D. António de Sousa de Macedo e a Alexandre de Gusmão, parece-nos que é o momento dum estudo comparativo, paciente e lúcido, entre o estilo dos dois com relação ao da *Arte de Furtar*. Êsse estudo, combinado com os outros elementos de que já dispõe a Crítica, deverá assegurar afinal, quási dois séculos volvidos, a autoria tam controvertida da formidável Sátira.

ÍNDICE

Pág.

O Movimento Literário 7
Vitória de Parsifal. 13
Gente Namorada 21
Barros (Primeira Década da «Ásia») 28
A Comédia de Lisboa 38
Últimos Versos do Abade de Jazente 44
Abelhas Doiradas 54
Poesias Dispersas 61
Aves Migradoras 69
D. João 78
A Sombra de D. Miguel 84
O Santo Condestável 94
Manual de História das Artes Plásticas 101
Primeiros Versos 108
Trancoso — Histórias de Proveito e Exemplo . . . 118
Camilo Homenageado — O Escritor da Graça e da Beleza 126
A Obra Póstuma de Eça de Queiroz 135

Pág.
Camões 145
Páginas de Sangue 153
Jesus 160
Os Lusíadas 166
Sonetos 175
El Portugal 184
Lira Romântica. 191
Camilo e os Médicos 199
O Melhor Casamento 205
Namorados 214
O Homem Lôbo do Homem — Portugal em Campanha 221
Poesias de Alfredo Carvalhais 229
Impressões de Arte e de Tristeza 241
História da Literatura Clássica 247

PQ
9011
B7

Brandão, Julio
Poetas e prosadores

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 16 018 0